

**Francisca de Sousa Pacheco Reis**

**SÍTIO DAS ARTES E CULTURAS  
DE CASTELO DE PAIVA**

---

**Trabalho de Projeto**

**Mestrado em Arquitetura**

**SETEMBRO, 2020**



**Francisca de Sousa Pacheco Reis**

**SÍTIO DAS ARTES E CULTURAS  
DE CASTELO DE PAIVA**

---

**Trabalho de Projeto**

**Mestrado em Arquitetura**

**SETEMBRO, 2020**





**Francisca de Sousa Pacheco Reis**

**SÍTIO DAS ARTES E CULTURAS  
DE CASTELO DE PAIVA**

---

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Arquiteto José Luís Guimarães.



Declaro que este Trabalho de Projeto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Porto, ..... de ..... de .....

---

Declaro que esta Dissertação / Relatório / Tese se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

---

Porto, ..... de ..... de .....



## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, pelos esforços que fazem diariamente para me verem alcançar os meus sonhos, por serem os melhores amigos de toda a vida e me ajudarem a ultrapassar todos os obstáculos, incentivando-me a ser feliz.

Aos meus irmãos, por acreditarem em mim e me acompanharem ao longo do percurso académico.

Aos meus avós, por estarem sempre comigo.

Ao Pedro, pela paciência, pelas palavras de incentivo constantes que me fizeram nunca querer desistir e pela ajuda incansável em todos os momentos.

Aos amigos que me acompanharam ao longo deste percurso, pelo espírito de entreaajuda e pela companhia nas horas de trabalho.

Ao professor José Luís Guimarães, pela orientação dada ao longo deste trabalho.



## **RESUMO**

### **SÍTIO DAS ARTES E CULTURAS DE CASTELO DE PAIVA**

**FRANCISCA REIS**

**PALAVRAS-CHAVE:** equipamento; paisagem rural; Castelo de Paiva; cultura; artes; arquitetura; espaço público; praça;

## **RESUMO**

Atualmente, as práticas artísticas e culturais estão direcionadas às zonas urbanas de Portugal, o que deixa os territórios rurais afastados destas atividades, que resulta num atraso do desenvolvimento local e na falta de ofertas artísticas frequentes. Isto reflete-se no envelhecimento populacional e na difícil permanência dos jovens na sua terra natal, pela falta de um ambiente estimulante e convidativo à sua fixação e de estratégias que impulsionem o desenvolvimento do foro artístico, criativo e cultural, potenciando o crescimento territorial e comunitário.

Os territórios rurais possuem memórias artísticas e culturais que não são devidamente exploradas e que podem contribuir para o desenvolvimento do território local. O projeto do “Sítio das Artes e Culturas de Castelo de Paiva” resulta num equipamento pensado para reavivar a cultura e as tradições de uma vila rural e é o resultado de um estudo realizado sobre o território de Castelo de Paiva, que demonstrou carecer de um programa artístico e cultural que pudesse reafirmar as memórias coletivas do passado, reconhecendo o seu potencial.

O lugar do projeto, localizado na entrada da vila, oferece ao equipamento a centralidade que este necessita para estar ao alcance de todos, colocando-se num ponto estratégico que lhe dá a visibilidade necessária. De arquitetura contextualista, o projeto contemporâneo envolve-se num meio rural e o equipamento surge embutido na natureza de forma a preservar a paisagem do local.

Um edifício multifuncional foi a opção encontrada para resolver várias problemáticas artísticas e culturais, mais propriamente no que refere à insuficiente divulgação dos ofícios tradicionais, permitindo que Castelo de Paiva, um território rico em tradições e saberes, tenha meios de partilha e de difusão dos mesmos, dando a conhecer os seus produtos e evidenciando a sua arte, salvando a tradição de se diluir no tempo e cair no esquecimento.

Um mercado, um auditório, ateliers artísticos e espaços de exposição, são parte integrante do programa proposto para o equipamento que, através de uma praça central que unifica todos estes elementos, se reflete num espaço coletivo e social, que providencia o encontro entre gerações e o desenvolvimento social da vila. A elaboração do projeto sustenta-se através de uma análise da cultura local e das necessidades do concelho e a sua conceção baseia-se em referências arquitetónicas e casos de estudo que permitiram encontrar a melhor solução para o mesmo.

O objetivo deste trabalho de projeto foi encontrar, através da arquitetura, uma solução que pudesse responder a questões reais e, neste caso, foi a partir desta arte que se encontrou a resposta para a divulgação de outras artes, que são parte da herança cultural da vila de Castelo de Paiva.





## OBJETIVO DO TRABALHO DE PROJETO

Partindo da intenção de trabalhar num terreno que se localizaria em Castelo de Paiva e, após um extenso tempo de procura e pesquisa por um espaço que pudesse receber um projeto de arquitetura com alguma capacidade, encontrou-se este terreno, o qual se destacava pela sua dimensão mas principalmente pela sua centralidade na vila de Castelo de Paiva, pois situava-se no principal ponto de entrada da mesma. Intervir neste terreno seria também com intenção de coser a malha da sua envolvente, que se encontrava assim rompida pelo vazio que ali se encontrava. Por estas características, principalmente, este terreno foi escolhido, pois poderia vir a servir um projeto que pudesse também vir a transmitir uma centralidade e ter a capacidade de valorizar significativamente a vila de Castelo de Paiva – e esse seria o objetivo primordial do projeto de arquitetura que viria a ser proposto. De outra forma nem faria sentido propor um projeto que não fosse significativo para o desenvolvimento da vila, e que não tivesse a capacidade de transformá-la, colocando-a em destaque no norte de Portugal. A principal necessidade foi questionar: o que Castelo de Paiva precisa? A ideia de projetar um equipamento cultural surge após um estudo aos equipamentos existentes em Castelo de Paiva e perceber que existia uma lacuna a nível artístico e cultural. Através de uma pesquisa intensiva, e de contacto com alguns habitantes da vila, chegou-se à conclusão que a resposta para essa pergunta seria precisamente isso – um equipamento artístico e cultural, que pudesse servir vários eventos com essa vertente, um equipamento do qual Castelo de Paiva carecia. Sendo este um destino já atrativo pelas suas vinhas, as minas, os campos, as serras e o rio, existe a necessidade de propor um equipamento que complemente todas estas qualidades, tornando assim o concelho de Castelo de Paiva mais evoluído a nível cultural.

Dentro deste contexto, é importante reconhecer a importância entre esta vertente artístico-cultural e a população, articulando o seu uso de forma a poder servi-la e de certa forma, criar uma fixação da mesma na vila. Desta forma, um dos grandes objetivos deste projeto é também esse, colmatar a falta de serviços que fazem com que a população tenha que sair da sua zona de residência à procura de outro tipo de atividades como concertos, cinema, exposições de arte, que neste momento não acontecem com regularidade em Castelo de Paiva. E porquê? Porque não existem equipamentos que tenham capacidade para servir eventos de caráter cultural de grande dimensão. Desta forma, permite-se que a população, principalmente a população jovem, se mantenha mais tempo na vila. Se o



equipamento proposto disponibilizar este tipo de opções, haverá também uma forma de colmatar a falta de dinamização social e de oferta a nível artístico e cultural, possibilitando assim o desenvolvimento e até o comércio local. Com a riqueza artística que Castelo de Paiva contém e a necessidade dos intervenientes exporem a sua cultura, este equipamento irá providenciar um núcleo de partilha de costumes, possibilitando aos visitantes conhecerem a grandeza artesanal que Castelo de Paiva tem para oferecer, assim como irá disponibilizar à população paivense as ferramentas necessárias para recriar, ampliar e dinamizar as suas tradições. De forma a que estas não caiam no esquecimento, cria-se então um equipamento que possa incitar uma evolução cultural, juntando todo o potencial artístico e cultural de Castelo de Paiva, num espaço multifuncional que providencie o reencontro entre gerações. Este espaço, será capaz de entrelaçar o tradicional com o moderno, onde os mais velhos podem partilhar os seus saberes e ofícios com os mais novos, e vice-versa. Para além disto, o equipamento proposto está inserido numa praça que permite o encontro entre a população, criando um núcleo central que potencializa esse encontro entre gerações, sendo também este um dos objetivos fulcrais do projeto proposto.

Falando do ponto de vista da inserção do equipamento no terreno, deve referir-se ainda que o objetivo principal era intervir o mínimo possível na paisagem rural de Castelo de Paiva. Surge então a ideia de propor um equipamento moderno, que estivesse na vanguarda, mas que se integrasse no terreno sem danificar nem desvalorizar o contexto paisagístico rústico em que se insere. Esta ideia do conceito do projeto vem claro com a intenção de modernizar e melhorar o centro de Castelo de Paiva e a entrada na vila. Assim, de forma sumariada e enumerada, definem-se vários objetivos para o trabalho de projeto, são estes:

1. Reconhecer os problemas/lacunas existentes na vila de Castelo de Paiva;
2. Melhorar a vila de Castelo de Paiva, criando uma obra de destaque no norte de Portugal, que reconheça o seu potencial criativo, artístico e cultural;
3. Criar um equipamento moderno, que esteja na vanguarda, sem danificar nem desvalorizar o contexto paisagístico rústico de Castelo de Paiva;
4. Reconhecer e divulgar a importância do património, da herança cultural, e da memória coletiva;
5. Fortalecer o (re)encontro entre gerações;
6. Potencializar a fixação da população jovem;
7. Coser a malha envolvente ao terreno de intervenção.



# ÍNDICE

<b>1. Introdução</b>	1
<b>2. Enquadramento e Contextualização</b>	
2.1 Enquadramento Geográfico e Morfológico	7
2.2 Contexto Histórico	13
2.3 O lugar	19
<b>3. Casos de Estudo/Referências Projetuais e Construtivas</b>	31
3.1 Casa das Artes de Miranda do Corvo – FAT Architecture	33
3.2 Parque Ibirapuera – Oscar Niemeyer	37
3.3 Casa em Moledo – Eduardo Souto Moura	43
3.4 Fórum Carmen Würth - David Chipperfield	47
3.5 Teatro-Auditório Linnars del Valles – Álvaro Siza Vieira	51
3.6 Reflexões Finais	55
<b>4. Proposta de Intervenção</b>	
4.1 Problemáticas e Pertinência do Trabalho	59
4.2 Processo Evolutivo do Projeto	73
4.3 Projeto Final	
4.3.1 Tema/Ideia	85
4.3.2 Programa Proposto	99
4.3.3 O projeto	105
<b>5. Conclusão</b>	127
<b>6. Bibliografia/Referências Bibliográficas</b>	129



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ARU – Área de Reabilitação Urbana

CAOP - Carta Administrativa Oficial de Portugal

CICL – Centro de Interpretação da Cultura Local

CMCP – Câmara Municipal de Castelo de Paiva

COS – Carta de Ocupação do Solo

EM – Estrada Municipal

EN – Estrada Nacional

PDM – Plano Diretor Municipal

PU – Plano de Urbanização





## 1. INTRODUÇÃO

Quando se fala sobre o valor da cultura e das artes, é sempre necessário questionar: “De que forma a cultura e as artes são importantes para a sociedade?” “De que forma é possível viver sem o valor que estas transmitem?” Na verdade, é possível até afirmar, que é isto que constitui uma sociedade. É importante entender este tema como algo que está intrínseco na vida humana, que faz parte dela. A vida, sem museus, bibliotecas, teatros e galerias e sem a expressão pessoal da literatura, da música e da arte, seria estática e estéril.

Ao longo da elaboração deste projeto, foi imprescindível refletir sobre a importância do tema da cultura e das artes para a sociedade, pensando de que forma a arquitetura pode contribuir para a sua difusão quando se trabalha sob um panorama “rural”. Aqui, torna-se ainda mais importante esta difusão, de forma a impedir que sejam deixadas em esquecimento as memórias coletivas do património, a herança cultural de outros tempos e os ofícios tradicionais criativos que ainda se realizam. É assim importante repensar o papel que a cultura e as artes detêm nos territórios rurais, e reconhecer a sua importância no desenvolvimento e na melhoria destes meios. A produção artística e cultural tem um papel fundamental na economia, na cultura e na sociedade e, este tipo de manifestações, refletem a cultura de uma região e a sua forma de expressão.

Ao criar meios de manifestação destas artes e ofícios, através das atividades criativas e de projetos artísticos e culturais, estão a criar-se oportunidades de desenvolvimento da sociedade, colocando-a com um papel ativo nestes meios de expressão e com o objetivo principal de impedir que estes caiam no esquecimento e voltem a fazer parte do processo criativo da comunidade. Com o envelhecimento populacional, e com a saída dos jovens para as zonas centralizadas da cidade, é importante desenvolver estratégias que possam fixar os jovens, criar envolvimento entre estes e as atividades artísticas e culturais, criando um fator motivacional para que estes não escolhem ir viver para outro lugar. Assim, é determinante para a sua permanência, realizar atividades artísticas e culturais que promovam o convívio entre gerações, e proporcionem o desenvolvimento social da população. Para que isto aconteça, é necessário que existam meios e locais onde estas atividades se possam realizar.

É através destas problemáticas que surge uma primeira intenção de projeto. Trabalhar num terreno que se localizaria em Castelo de Paiva sempre foi uma ideia determinada, e a escolha deste, entre tantos outros, tornou-se mais óbvia devido à



centralidade e às características do mesmo. Após uma primeira abordagem do local, foi possível esboçar uma primeira intenção de projeto, mas só após um processo criterioso de investigação e de levantamentos, foi possível conceber uma ideia final. No exercício que representa o último momento deste percurso de estudos, é importante manter uma seriedade em relação aquilo que foi aprendido ao longo dos anos, e aquele que é o processo devido para a formulação de um projeto de arquitetura. Este percurso sério e legítimo, fez que quando chegasse à fase de desenvolver um programa tivesse informações qualificadas, e estas permitiram fazê-lo de forma ponderada e estudada. Assim, a primeira abordagem foi ir ao local, observar, desenhar, fotografar, recolher informações, fazer o levantamento, estudar o terreno e a sua envolvente, sem nunca intencionar um projeto. Após esta recolha de informações e dados, passando por todos momentos de processo sem queimar etapas, e juntando tudo o que teria sido descoberto até ao momento, foi possível começar a idealizar um programa que correspondesse às necessidades locais e que seria o conceito desde projeto de arquitetura.

Através do estudo do local e dos equipamentos existentes, foi possível verificar que faltava em Castelo de Paiva um equipamento de carácter artístico e cultural, que pudesse através da sua multifuncionalidade, acolher vários espaços neste contexto.

“Castelo de Paiva é um território rico em saberes, tradição e cultura. Ao longo dos tempos os paivenses apropriaram-se da paisagem, adaptaram-se ao seu ritmo e desenvolveram artes, ofícios e culturas que foram sustentando o desenvolvimento desta comunidade. Até um passado bastante recente, antes da generalização da tecnologia e da industrialização do concelho, a população fazia a sua vida sustentada nos ofícios tradicionais. (...) Atualmente grande parte destes ofícios perdeu a sua importância económica, sendo mantida pelos seus promotores apenas por gosto pela arte.”<sup>1</sup>

É através da arquitetura que se cria a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade que quase no seu geral esqueceu as artes, os ofícios tradicionais, a cultura... É através da arquitetura que se pode impedir que a cultura seja deixada no esquecimento, e que é possível contribuir para o desenvolvimento da sociedade e da economia local, criando lugares que possam estabelecer ligações entre o espaço urbano e o coletivo, entre os jovens e os mais velhos, entre a comunidade e a cultura, entre o espaço social e o criativo.

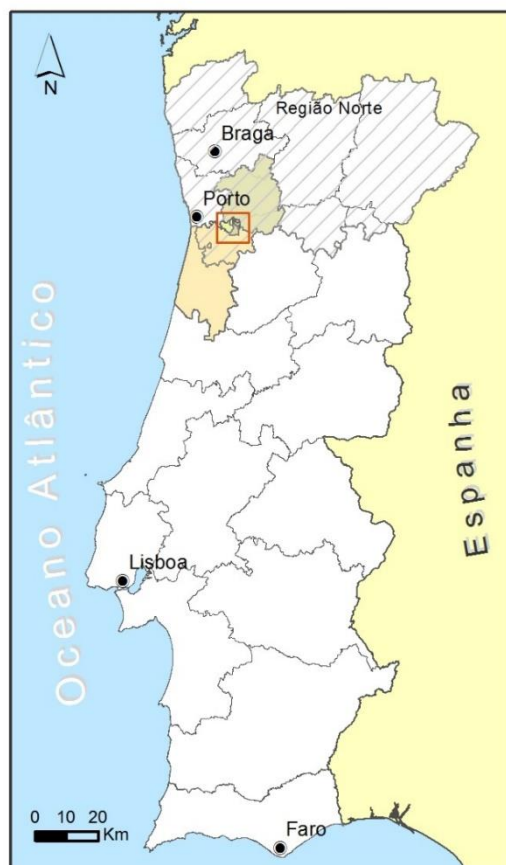
---

<sup>1</sup> Câmara Municipal de Castelo de Paiva, 2019. Rota dos Ofícios Tradicionais da Terra de Payva [Folheto Informativo em Livro]

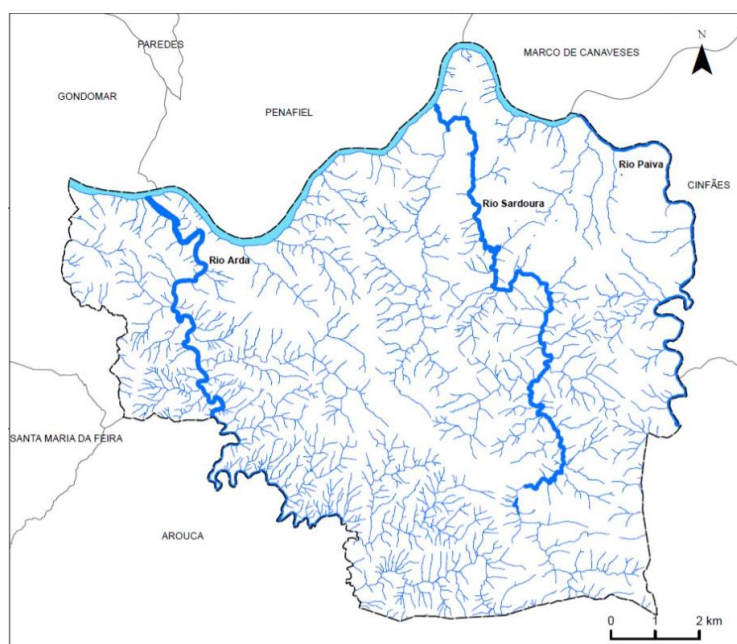


O tema e o conteúdo programático deste trabalho de projeto foram idealizados de forma a dar resposta a tais problemáticas, e com a intenção de relembrar e promover a importância da cultura e das artes no contexto da sociedade em geral, mas neste caso em particular, no concelho. Assim, surge a ideia de projetar o “Sítio das Artes e Culturas de Castelo de Paiva”, um equipamento que como o nome indica tem uma génese artística e cultural que deve também ter um carácter social e coletivo, e contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

Intervindo num terreno de topografia difícil, e tendo em conta a sua envolvente próxima e não próxima, era importante intervir o mínimo possível na topografia natural. Desta forma, o edifício surge em harmonia com o terreno, este aspeto visualiza-se volumétrica e espacialmente na proposta de arquitetura. Aqui, o sítio ajuda a fazer o projeto, é a partir do território que se chega a uma ideia de arquitetura.



**Figura 1.** Mapa de Portugal – Localização de Castelo de Paiva na Região Norte  
 Fonte: CAOP 2018. C.M. Castelo de Paiva. Sistema de Referência: PT-TM06/ETSR89. Ilustração: Francisca Reis



**Figura 2.** Rede Hidrográfica de Castelo de Paiva  
 Fonte: [http://pdm.cm-castelo-paiva.pt/PDM2/images/fotos/documentos/1\\_CC\\_CASTELO\\_PAIVA.pdf](http://pdm.cm-castelo-paiva.pt/PDM2/images/fotos/documentos/1_CC_CASTELO_PAIVA.pdf)

## **2. ENQUADRAMENTO E CONTEXTUALIZAÇÃO**

### **2.1 Enquadramento Geográfico e Morfológico**

O concelho de Castelo de Paiva situa-se no extremo nordeste (NE) do distrito de Aveiro e faz parte da província do Douro Litoral, confinando com as Beiras. Inserindo-se na sub-região do Tâmega, pertence à Comunidade Urbana do Vale do Sousa. O seu território forma um quadrado delimitado por marcos naturais – a norte, o rio Douro separa-o dos concelhos de Marco de Canaveses e Penafiel; A nascente, é limitado pelo rio Paiva que o separa do concelho de Cinfães; pelo Sul, é limitado por uma sequência montanhosa constituída pelo monte de Sto. Adrião, fazendo fronteira com o concelho de Arouca; a poente, é o rio Arda que o demarca de Arouca e é delimitado ainda pela freguesia da Lomba, Gondomar.

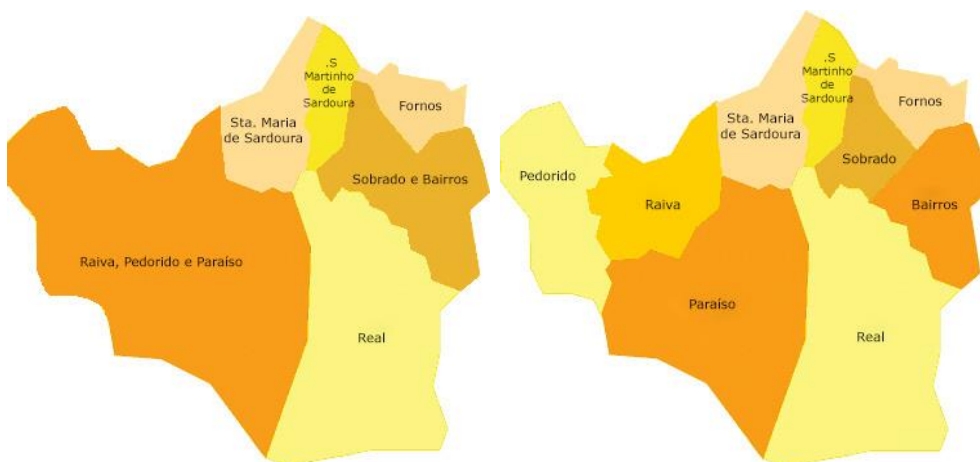
Situa-se a cerca de 45 quilómetros da cidade do Porto e embora se situe mais perto deste distrito, Castelo de Paiva é hoje um Julgado Municipal que pertence à Comarca de Aveiro, sendo o mais distante da sede do seu distrito. O concelho, integrado na Diocese do Porto, atinge uma superfície de cerca de 115 quilómetros quadrados, uma área maioritariamente acidentada com diversas elevações e vales, que acolhe uma população que ronda os 17 mil habitantes. Segundo os últimos censos, realizados em 2011, o número total de habitantes inclui 8302 mulheres e 7553 homens, sendo que 50% da população é representada por adultos entre os 25 e os 65 anos de idade. Nos últimos anos assistiu-se a um decréscimo considerável relativamente ao número populacional, mais acentuado no que respeita à população jovem. A população entre os 15-25 sofreu uma diminuição significativa, mas foi entre os 0-14 anos que houve um maior decréscimo.

A região é cortada por uma rede de cursos de água, que se lançam no Douro, depois de descreverem percursos muito sinuosos. Como descrevia a investigadora histórica Margarida de Pinho, “Castelo de Paiva é uma faixa de terra caprichosamente recortada entre as províncias da Beira e do Douro e por isso participa das belezas naturais dessas duas tão lindas e cantadas regiões. A luxuriante vegetação que a cobre de lés a lés, espalhada ao sabor da Natureza, ora nos lembra a visão da Beira com as suas leiras viçosas e férteis, ora a beleza agreste das altas serranias que são a imponente moldura do magestoso quadro duriense!”<sup>2</sup>

Sendo um dos 19 municípios do distrito de Aveiro, atualmente é composto por

---

<sup>2</sup> PINHO, Margarida Rosa Moreira de. 1991. Elementos para a História de Castelo de Paiva. Castelo de Paiva: ADEP, p.7



**Figuras 3.** Freguesias de Castelo de Paiva, antes e depois da reorganização administrativa.  
 Fonte: <https://www.flickr.com/photos/9480263@N02/2512725177/lightbox/>  
 Ilustração: Francisca Reis



**Figura 4.** Altimetria do concelho de Castelo de Paiva  
 Fonte: CAOP 2014. C.M. Castelo de Paiva. Adaptado de: Gonçalves, C.M.F. (2014) Modelação e validação da suscetibilidade à ocorrência de deslizamentos no concelho de Castelo de Paiva. Tese de Mestrado em Sistemas de Informação Geográfica e Ordenamento do Território. FLUP, Porto. p. 13. Sistema de Referência: European Terrestrial System 89TM96



6 freguesias, vendo assim o seu número reduzido de 9 para 6 na última reorganização administrativa. Deste número inicial, realizou-se a união entre as freguesias de Sobrado e Bairros, e as freguesias de Raiva, Pedorido e Paraíso. São estas as 6 freguesias – Fornos; Raiva, Pedorido e Paraíso; Real; Santa Maria de Sardoura; São Martinho de Sardoura; Sobrado e Bairros - sendo esta última a sede do concelho.

Topograficamente, o território paivense atinge uma cota máxima de 640 metros, no monte de Santo Adrião, seguido do monte de S. Domingos com 421 metros, o Alto de S. Paúl com 359 metros e o de S. Gens com 328 metros de altitude.

No concelho de Castelo de Paiva distinguem-se duas áreas geológicas – uma que abrange a zona NE do concelho, que inclui as freguesias de Bairros, Fornos, Sobrado e Sardoura e que tem o seu solo constituído essencialmente por granitos azuis, dente de cavalo e por terras arenosas, devido à sua proveniência granítica. No resto da área do concelho – parte da freguesia de Sardoura, Raiva, Pedorido, Paraíso e Real, o solo é maioritariamente constituído por formações paleozoicas onde abundam os xistos quartzíticos e argilosos, zona esta onde se praticam explorações mineiras, especialmente de carvão. O território é tradicionalmente rural, e o seu passado foi marcado pela exploração carbonífera das Minas do Pejão.

Tradicionalmente, a maior e mais rápida via de comunicação existente na região era o Rio Douro que “(...) assistiu, sereno ao despontar de modernas estradas, acolhendo sempre, de bom grado, os barcos que o sulcam – ainda hoje – mas agora quase que exclusivamente destinados ao transporte de mercadorias.”<sup>3</sup> Nos dias de hoje, o concelho é atravessado por inúmeras estradas que partem do seu centro conectando-o às comunidades intermunicipais envolventes, projetando o território de Castelo de Paiva no contexto regional potencializando assim o seu desenvolvimento. Para além destas redes viárias, a construção de pontes facilitou essa ligação, como escrevia Guido de Monterey, “(...) neste final do século XIX, não são apenas boas as estradas, mas de incomensurável valor as pontes que atravessam os rios Douro, Paiva, Arda e Sardoura, tornando o concelho de Castelo de Paiva não só comunicável entre si, mas também com o exterior.”<sup>4</sup>

O concelho está inserido na Rota do Românico distinguindo-se pelo seu património arqueológico e arquitetónico, que se encontra ao longo do percurso entre as suas freguesias. Este legado, associado às suas propriedades geográficas do território paivense, faz deste concelho um potencial turístico a ser explorado.

---

<sup>3</sup> PINHO, Margarida Rosa Moreira de. 1991. Elementos para a História de Castelo de Paiva. Castelo de Paiva: ADEP, p.14

<sup>4</sup> MONTEREY, Guido de. 1997. Castelo de Paiva, Terras ao Léu. Porto: Babel, p.216



**Figura 5.** Vista sobre o Rio Douro, Monte de S. Domingos.  
Fonte: Francisca Reis

Atualmente conhecido pela produção do vinho verde, pela sua gastronomia e pelas suas paisagens naturais de caráter rural, que incluem vários trilhos de montanha, Castelo de Paiva é um destino com alguma procura turística. Ainda que se continue em grande quantidade a produção agrícola (de cereais, batata, azeite...), o que representa um sustento para grande parte da população, Castelo de Paiva tem apostado na renovação económica, através da atividade fabril. Atualmente existem várias zonas industriais com unidades fabris, que se destacam na área dos têxteis, calçado, madeiras e mobiliário, metalomecânica, entre outras. Os setores da produção fabril e da agricultura representam grande parte dos postos de emprego no concelho.



## 2.2 Contexto histórico

As terras do atual concelho de Castelo de Paiva têm feito parte, ao longo do tempo, de vários territórios, surgindo-nos designações diferentes de acordo com a época. Castelo de Paiva encontra-se geograficamente bem colocado, e por essa razão constituiu ao longo dos tempos um núcleo atrativo para inúmeras civilizações, que se fixaram no seu território tirando proveito da riqueza que este lhes proporcionava, tendo isto vindo a acontecer desde a pré-história. A existência de monumentos megalíticos encontrados ao longo do concelho confirma esta presença, remontando à idade pré-histórica da pedra polida, ao neolítico, altura em que o homem começa a habitar em povoações.

No território de Castelo de Paiva evidencia-se também a presença romana através de monumentos funerários medievais, dolmens e castros, que se encontram no cume dos montes ao longo do território. Outrora, terá existido um castro<sup>5</sup> do qual até se acredita ter sido proveniente a denominação de Castelo, de Castelo de Paiva. Ainda assim, não existem muitos vestígios das populações pré-romanas que habitaram esta região, porque acredita-se que estes povos depois de lutarem entre si, e à medida que sucediam as invasões, acabaram por se fundir. A rudeza e localização dos castros no cimo dos montes demonstra o quanto seria simples a vida destas sociedades primitivas, que viviam na independência, regendo-se por costumes próprios.

Mais tarde, na Idade Média, a região de Castelo de Paiva fazia parte do território da Anégia e ainda que não se conheçam rigorosamente os limites deste, acredita-se que “começava na parte superior do rio Ferreira, conglobava a parte inferior dos rios Sousa e Paiva, tendo a Sudoeste os limites que hoje tem, mais ou menos, o concelho de Castelo de Paiva, possuindo ao Sul do Douro, portanto, as terras que ficavam águas vertentes da Serra Seca.”<sup>6</sup> e que as terras do concelho fizeram parte deste território entre o século VIII e o século XI-XII, altura em que são integradas no território portugalense. O território de Anégia era limitado a sul pela Serra Seca, que compreendia a sequência montanhosa constituída pela Serra Alta (Monte de Sto. Adrião), Cerquidelo, Arregaio, Gamarão, Serra da Vala, etc. Este conjunto, delimitava não só as terras de Paiva, mas também a de Arouca. Como pertencentes ao território de Anégia, aparecem em terras de Paiva, a freguesia de

---

<sup>5</sup> Castro: lugar fortificado das épocas pré-romana e romana, na Península Ibérica; castelo antigo.

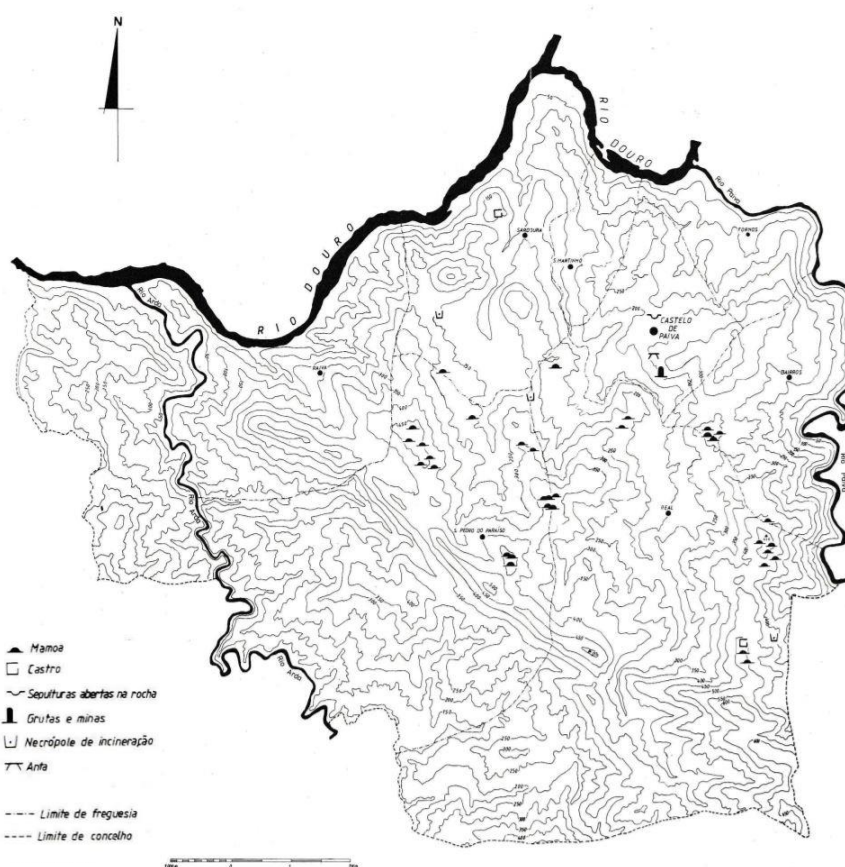
<sup>6</sup> PINHO, Margarida Rosa Moreira de. 1991. Elementos para a História de Castelo de Paiva. Castelo de Paiva: ADEP, p.66



**Figura 7.** Território da Galiza (*Galécia*), Século 6.

Fonte: Adaptado de: Alexander Vigo -

<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=12275067>



**Figura 8.** Inventário Arqueológico de Castelo de Paiva. Implantação de Monumentos.

Fonte: SILVA, E., ROCHA, M., LOUREIRO, O. & MONTEIRO, C. 1996. Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Paiva. Porto: Universidade Portucalense.



Bairros e as terras banhadas pelo rio Sardoura, que ainda corre hoje, com o mesmo nome, nas freguesias de Real, Sobrado, S. Martinho e Santa Maria de Sardoura.

“Só a partir do século XI, e com a reconquista definitiva da região, é que se começa a forjar a verdadeira identidade da desde então chamada Terra de Paiva.”<sup>7</sup> A terra de Paiva, fazia parte da Galiza, que era coordenada por diversos condes, e os seus territórios variavam de extensão, estando muitas vezes sujeitos a outro conde ou vice-rei de província. Entre esses territórios, refere-se, desde meados do século XI, o do Condado Portucalense, no qual, como se verificou anteriormente, estavam incluídas terras pertencentes a Paiva e, ao mesmo tempo, ao território de Anégia. A partir de 1062, a terra de Paiva aparece sempre como pertencente ao território portucalense. Desta época, encontra-se na freguesia de Sobrado, hoje a principal freguesia do concelho, um documento monumental. No lugar de Meia Laranja, como é denominado, perto da entrada da Casa da Boavista, encontra-se um marmoiral, “de pequena elevação, formado por duas pedras sepulcrais, em diferentes planos, sustentadas por cabeceiras de remate discoide, ornadas de cruces latinas na parte exterior e assentes noutra pedra que serve de base.”<sup>8</sup> Ainda que não haja uma prova concreta, acredita-se que a função deste tipo de monumentos se relaciona com uma sepultura fúnebre, embora tradicionalmente se considere também um padrão comemorativo. O monumento está colocado à beira de um caminho, como acontecia nos tempos romanos, em que era costume colocar as sepulturas nestes sítios, para os simbolizar e também para chamar à atenção de quem passava. Este marmoiral, terá sido um ponto de paragem aquando do transporte da Rainha D. Mafalda, a caminho do convento de Arouca. Para além deste, existem ainda no concelho de Castelo de Paiva outros monumentos classificados, tais como, a Anta do Vale da Rua, o Pelourinho da Raiva, a Quinta da Boavista, a Quinta da Fisga, a Capela da Quinda de Vigide, o Penedo de Vigide, entre outros.

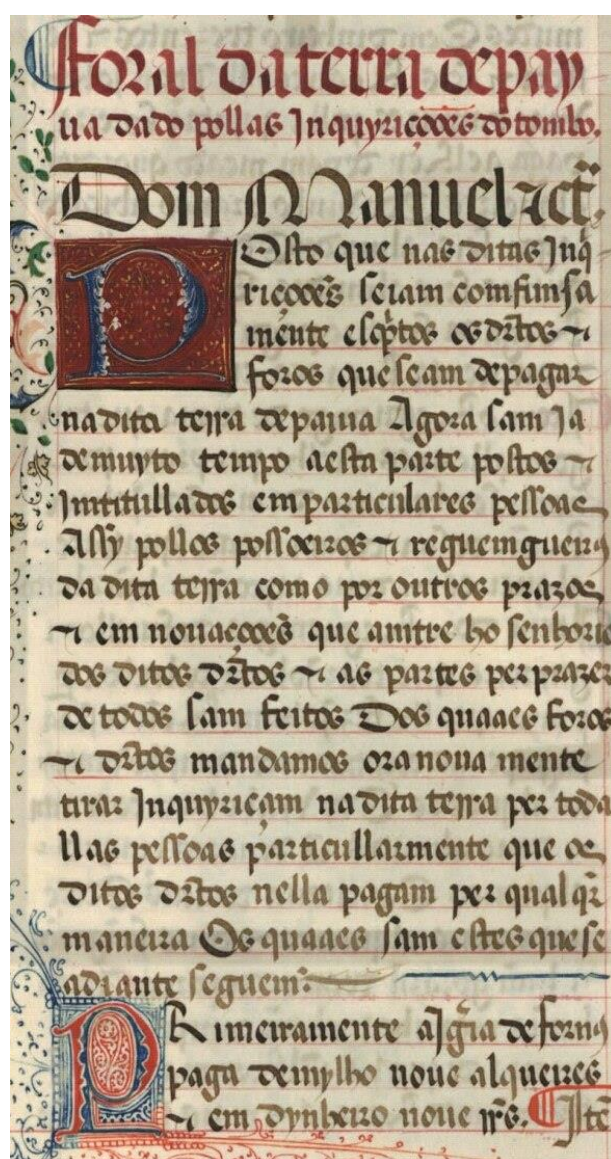
Os testemunhos arqueológicos são abundantes, ainda que se encontrem dispersos pelo território, permitindo assim formular uma linha evolutiva e contínua da ocupação humana e civilizacional ocorrida nesta região, entendendo assim que povoações constituíram o concelho ao longo dos tempos.

Em 1513, Paiva, como ainda era designado, recebeu o foral manuelino, que veio definir a organização administrativa das terras que hoje correspondem ao

---

<sup>7</sup> História de Castelo de Paiva. Acedido em agosto de 2020. Disponível em: <https://www.portugalsos.com/index.php/portugal/aveiro/item/19352-historia-de-castelo-de-paiva>

<sup>8</sup> PINHO, Margarida Rosa Moreira de. 1991. Elementos para a História de Castelo de Paiva. Castelo de Paiva: ADEP, p.74



**Figura 9.** Foral Manuelino atribuído à Terra de Payva.  
Fonte: <https://www.facebook.com/ForalCasteloDePaiva>



concelho de Castelo de Paiva. Este foral<sup>9</sup>, documento atribuído no reinado de D. Manuel, composto por um manuscrito em pergaminho, tem grande importância para a história do concelho, determinando os direitos e deveres deste território cujas propriedades pertenciam ao Clero, à Nobreza e ao Monarca.

Do ponto de vista eclesiástico, Castelo de Paiva pertenceu à Diocese de Lamego, até ao século passado, pois a 4 de setembro de 1882 passa a fazer parte da Diocese do Porto. “Em 1881, o Papa Leão XIII autorizou o pedido efetuado pelo Governo Português, para que fossem suprimidas algumas das dioceses mais pequenas.”<sup>10</sup>

No que respeita à origem etimológica da palavra de “Castelo de Paiva”, acredita-se que primeiramente se terá denominado “Paiva” por influência do rio Paiva, que atravessa as suas terras, sendo este nome referido em documentos que remetem ao ano de 883. Até cerca de 1800 o concelho foi designado dessa forma, e só a partir de meados dessa data é que passou a denominar-se de “Castelo de Paiva”. É a partir de um castro que se encontra junto à foz do rio Paiva, que nasce Castelo, que se acredita ser proveniente da povoação do Castelo, dando assim esta denominação ao concelho, apesar de só em tempos mais recentes, no século XIX, é que este nome é utilizado, tal como explica Guido de Monterey, “Porém, embora surja o concelho de “Castelo de Paiva” mencionado neste Decreto de 18 de Julho de 1835, a extinção de “Paiva”, substituído o nome por “Castelo de Paiva”, verifica-se apenas com o Decreto de 6 de Novembro de 1836”.<sup>11</sup>

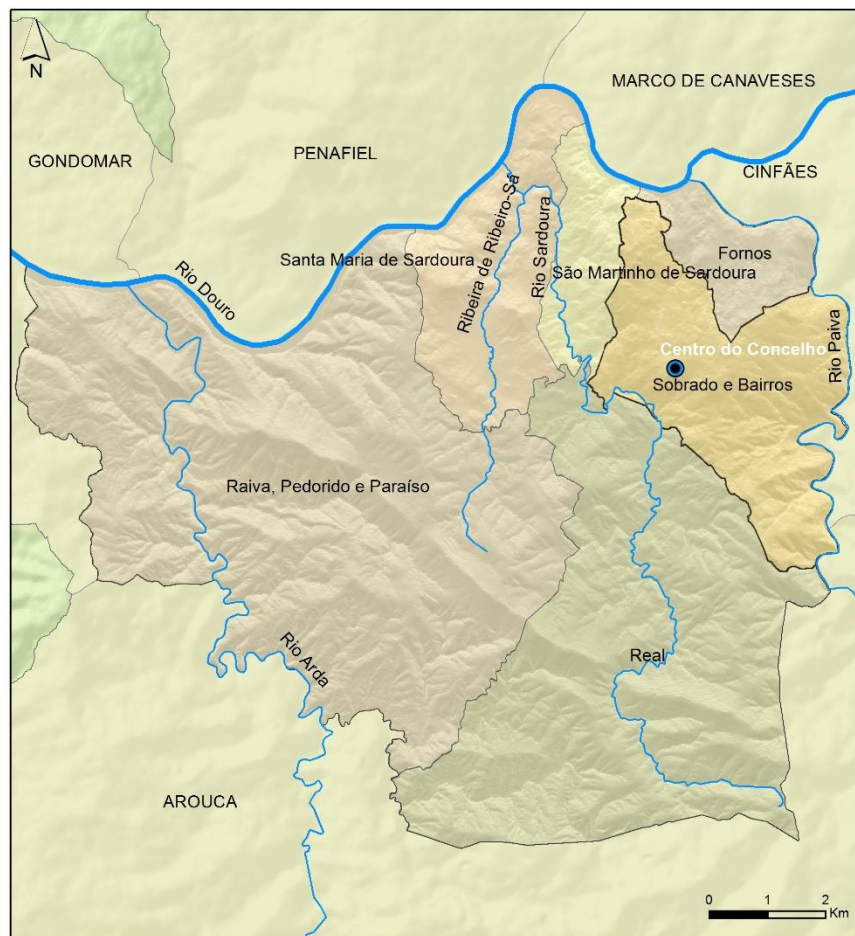
A história do concelho de Castelo de Paiva esconde-se em inúmeras memórias e pergaminhos que devido ao seu elevado número nunca poderiam ser descritos na totalidade ao longo deste trabalho, e é esse vasto património histórico muitas vezes ainda por registar que tornam Castelo de Paiva num território cheio de histórias por contar. Ficam assim descritas algumas das memórias e características mais importantes da evolução histórica desta terra, que permitem entender e descobrir um pouco mais sobre ela, deixando ainda muito por dizer.

---

<sup>9</sup> Foral: documento real utilizado em Portugal, que visava estabelecer um concelho e regular a sua administração, deveres e privilégios.

<sup>10</sup> SILVA, E., ROCHA, M., LOUREIRO, O. & MONTEIRO, C. 1996. Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Paiva. Porto: Universidade Portucalense, p.14

<sup>11</sup> MONTEREY, Guido de. 1997. Castelo de Paiva, Terras ao Léu. Porto: Babel, p.105



**Figura 10.** Localização da Freguesia de Sobrado no concelho.  
 Fonte: CAOP 2018. C.M. Castelo de Paiva.  
 Sistema de Referência: PT-TM06/ETRS89. Ilustração: Francisca Reis



**Figura 11.** Largo do Conde – Castelo de Paiva  
 Fonte: <https://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/centro-historico-de-castelo-de-paiva>

## 2.3 O lugar

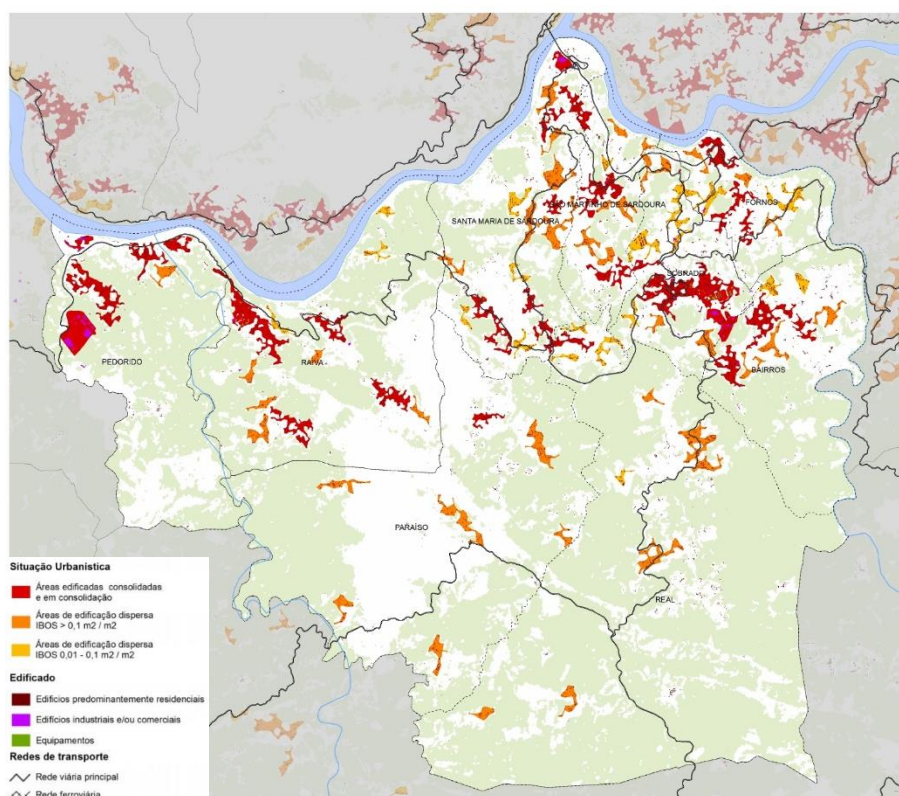
O lugar não pode nunca ser visto como um objeto único e isolado, ele não existe sem a sua envolvente, sem as características naturais e culturais que lhe estão inerentes, e isto acontece em todos os momentos da arquitetura. Ao longo de todo o trabalho de projeto procurou-se trabalhar a arquitetura sempre em simultâneo com os elementos que a envolvem e que a compõem, e no caso do lugar, o mesmo teria que acontecer. Desta forma, antes de se poder abordar o lugar mais especificamente, é preciso entender todo o espaço que o envolve e onde este se insere, e de que forma esta envolvente e estes elementos contribuem para as características do objeto de trabalho. Desta forma, este capítulo organiza-se em dois momentos, um que aborda a **Vila de Sobrado**, onde o terreno se insere e as suas características. O outro momento, especifica **o lugar**, os seus elementos e a sua morfologia, procurando sempre estabelecer ligações com o primeiro momento.

A **Vila de Sobrado** não é apenas o espaço em que o lugar de projeto se insere, mas é sim parte integrante do mesmo. Pertencendo à União de Freguesias de Sobrado e Bairros, é a sede do município de Castelo de Paiva representando a zona mais central e onde se encontra o principal núcleo urbano que contrasta com as paisagens verdes do concelho. Sobrado “encontra-se optimamente situada – como já dissemos – no coração do Concelho, em lugar elevado e donde se disfrutam extensos e belos panoramas”<sup>12</sup> A freguesia compreende uma extensão de 5,45 km<sup>2</sup>, numa área que acolhe cerca de 2784 habitantes, o que reflete numa densidade populacional de 510,8 habitantes por km<sup>2</sup>. Ainda que se tenha verificado anteriormente um decréscimo populacional no concelho de Castelo de Paiva, na freguesia de Sobrado este número tem vindo a aumentar ao longo dos anos. Esta evolução populacional está intrinsecamente ligada com a migração intermunicipal, em que a população deixa as freguesias menos desenvolvidas à procura daquelas que proporcionam mais oportunidades. Esta freguesia assume um papel importante na estruturação urbana, social e económica do concelho.

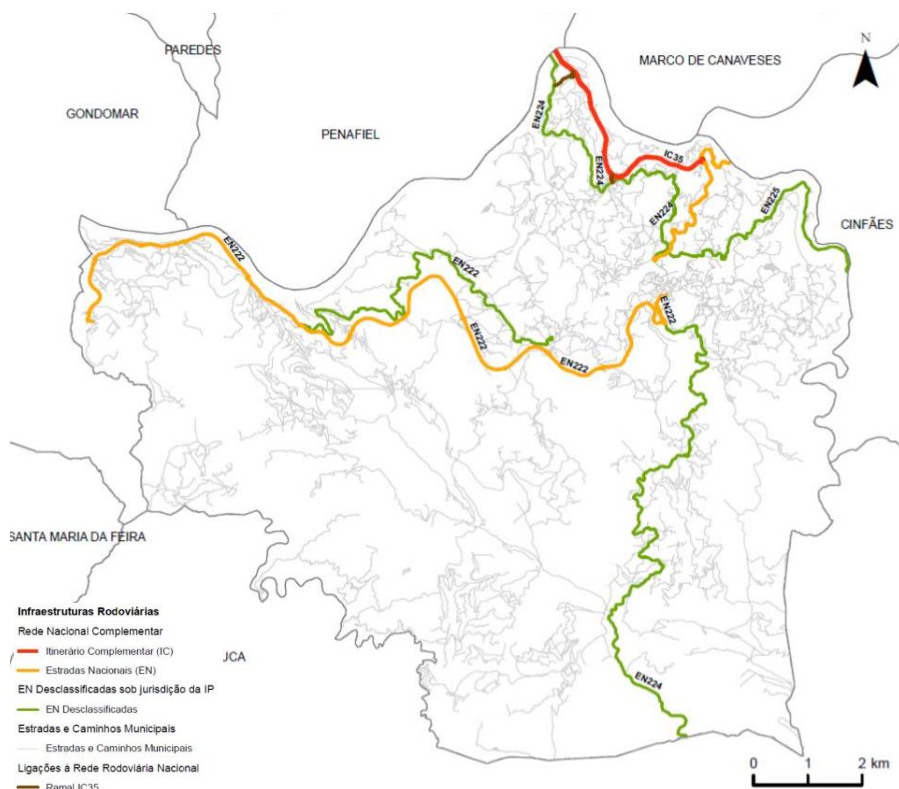
No centro da Vila, que também se denomina por Largo do Conde e onde se inaugurou em 1927 a estátua do mesmo que terá sido produzida por Teixeira Lopes, encontram-se alguns dos principais equipamentos e serviços públicos tais como a Câmara Municipal, a Igreja Matriz de Sobrado, o Posto dos Correios e o Centro de Interpretação da Cultura Local. Os restantes equipamentos encontram-se logo nas

---

<sup>12</sup> PINHO, Margarida Rosa Moreira de. 1991. Elementos para a História de Castelo de Paiva. Castelo de Paiva: ADEP, p.20



**Figura 12.** Mapa da Situação Urbanística Existente  
 Fonte: Edificação e Urbanização na região Norte - MSUE, CCDR-N, 2011  
 Sistema de Referência: PT-TM06/ETRS89



**Figura 13.** Infraestruturas Rodoviárias de Castelo de Paiva.  
 Fonte: CAOP 2016, DGT. Infraestruturas Rodoviárias, C.M. Castelo de Paiva.  
 Sistema de Referência: PT-TM06/ETRS89

imediações do centro, como o Tribunal Judicial, o Centro de Saúde, o Hospital da Misericórdia, a Biblioteca e o Auditório Municipal, as Escolas e os Pavilhões Desportivos, entre outros. É a partir deste centro que se observa uma expansão urbana do aglomerado, que se caracteriza a Nascente pelo prolongamento do mesmo, e a Nascente por áreas povoadas dispersas. Estas situações derivam também do desenvolvimento da rede viária e do aumento do número de arruamentos, onde a falta de um planeamento urbano que trabalhe estas questões no seu conjunto, se reflete numa malha desorganizada que alterna entre edifícios habitacionais e espaços rurais. Para além destes espaços, também os vazios urbanos se destacam na composição da malha organizacional da vila, como é o caso do Largo da Feira, onde a cada quinze dias se organiza este evento, e o Parque Urbano da Quinta do Pinheiro, ambos situados na envolvente ao Largo do Conde, na zona central da vila.

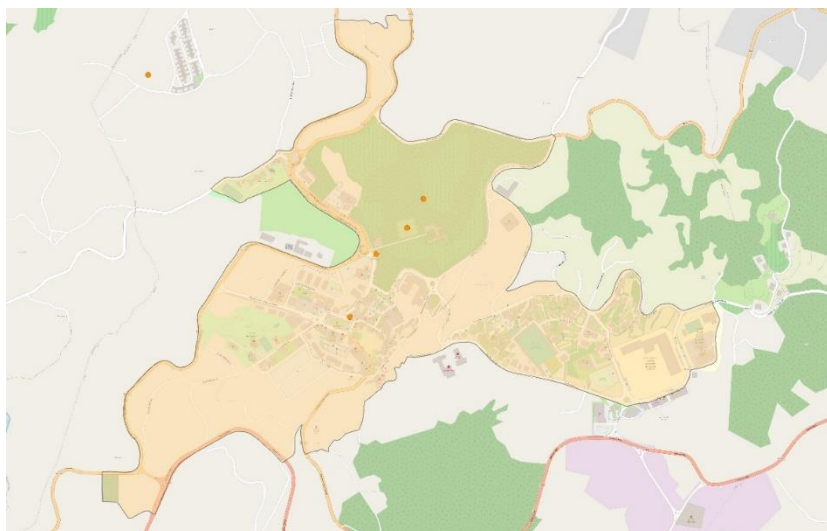
A localização centralizada de Sobrado estrutura ligações viárias que convergem com os outros pontos do concelho e que permitem a conexão com outros municípios. "Do seu ponto mais central o Largo do Conde de Castelo de Paiva – partem diversas estradas, ao longo das quais se vai estendendo a povoação que comunica, mais ou menos directamente, com as sedes dos concelhos limítrofes (Arouca, Vila da Feira, Gondomar, Penafiel, Marco de Canavezes e Cinfães) e com a cidade de Aveiro, sede do Distrito, da qual dista 84 Km."<sup>13</sup> Estes eixos viários têm uma função estruturante na organização da malha da Vila, servindo como suporte das suas urbanizações e ao mesmo tempo servem como conexão territorial. Destes, destacam-se as estradas nacionais EN 222, 224 e 225, que se dissolvem nas estradas municipais que percorrem todo o concelho.

O município dispõe de um Plano Diretor Municipal (PDM), aprovado em 1995. Em Sobrado especificamente, é o Plano de Urbanização da Vila que regula o desenvolvimento urbano do concelho, definindo a qualificação do solo, as redes viárias e as infraestruturas gerais. Em 2016, a Câmara Municipal de Castelo de Paiva aprovou a delimitação de Áreas de Reabilitação Urbana que visam a reabilitação dos edifícios e dos espaços públicos e neste caso foi proposta a ARU da vila de Sobrado, que abrange o território em questão. Castelo de Paiva destaca-se pela sua ruralidade e pela pouca densidade de ocupação do solo a nível do edificado, por isso a ARU da vila de Sobrado destina-se à reabilitação do tecido urbano consolidado, que precisa ser intervencionado. Com uma área de 95,3 hectares, esta ARU é delimitada pela sua rede viária principal, a EN 222, 224 e 225. "A noroeste a linha delimitadora inclui a EN 224, incluindo as edificações da ADEP, pelo seu valor arquitetónico que se

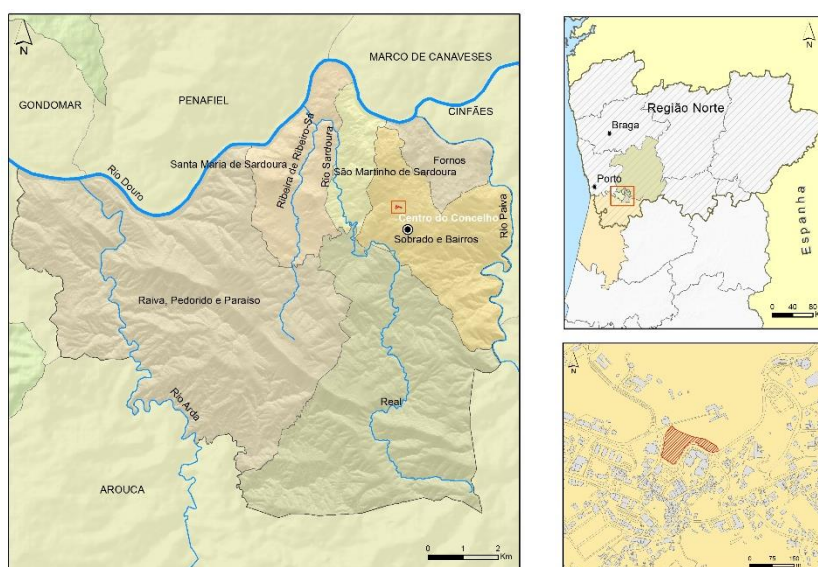
---

<sup>13</sup> *Ibidem*





**Figura 14.** Limites da ARU de Sobrado e Património Classificado.  
 Fonte: Câmara Municipal de Castelo de Paiva. Sistema de Referência: PT-TM06/ETRS89.  
 Ilustração: Francisca Reis



**Figura 15.** Contextualização e Localização da área de intervenção.  
 Fonte: Câmara Municipal de Castelo de Paiva. Sistema de Referência: PT-TM06/ETRS89.  
 Ilustração: Francisca Reis



**Figura 16.** Vista aérea – Delimitação da área de intervenção.  
 Fonte: Ortofotomapas 2015. Câmara Municipal de Castelo de Paiva.  
 Sistema de Referência: PT-TM06/ETRS89 Ilustração: Francisca Reis

encontra bastante degradado, pela rua da Boavista, pela rua Mário Sacramento, até à EN222-1, incluindo o cemitério. A sul, o traçado da ARU inclui a variante à EN222 e posterior atravessamento para incluir os equipamentos públicos, nomeadamente, o pavilhão municipal, a piscina e o agrupamento de escolas, sendo um outro limite a inclusão da EM 502-2.”<sup>14</sup> Desta forma, pode referir-se que a ARU de Sobrado abrange muitas das áreas degradadas, áreas com edificado reduzido, os principais equipamentos do concelho e os elementos relevantes do património, bem como um núcleo de espaços públicos a necessitar de requalificação.

É importante referir ainda que a vila de Sobrado, assim como o restante concelho, detém no seu limite territorial importantes elementos que fazem parte do património histórico da mesma, tais como o Marmoiral de Sobrado, a Anta do Vale da Rua, o Edifício da Cadeia, a Casa Senhorial da Quinta da Boavista, a Capela da Quinta de Vegide e o Penedo de Vegide.

Após uma caracterização geral da vila, que serve com a intenção de alcançar um maior conhecimento acerca da mesma, é possível avançar até ao segundo momento, da caracterização e análise daquele que virá a ser o maior impulsionador do projeto de arquitetura, **o lugar**. O terreno em que o projeto se insere não é apenas um terreno, nem pode ser nada na sua singularidade, sem o meio que o envolve ou sem os elementos que o compõem. E esses elementos não são apenas as suas características físicas e morfológicas, nem é apenas a envolvente que o circunda, mas sim todas as características do meio em que se insere, da sua natureza, da cultura que este detém, em conjunto com as restantes partes. Todo esse conjunto de elementos fazem o lugar e só após entender essas características, através dos respetivos levantamentos e dos estudos efetuados sobre o mesmo, é que se pode passar para uma análise mais particular, analisando as particularidades do terreno.

A escolha do lugar para trabalhar o projeto de arquitetura foi feita com base em diversos fatores e características, podendo referir-se que os mais considerados foram a sua localização, pela sua centralidade na vila de Castelo de Paiva, e as suas particularidades topográficas e morfológicas, mais propriamente pela área que o terreno abrangia, o que permitiria a construção de um projeto arquitetónico de maior capacidade. O terreno situa-se então numa localização privilegiada, num ponto que se define por ser o marco de entrada na vila e que dá acesso direto ao centro da mesma, o Largo do Conde. Os seus limites compreendem a Norte a Quinta da Boavista, a Oeste a Rua da Boavista e a Sul o terreno é limitado ao seu redor pela

---

<sup>14</sup> Programa Estratégico de Reabilitação Urbana, Área de Reabilitação Urbana da Vila de Sobrado. 2017. Câmara Municipal de Castelo de Paiva, p.20





**Figuras 17 e 18.** Terreno e respetiva envolvente.  
Fonte: Francisca Reis



**Figuras 19 e 20.** Área de intervenção e respetiva ocupação.  
Fonte: Francisca Reis



**Figuras 21 e 22.** Área de intervenção e respetiva envolvente.  
Fonte: Francisca Reis



**Figuras 23 e 24.** Entrada da Quinta da Boavista e Marmoiral de Sobrado  
Fonte: Francisca Reis



EN 225. A sua delineação é irregular, e a sua forma compõe uma configuração orgânica que vai de encontro à sua topografia, também irregular. Ainda no que refere aos seus limites e envolvente, é importante referir os equipamentos, serviços e elementos culturais que lhe são próximos, como é o caso do Tribunal Judicial de Castelo de Paiva, que se encontra de frente para o terreno, e da Quinta da Boavista, que abrange toda a zona posterior do mesmo e que se define pela sua exterioridade verdejante e pelo seu carácter rural, estabelecendo uma relação visual direta com o lugar do projeto. Para além destes elementos, constituem também a envolvente alguns equipamentos comerciais e de bens essenciais, situados nomeadamente no Largo do Palácio da Justiça e na Rua da Boavista. Ainda que a envolvente seja composta por esta série de elementos, é também caracterizada por alguns espaços mais deteriorados, nomeadamente por um empreendimento habitacional que viu a sua construção suspensa e que hoje em dia se encontra num elevado estado de degradação, constituindo assim um elemento desapropriado à imagem do concelho.

Ainda que uma pequena parte da envolvente tenha estas características menos apazíveis, o terreno não perde valor perante a sua localização, pelo contrário, esta qualidade é enfatizada por outros elementos que a compõem. O lugar em estudo insere-se numa área que se integra no percurso da Rota do Românico, tornando-se assim num ponto de paragem obrigatória para quem realiza esta rota, o que torna quase inevitável que quem realiza este percurso se depare com o terreno e com o projeto que este irá receber, situando-o assim numa posição estratégica no que refere à sua visibilidade. A Rota do Românico foi desenhada desde 1998 e “é um projeto turístico-cultural assente no património edificado – mosteiros, igrejas, capelas, castelos, torres, pontes e memoriais – nascido com a fundação da nacionalidade portuguesa e que testemunha o papel relevante deste território na história da nobreza e das ordens religiosas em Portugal.”<sup>15</sup> Este projeto abrange vários concelhos da região Norte, através de vários percursos organizados consoante a localização dos mesmos. Neste caso, o percurso que passa pelo concelho de Castelo de Paiva, é denominada de “Rota do Vale do Douro”, e integra um monumento que se situa imediatamente ao lado do terreno, na entrada da Quinta da Boavista – o Marmoiral de Sobrado – “(...) um monumento funerário, formado por duas cabeceiras verticais com cruces gravadas, onde se apoiam duas lajes horizontais. A superior é retangular, e a inferior, correspondente a uma tampa sepulcral, apresenta formato arredondado na superfície.”<sup>16</sup> Os benefícios de o terreno em estudo ser ladeado por

---

<sup>15</sup> GLORYBOX, Lda (coord.), MORUJÃO, Maria do Rosário., FERNANDES, Paulo Almeida (textos). 2013. Guia Juvenil. Lousada: Rota do Românico, p.95

<sup>16</sup> Idem, p.110



**Figura 25.** Vista sobre o terreno  
Fonte: Francisca Reis



**Figura 26.** Utilização do terreno como stand de automóveis  
Fonte: Francisca Reis



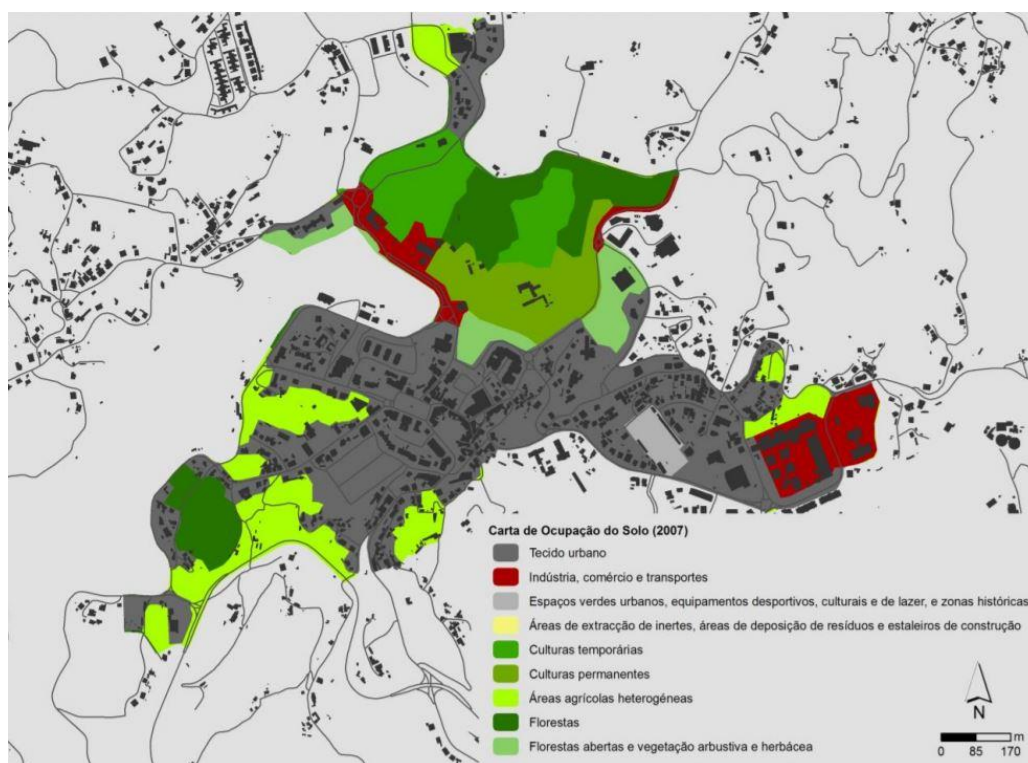
**Figura 27.** Uso indevido do terreno por camiões  
Fonte: Francisca Reis

este monumento e por esta rota, estão implicados no facto de este se vir a tornar num ponto de referência também para quem a realiza, contribuindo para as qualidades do mesmo. É de facto importante do ponto de vista cultural e arquitetónico que o projeto proposto se insira neste lugar, não só pela sua localização, mas também porque o edifício proposto tem um carácter cultural e artístico, que está obviamente implícito na história do local, e que vem ajudar na promoção da cultura do mesmo. Assim, aliam-se dois aspetos importantes na cultura de um território: a história e as artes.

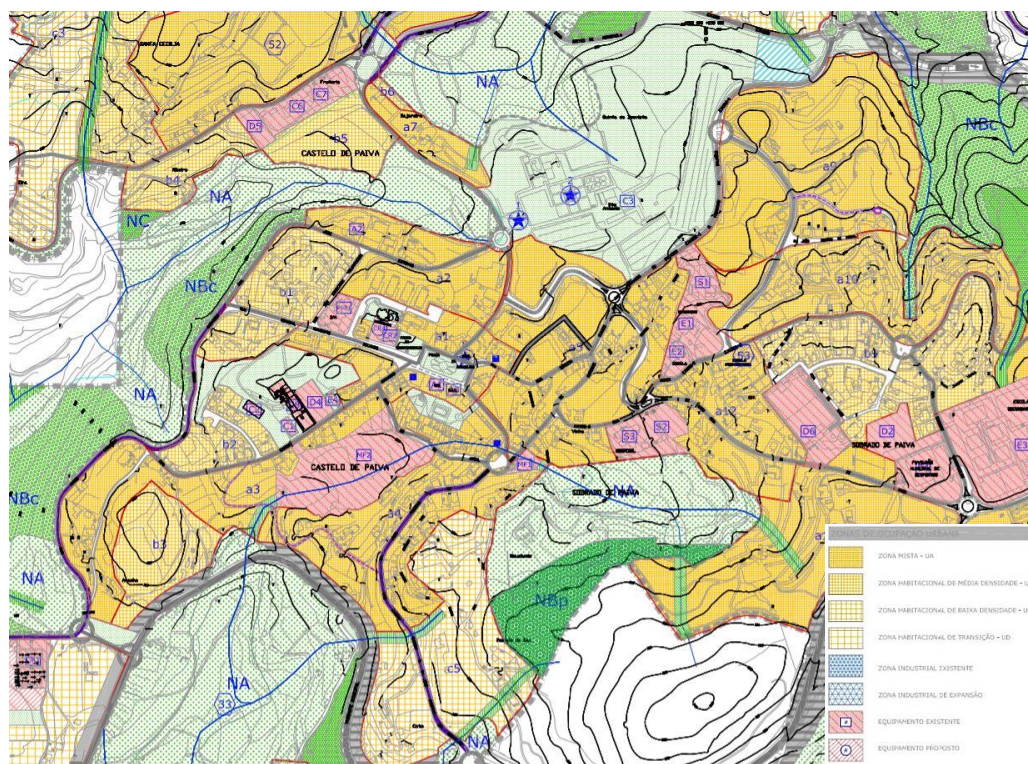
A área do terreno abrange 10 187.50m<sup>2</sup>, sobressaindo-se assim pela sua dimensão, mas também pelas suas características físicas e morfológicas, que serão analisadas mais especificamente neste momento do trabalho. É então possível afirmar que a área em que o terreno se insere se caracteriza por ser uma área topograficamente difícil devido à oscilação irregular das suas cotas, fazendo cerca de dezoito metros de diferença entre a cota mais baixa e a cota mais alta, segundo o levantamento topográfico realizado. Apesar da topografia irregular, o terreno vai acompanhando o percurso da rua em quase todos os momentos, excetuando a área que comunica com a rua da Boavista. Nesta zona, este situa-se cerca de cinco metros acima da cota da rua e é suportado por um muro de pedra granito com muito tempo de existência, sendo que se prolonga desde a entrada da Quinta da Boavista. A sua topografia incerta é ilegível na maioria das zonas do terreno, sendo que este se encontra coberto por vegetação arbustiva que lhe atribui um carácter baldio que indica o seu desuso. Também por esta razão é que o terreno, neste momento, é utilizado indevidamente para diversos fins, que lhe atribuem assim a ocupação errada. Na fração de terreno que estabelece relações com a rua da Boavista, o terreno tem sido ocupado como estacionamento para um stand de automóveis que existe nessa mesma rua, tendo sido esta ocupação autorizada. Mas no restante terreno, os espaços têm vindo a ser utilizados indevidamente para o aparcamento de camiões e roulotte de venda, mas também por estruturas de diversão, como carrinhos de choque, que são montadas anualmente aquando da realização atividades populares, mas que depois acabam por quedar-se no terreno, assim como os camiões de montagem que transportam estas estruturas. Para além destas questões, todo o espaço que limita o terreno diretamente encontra-se por estruturar, sendo que de momento só na zona do stand de automóveis é que existem passeios, estando o restante espaço desestruturado a ser utilizado como estacionamento.

Por conseguinte, o vazio urbano que o terreno inutilizado cria, representa uma desfragmentação da malha urbana, que carece de uma reestruturação. Por isso, o espaço que abrange o terreno está inserido na Área de Reabilitação (ARU) da Vila de Sobrado e no Plano de Urbanização (PU) da Vila.





**Figura 28.** Qualificação do solo da ARU de Sobrado, segundo o nível II da COS, em 2007.  
 Fonte: COS (DGT). Sistema de Referência: PT-TM06/ETRS89



**Figura 29.** Planta de Zonamento do PU  
 Fonte: SIG Câmara Municipal de Castelo de Paiva

A ARU da vila de Sobrado, segundo a Carta de Ocupação do Solo (2007), classifica esta área como “Floresta aberta e vegetação arbustiva e herbácea” sendo neste momento caracterizada como espaço rural. No entanto, de acordo com a Planta de Zonamento do Plano de Urbanização da Vila, toda a área do terreno está classificada como “Zona Mista – UA” que segundo regulamento do plano, se destina à construção de habitações, comércio, serviços ou equipamentos. Com estes planos, entende-se uma intenção de reestruturar e reabilitar a vila de Sobrado, e o projeto proposto vai dar resposta a essas intenções, começando pela reabilitação da via pública envolvente ao terreno, até à construção de um equipamento que, através da sua implantação, vai permitir colmatar o vazio urbano existente no momento.

Feita uma caracterização geral do lugar, e voltando ao tópico principal deste capítulo, entende-se que este é mesmo o principal motivador de um projeto de arquitetura, porque ele traz consigo atributos e elementos que permitem que sobre ele, se desenvolva uma ideia. Desta forma, é essencial ter em consideração e dar importância a todos esses fatores, de forma a trabalhar o lugar no seu todo, valorizando as suas características naturais e paisagísticas que se prolongam por toda a envolvente, assim como a sua história, que será sempre um dos elementos mais importantes do lugar.



### **3. CASOS DE ESTUDO – REFERÊNCIAS PROJETOAIS E CONSTRUTIVAS**

Como base de referência para a elaboração de um projeto de arquitetura, os casos de estudo influenciam o pensamento arquitetônico e o desenvolvimento da concepção do mesmo. Na elaboração deste projeto foi feita uma pesquisa por referências que refletissem problemáticas semelhantes e, neste caso, o objetivo da procura pelos casos de estudo foi encontrar obras/referências arquitetônicas que tivessem algum tipo de relação com o projeto, seja através da sua localização/inserção no terreno, pelo seu programa/função, pelos seus sistemas construtivos, etc... Através da cultura arquitetônica há uma base que influencia o pensamento, e ainda que por vezes não se esteja a pensar diretamente na mesma, há influências que já se evidenciam no pensamento arquitetônico. Por outro lado, é também fundamental ter a capacidade de procurar obras e referências que ajudem na formação/concepção de uma ideia, para que esta possa também ter uma boa base de fundamentação. A escolha dos casos de estudo recai sobre a sua ligação e semelhanças com o trabalho de projeto a propor, e ainda que por vezes não se perceba essa relação diretamente, todos os casos de estudo a seguir apresentados tiveram influência na elaboração da proposta do projeto de arquitetura. Portanto, a procura foi influenciada pela necessidade de encontrar projetos/obras que ajudassem a encontrar certas soluções programáticas, conceptuais e construtivas, que contribuíssem e fundamentassem a concepção da ideia.





**Figura 30.** Casa das Artes de Miranda do Corvo  
 Fonte: <https://www.fat.pt/projecto/casa-das-artes/>



**Figura 31.** Casa das Artes de Miranda do Corvo  
 Fonte: <https://www.fat.pt/projecto/casa-das-artes/>



**Figura 32.** Casa das Artes de Miranda do Corvo  
 Fonte: <https://www.fat.pt/projecto/casa-das-artes/>



### **3.1 Casa das Artes de Miranda do Corvo – FAT Architecture**

**Local:** Miranda do Corvo, Portugal

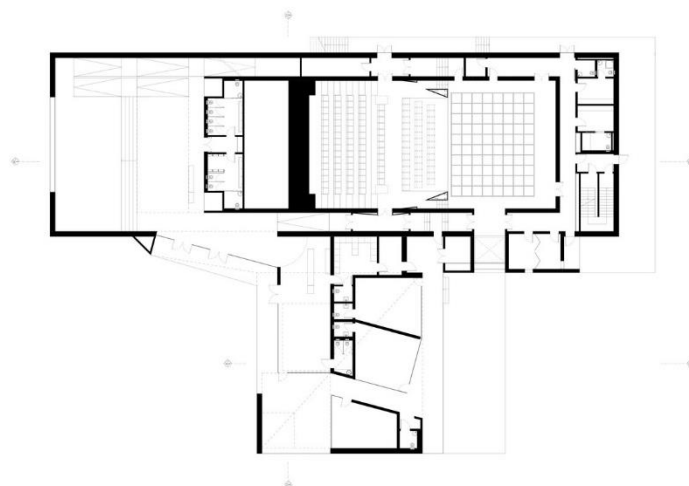
**Área de Intervenção:** 4790 m<sup>2</sup>

**Ano de Construção:** 2014

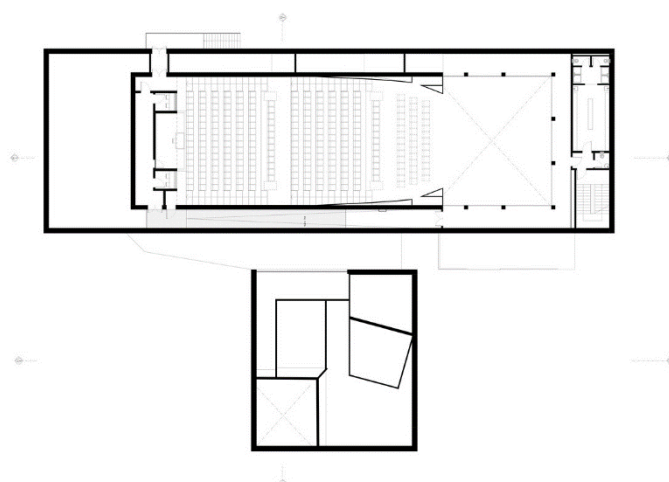
“FAT – Future Architecture Thinking” é um atelier de arquitetura fundado por Miguel Correia e que desenvolve projetos para todo o mundo a partir de Lisboa. A FAT resulta do know-how de mais de 30 anos de experiência do arquiteto Miguel Correia e dos seus vários colaboradores, alguns deles com mais de duas décadas de experiência e altamente especializados em distintas áreas de atividade.”

A Casa das Artes de Miranda do Corvo ergue-se de um projeto executado por este atelier, e insere-se no panorama paisagístico da Serra da Lousã, e surge com a intenção de conciliar a realidade rural e a urbana, expressando um encontro entre estas duas identidades. Com uma linguagem volumetricamente expressiva e contemporânea, o edifício destaca-se na paisagem através da sua cor vermelha que deixa em destaque o projeto e a sua construção de volumetria ousada. Através de planos inclinados que vão de encontro ao desenho sinuoso da paisagem e que refletem a imagem dos telhados das casas da vila, o edifício afirma-se sobre a paisagem rural, contrastando com a vegetação da mesma de forma dinâmica. A nível da intenção do projeto e do seu programa, o edifício da Casa das Artes surge com a intenção de promover o encontro da população, através das artes e da cultura – um espaço que tem como objetivo difundir e impulsionar as atividades criativas, e ao mesmo tempo, influenciar na qualidade de vida da população que se encontra em crescimento. É através de espaços multifuncionais que o equipamento tem a capacidade de servir diversos programas, eventos e interesses, tornando-se assim num edifício de grande versatilidade. Inserido num lote de consideráveis dimensões, também o tratamento do espaço envolvente ao edifício é pensado de forma a criar espaços de encontro, privilegiando os espaços ajardinados que também podem servir como espaços para eventos ao ar livre. Este jardim exterior é também um espaço convidativo para o público em geral e especialmente para os habitantes da vila, de forma a que estes possam usufruir de um novo espaço de lazer.

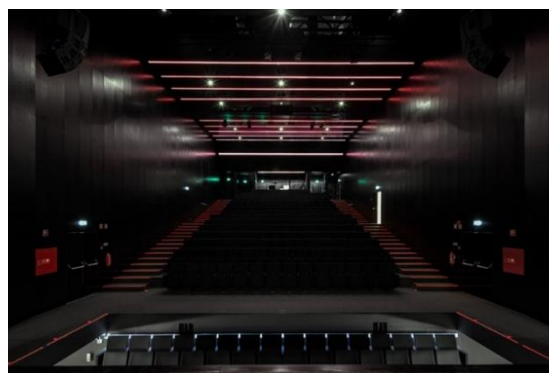
A conceção volumétrica do edifício destaca-se pela criação de três volumes diferentes, volumes estes que englobam funções diferentes. O primeiro volume contém o palco e a cena, o segundo volume é constituído pelo público e por fim, o terceiro volume engloba uma cafetaria e um espaço que futuramente poderá servir



**Figura 33.** Planta do Piso Térreo.  
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-149188/>



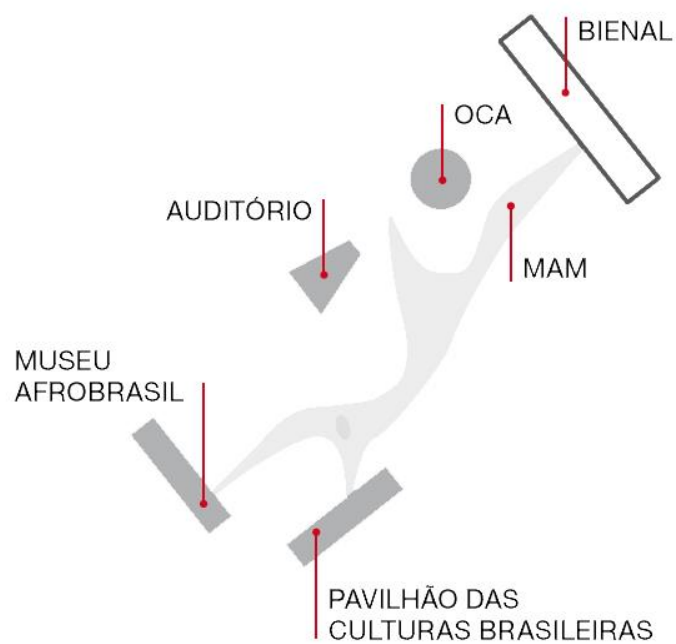
**Figura 34.** Planta do Piso Térreo.  
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-149188/>



**Figuras 35 e 36.** Casa das Artes de Miranda do Corvo – Entrada e Auditório  
 Fonte: <https://www.fat.pt/projecto/casa-das-artes/>

como uma espécie de museu. A nível conceptual, o edifício da Casa das Artes surge com a intenção de ser todo ele um espaço público e por isso, o acesso dos utilizadores pode ser feito por vários pontos do edifício, que engloba múltiplos acessos ao seu interior. Assim, é possível que os diferentes espaços que este engloba possam funcionar independentemente dos outros, e sem que o utilizador tenha que passar por eles. Por exemplo, o museu e a zona de refeitório, podem ser acedidos de forma independente, sem que se tenha de passar pelo auditório. A entrada principal é feita através de um foyer que também tem a capacidade de servir como espaço expositivo ou até ser dividido em dois espaços diferentes, através de uma escada que separa os dois lados. A partir de um dos caminhos, é possível aceder a um auditório com capacidade para 300 pessoas, que inclui um fosso para orquestra e seis níveis de carácter técnico, com capacidade para aceitar programas artísticos como óperas, teatros, concertos, entre outras atividades.

Ainda dentro do edifício existe uma cafetaria, que ainda que inserida no mesmo, funciona de forma independente do resto do edifício, servindo de porta de entrada de acesso a um hall – um espaço que acolhe um terraço coberto com uma claraboia e que dá também acesso a uma sala de multimédia. A área que engloba o museu é constituída por uma fachada que ocupa a zona norte do jardim, onde é feita uma das entradas para o edifício e onde existe também um anfiteatro ao ar livre.



**Figura 37.** Parque Ibirapuera – Esquema de Implantação Geral  
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/898302>



**Figura 38.** Parque Ibirapuera – Vista aérea  
 Fonte: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/ibirapuera-reabertura/>

### **3.2 Parque Ibirapuera – Oscar Niemeyer**

**Local:** São Paulo, Brasil

**Área de Intervenção:** Parque – 158 hectares

**Ano de Construção:** 1954

Oscar Niemeyer (1907-2012) é um dos mais conhecidos e estudados arquitetos do mundo, tendo sido uma das mais importantes figuras que contribuíram para o desenvolvimento da arquitetura moderna. O arquiteto brasileiro conhecido por ser um “escultor de monumentos” foi um dos mais prestigiados e influentes da sua geração.

Em 1954 é inaugurado o Parque Ibirapuera, em São Paulo – um marco arquitetônico na cidade e também um marco para a arquitetura moderna do país. Para além de toda a componente paisagística do parque, este também alberga um conjunto de edifícios de caráter cultural, que se interligam entre si através de uma marquise exterior com uma característica ténue e sinuosa. Estes edifícios, projetados por Oscar Niemeyer, surgem em harmonia com a paisagem em que se inserem e servem como uma importante fonte cultural, artística e de lazer. Devido à grande extensão do parque – que tem cerca de 1,5 milhões de metros quadrados, era necessário que existisse uma ligação construída entre os vários edifícios culturais, que atravessasse a extensa área verde.

“Quando foi chamado por Ciccillo Matarazzo para projetar o parque, não havia uma cartilha, não se aprendia na escola. Ele criou grandes edifícios próprios para exposições e unidos por uma marquise. Ao invés da população se dispersar pelo parque, se concentraria naquele lugar.”<sup>17</sup> Assim, Niemeyer criou essa grande marquise já referida anteriormente, construída de forma orgânica e que permitia a ligação entre vários pontos de referência e edifícios do parque, que servia como uma barreira de proteção mas, ao mesmo tempo, proporcionava pontos de encontro entre os utilizadores. Esta ligação harmoniosa que é criada pelas intervenções do arquiteto, reflete a rica arquitetura do mesmo, que se destaca pelo seu estilo inconfundível.

---

<sup>17</sup> DA ROCHA, Paulo Mendes. Revista Bravo, maio 2006. In: SCHARLACH, Cecília. Oscar Niemeyer – A marquise e o projeto original do Parque Ibirapuera. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.





**Figura 39.** Pavilhão das Culturas Brasileiras.  
 Fonte: <https://artebrasil.com.br/arte/concessao-de-parque>



**Figuras 40 e 41.** Palácio das Exposições (OCA).  
 Fonte: <https://www.nelsonkon.com.br/oca-palacio-das-artes/>



**Figura 42.** Palácio das Nações.  
 Fonte: <https://www.hisour.com/pt/afro-brazil-museum-sao-paulo-brazil-54203/>

## **Pavilhão das Culturas Brasileiras**

O Pavilhão das Culturas brasileiras foi inicialmente designado por Palácio dos Estados, serviu uma empresa de tecnologia e atualmente é designado de Pavilhão das Culturas Brasileiras. A sua construção terminou em 1953. Abrigando exposições dos estados brasileiros, o edifício apresenta-se sob a forma de um volume branco de betão e um edifício de planta livre suportado por pilares interiores. No seu exterior, são os pilares em “V” típicos da arquitetura de Niemeyer que sobressaem no volume, criando uma composição harmoniosa. É através de plataformas inclinadas de grande dimensão que se faz o acesso aos diferentes pisos, permitindo que o utilizador seja surpreendido à medida que percorre o edifício.

## **Palácio das Exposições**

Atualmente conhecido por OCA, e primeiramente batizado como Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, a construção do Palácio das Exposições foi concluída em 1954. Este edifício ergue-se através de uma grande cúpula que acompanha a planta de forma circular, e é através da colocação de trinta e três janelas redondas na cobertura, que se faz a iluminação da zona de exposições que integra o programa do edifício. No seu interior, os quatro pisos que o compõem surgem dispostos de forma independente à cobertura e podem ser acedidos através de sinuosas rampas que atravessam o edifício.

## **Palácio das Nações**

O anteriormente batizado Palácio das Nações, é atualmente designado como Pavilhão Manoel de Nóbrega, e serve também como sede do Museu Afro Brasil. A obra, concluída em 1953, ocupa na sua área de implantação 11 000m<sup>2</sup>, organizados por três pisos. Este edifício possui a mesma identidade visual que o Pavilhão das Culturas Brasileiras, sendo por muitas vezes confundidos pelas suas fachadas idênticas. O volume do edifício destaca-se pela sua monumentalidade mas, ao mesmo tempo, aparenta ser um volume solto e leve, que se apoia em colunas inclinadas que funcionam como “mãos francesas” e criam um desenho harmonioso da fachada, proporcionando a sensação de liberdade espacial a que percorre o espaço por baixo dele.

## **Palácio das Indústrias**

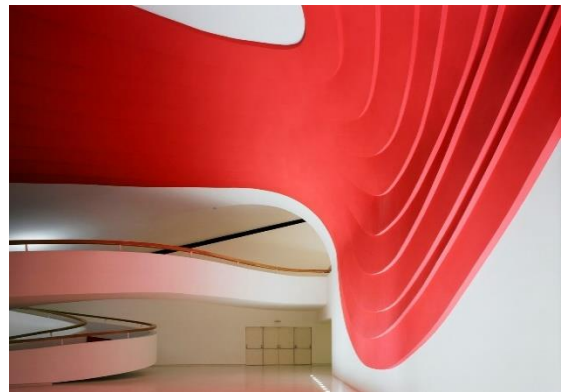
Conhecido atualmente por ser a sede da Bienal de São Paulo, o Palácio das Indústrias viu a sua construção concluída em 1954. O edifício de grande volumetria caracteriza-se pelo seu comprimento de 250 metros e pela sua fachada de *brise soleil* que respeita a disposição da estrutura. O edifício destaca-se pela fluidez que



**Figura 43.** Palácio das Indústrias (Pavilhão da Bienal)  
Fonte: [www.archdaily.com.br/br/898302/](http://www.archdaily.com.br/br/898302/)



**Figura 44.** Palácio das Indústrias (Pavilhão da Bienal)  
Fonte: <https://artebrasil.com.br>



**Figuras 45 e 46.** Auditório Oscar Niemeyer  
Fonte: <https://www.nelsonkon.com.br/auditorio-ibirapuera/>



**Figuras 47 e 48.** Palácio da Agricultura  
Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/898302/>



transmite no exterior e apesar da sua grande volumetria pura e retilínea, o facto de a caixilharia se encontrar afastada, permite o balanço e transmite uma sensação de leveza estética a quem passa pela sua frente. Toda esta ideia estática que o edifício pudesse eventualmente transmitir, é também quebrada pelos desenhos serpenteados das lajes que fazem sintonia com rampas curvas que proporcionam a ligação entre os diferentes pisos. Para além destas rampas interiores, há também uma rampa exterior que dá acesso ao terceiro piso do edifício. Este, com pés direito duplo e triplo, tem a capacidade de acolher grandes exposições e instalações, tornando-se assim num edifício com capacidade de albergar grandes eventos artísticos.

### **Auditório Oscar Niemeyer**

Também conhecido por Auditório Ibirapuera, foi projetado por Niemeyer em 1950, mas só viu a sua construção começar apenas em 2002. O edifício em betão, tem a forma de um trapézio branco, e ergue-se do terreno em forma de rampa, surgindo de forma escultórica. Este, apesar de não aparentar ser tão grande visto do exterior mas, quando se acede ao interior, a monumentalidade do auditório impera. A nível programático, o edifício alberga todo o tipo de espetáculos - cinema, teatro, concertos, e muito mais. A sua capacidade multifuncional permite que o edifício possa também albergar espetáculos e concertos ao ar livre, pois o palco abre-se para um grande descampado exterior que permite o acontecimento de eventos de maior dimensão, com capacidade para milhares de pessoas. No interior, é através de uma rampa sinuosa que se faz o acesso ao auditório, permitindo o utilizador/espectador percorrê-la observando a sua característica geometrizada à medida que se avança. O interior organiza-se em três grandes áreas – o foyer, o palco e o auditório, este último é pintado a vermelho e com capacidade para mais de 800 pessoas sentadas. Nos pisos inferiores encontram-se as áreas administrativas, uma escola de música, uma área de refeições, vestiários e outras instalações.

### **Palácio da Agricultura**

Ainda que já se encontre fora dos limites do parque, este edifício que tomou forma em 1953, serve como acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Apesar de estar fora do perímetro do parque, este edifício faz ainda parte do conjunto de edifícios culturais projetados por Oscar Niemeyer, e está interligado aos outros edifícios através de uma plataforma que se ergue sobre a Avenida envolvente. Na sua expressão volumétrica, esta obra reflete a arquitetura de Niemeyer, através da colocação de pilares simétricos em “V”, que suportam um balanço que contém uma planta livre.



**Figura 49.** Casa em Moledo.

Fonte: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/casa-en-moledo/>



**Figura 50.** Casa em Moledo.

Fonte: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/casa-en-moledo/>



**Figuras 51 e 52.** Casa em Moledo.

Fonte: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/casa-en-moledo/>

### 3.3 Casa em Moledo – Eduardo Souto Moura

**Local:** Caminha, Portugal

**Área de Intervenção:** 180 m<sup>2</sup>

**Ano de Construção:** 1998

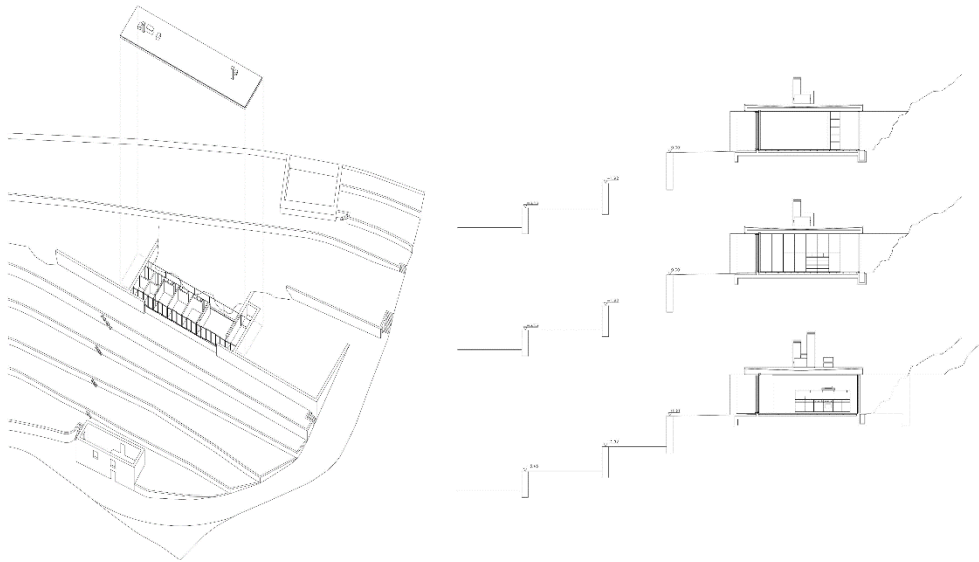
Eduardo Souto Moura (1952 -) é um arquiteto português de grande notabilidade, tendo sido reconhecido através de grandes prémios como o Prémio Pritzker (2011) e o Leão de Ouro da Bienal de Veneza (2018). Associado à corrente arquitetónica da Escola do Porto, que se sustenta nos modelos do Movimento Moderno, através de um minimalismo contextualista, a arquitetura de Souto Moura é de caráter simples, limpo e abstrato recorre da influência *miesiana*, mas os seus projetos refletem uma maestria singular no que refere à materialização da arquitetura, através do uso do vidro, granito, betão, madeira, aço, etc.

A obra da Casa em Moledo, projetada por Souto Moura, reflete essa arquitetura minimalista, numa simplicidade que muitas vezes é difícil de alcançar e que deriva de um árduo processo de análise. Inserida numa encosta íngreme formada por socacos apoiados por muros de contenção de pedra, a habitação construída surge de acordo com as características do local e não apenas daquilo que é pedido pelo cliente. Os patamares/socalcos eram muito próximos entre si, com escadas estreitas e muito baixas que não permitiam que existisse um patamar confortável para construir. Assim, foi necessário reestruturar os socacos, para que existissem em menor quantidade e assim pudessem ser mais largos. Quando observada de um patamar mais abaixo, a habitação fica oculta entre os socacos e a vegetação. A volumetria segue um padrão baseado num piso de forma retangular de três lados e uma testa cega, que criam um espaço interior hierarquicamente gerado. No interior, encontram-se as diferentes áreas como: cozinha, sala de jantar, três quartos, duas casas de banho, um closet/camarim, uma lavandaria, um pátio e um corredor de serviço. A organização funcional segue uma regra comum, em que os espaços se organizam através de uma área de distribuição – este corredor envidraçado reafirma o vínculo entre o ambiente exterior e o interior da casa. Esta relação direta com o exterior, dá à habitação a qualidade de abrigo, que é acompanhada pela construção de paredes de betão armado revestidas a pedra, introduzindo a existência desse elemento e impondo-o no projeto. A fachada frontal é constituída por um grande envidraçado com vista para o mar, prolongando-se para a paisagem. Aqui, a ligação entre os materiais é mais evidente, através da junção da pedra com o vidro, as paredes de betão e as caixilharias de madeira. No interior, também o chão e os



**Figura 53.** Casa em Moledo.

Fonte: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/casa-en-moledo/>



**Figura 54.** Casa em Moledo – Axonometria Explodida/Perfis

Fonte: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/casa-en-moledo/>



**Figura 55.** Casa em Moledo.

Fonte: <https://www.atlasofplaces.com/>

elementos verticais são em madeira, que criam um contraste com o maciço rochoso. A cobertura plana de betão, vista de cima, assume um destaque, afirmando a humanização da obra, e destaca apenas os elementos de ventilação e a chaminé.

Nesta obra refletem-se os princípios *miesianos* da arquitetura de Souto Moura, através do contraste que existe entre a rispidez do espaço exterior, em pedra, que vai de encontro a uma imagem bucólica para o lugar e a limpidez dos detalhes interiores. As cotas do terreno foram mantidas e utilizaram-se pedras já existentes no local para a construção dos muros dos socacos. Esta consciência de interpretar o lugar antes de qualquer coisa, define a arquitetura e os princípios de Souto Moura, sendo muitas vezes a razão onde assenta a ideia do projeto – a capacidade de entender cada lugar, na sua essência, tirando sempre partido das características que o envolvem, tornando-as elementos indissociáveis do projeto e que criam diretrizes para que a intervenção seja consciente.





**Figura 56.** Fórum Carmen Würth  
Fonte: [https://davidchipperfield.com/project/carmen\\_wuerth\\_forum](https://davidchipperfield.com/project/carmen_wuerth_forum)



**Figura 57.** Fórum Carmen Würth  
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/943045>



**Figura 58.** Fórum Carmen Würth  
Fonte: [https://davidchipperfield.com/project/carmen\\_wuerth\\_forum](https://davidchipperfield.com/project/carmen_wuerth_forum)

### **3.4 Fórum Carmen Würth - David Chipperfield**

**Local:** Künzelsau, Alemanha

**Área de Intervenção:** 5500m<sup>2</sup>

**Ano de Construção:** 2020

David Chipperfield (1953 -) nasceu em Inglaterra, onde estudou arquitetura, e em 1985 inicia a sua atividade como arquiteto. Trabalha em conjunto com outros arquitetos e o seu gabinete – David Chipperfield Architecture, já tem sede em países como Londres, Berlim, Milão e Shangai. É um dos mais prestigiados arquitetos da atualidade. Os seus trabalhos ficam conhecidos pela sua meticulosa atenção para com o conceito e os detalhes que compõem a arquitetura, com a intenção de criar projetos que cheguem a uma solução arquitetónica social e intelectualmente coerente. Os seus trabalhos diversos atingem a arquitetura cultural, residencial, comercial e educacional, trabalhando também sobre panoramas de maior escala, como projetos cívicos e planos diretores das cidades.

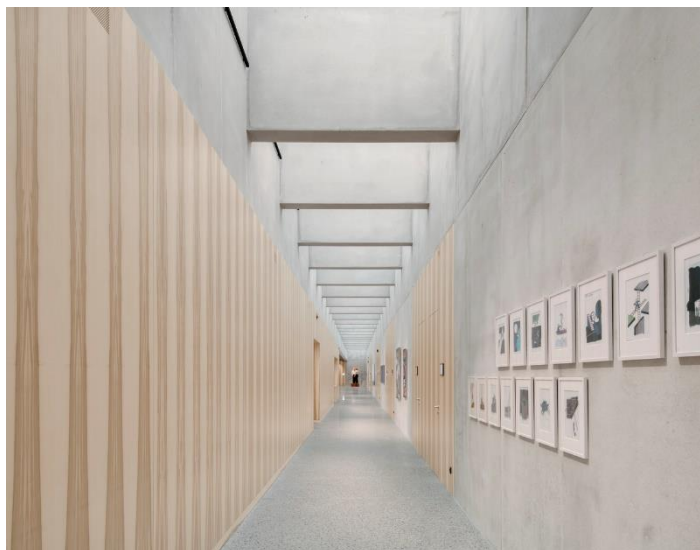
Um dos seus projetos mais atuais é o Fórum Carmen Würth, que se situa na cidade de Künzelsau, no sul da Alemanha. O projeto pedido previa um grande salão de eventos e outro, mais pequeno, que pudesse acolher recitais de música. Mas o complexo projetado por David Chipperfield, para além de incluir esses espaços, pode ser também utilizado para outros eventos. O edifício de arquitetura limpa e clara, adota modelos formais da linguagem arquitetónica industrial mas, ao mesmo tempo, é aprimorado no que refere à sua materialidade e insere-se num ambiente amplo e circundado por campos abertos. Procura-se encontrar um envolvimento escultural, não só com a paisagem circundante, mas também com um outro edifício das instalações Würth, que se encontra na envolvente. Envolvido com a paisagem natural, o edifício tem a sua sala de música escondida por baixo de um monte, de topografia natural. Na encosta foram feitas incisões em ambos dos lados, para estabelecer dois espaços externos emoldurados, que são ladeados por paredes de contenção de betão, colocadas em camadas, fazendo referência aos extratos de sedimentos do local. A partir de um grande pátio exterior faz-se o acesso à entrada principal do edifício – este pátio serve também como fórum ao ar livre, que permite a realização de vários eventos de grande dimensão, como concertos, por exemplo. O espaço de eventos multiusos, que pode ser acedido a partir de um foyer iluminado naturalmente, tem capacidade para 3.500 pessoas e enquanto parte dele se encontra enterrada, o nível superior da galeria vai acima do ponto mais alto, com um grande envidraçado em todos os lados. Este foyer dá também acesso a um salão de música



**Figura 59.** Fórum Carmen Würth  
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/943045>



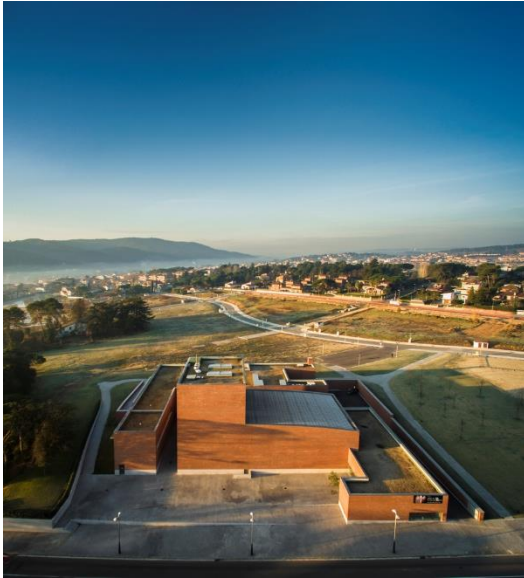
**Figura 60.** Fórum Carmen Würth  
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/943045>



**Figura 61.** Fórum Carmen Würth  
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/943045>



com capacidade para 600 pessoas, que possui uma forma mais intimista, sendo que visto exteriormente parece apenas uma modelação da paisagem. Numa segunda fase de construção, uma área de conferência flexível e um museu de arte, estendem a sala de concertos existente. É a diversidade funcional que reflete a ideia do conceito do projeto, através da capacidade do edifício se abrir continuamente. O museu inclui um café e um foyer e ainda uma grande sala de exposições que pode ser dividida, permitindo criar diversos espaços expositivos. É através de um grande envidraçado que o edifício estabelece a sua relação com a envolvente, abrindo-se para a vasta paisagem que o enfrenta, estabelecendo um diálogo com as esculturas exteriores que se encontram na sua envolvente.



**Figuras 62 e 63.** Teatro-Auditério de Llinars del Valles  
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/781593>



**Figura 64.** Teatro-Auditério de Llinars del Valles  
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/781593>



**Figuras 65 e 66.** Teatro-Auditério de Llinars del Valles  
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/781593>

### **3.5 Teatro-Auditório Llinars del Valles – Álvaro Siza Vieira**

**Local:** Barcelona, Espanha

**Área de Intervenção:** 4325,00 m<sup>2</sup>

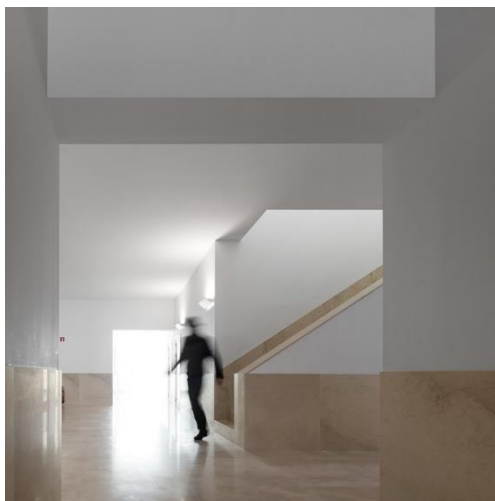
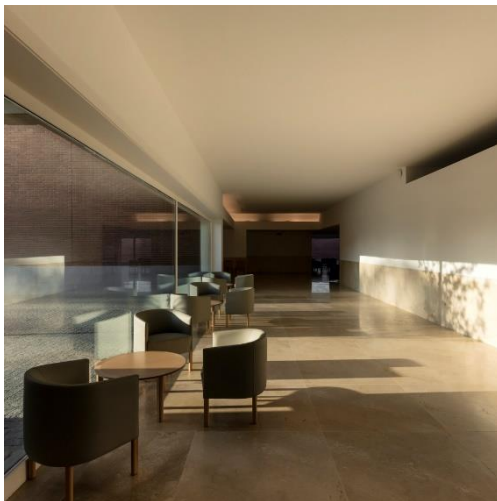
**Ano de Construção:** 2015

Álvaro Siza Vieira (1933 -) é o arquiteto português mais premiado e com maior visibilidade de todos os tempos, tanto no panorama nacional como internacional. Estudou na Escola Superior de Belas Artes do Porto, onde em 1955 conclui os estudos, mas já em 1954 tinha visto a sua primeira obra construída. De entre os inúmeros prémios que recebeu, destaca-se o Prémio Pritzker, denominado Nobel da Arquitetura e o prémio mais importante que um arquiteto pode receber.

Em 2015, Álvaro Siza Vieira, em conjunto com o gabinete espanhol Aresta, projeta o Teatro-Auditório Llinars del Valles. O projeto, apesar de se encontrar perto do núcleo urbano de Barcelona, insere-se numa paisagem rural. O equipamento de carácter cultural deveria respeitar e preservar os valores do parque e património local e, por isso, foram estes que influenciaram a sua implantação e determinaram a relação interior-exterior. Um projeto de arquitetura simples na sua estrutura, revestido a tijolo vermelho, adequa-se na sua totalidade à função que pretende cumprir e enquadra-se no lugar em que se insere. Estas escolhas materiais estão fundamentadas na funcionalidade e resistência do edifício. O projeto na sua simplicidade articula uma relação geométrica e espacial sabiamente conseguida, as suas formas atendem ao programa funcional pedido e o edifício insere-se na paisagem de forma polida. Através da implantação de dois volumes faz-se a distinção entre a área para as atividades cénicas e a área que alberga os departamentos organizacionais. Interiormente, a proposta deveria incluir um espaço amplo para atividades cénicas e musicais e, desta forma, é a partir desse espaço que o edifício se articula, funcionando como elemento central do projeto que deveria ter grande versatilidade a nível artístico, cultural e social. O auditório respeita uma linguagem linear e harmoniosa que contrasta com a curvatura do teto. Todos os elementos deste espaço são cuidadosamente pensados, desde a sua forma geométrica até à escolha das cadeiras. O volume inferior do edifício abriga espaços como os camarins, salas de ensaio e os espaços de armazenamento. No primeiro andar encontram-se o salão multiusos, salas técnicas e espaços vazios que permitem pontos de vista cruzados entre o grande espaço proposto para ensaios. É através de grandes cortes horizontais que se faz a iluminação completamente controlada dos espaços, permitindo que a luz os invada e para que, ao mesmo tempo, haja uma conexão direta com a paisagem



**Figura 67.** Teatro-Auditorio de Llinars del Valles  
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/781593>



**Figuras 68 e 69.** Teatro-Auditorio de Llinars del Valles  
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/781593>



**Figuras 70 e 71.** Teatro-Auditorio de Llinars del Valles  
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/781593>

envolvente. Os pátios exteriores filtram as aberturas como camadas de intimidade, possibilitando os vários pontos de acesso ao edifício, de acordo com a necessidade de utilização – acesso para artistas, funcionários e utilizadores do teatro.

Numa das laterais, Siza propõe uma entrada que leva a um espaço aberto, como uma espécie de ágora que permeia o núcleo do projeto e o abre parcialmente. Este espaço exterior permite o acesso a cargas e descargas e funciona também como um salão exterior para albergar eventos ao ar livre. Este espaço pode também ser subdividido em vários espaços de menor dimensão, que podem ser utilizados. Todo o espaço arquitetónico é altamente eloquente e inovador, mas respeitoso na sua abordagem ao arquétipo tipológico de um fórum público – o auditório.



### 3.6 Reflexões Finais

Alguns dos casos de estudos não se relacionam diretamente através da forma e da estrutura, mas sim através do conceito do projeto. No caso da Casa das Artes, do Parque Ibirapuera, do Fórum Carmen Würth e do Auditório Linnars del Valles, essa reflexão dos casos de estudo no projeto aparece através da capacidade que os edifícios têm de se aumentar e de se evoluírem consoante as necessidades programáticas – pela sua versatilidade e multifuncionalidade que permite que, por exemplo, se abram para o exterior e que sirvam um programa mais extenso. No caso do edifício do David Chipperfield, também é pelo conceito do projeto e pelo espaço que se abre para o exterior de forma a criar um espaço contínuo, que permite também a realização de eventos ao ar livre, o que também acontece no teatro-auditório do Siza. Esta característica é comum em muitos dos casos de estudo propostos e relaciona-se com o projeto proposto neste trabalho.

A Casa em Moledo, de Eduardo Souto Moura, relaciona-se mais pela materialização da arquitetura e a forma como o edifício se insere no terreno e se integra na paisagem sem a ferir, quase que fazendo parte deste espaço desde sempre – é uma das intenções também do projeto proposto, ainda que não seja tão evidente. No caso do projeto proposto, a forma usada para o edifício não ferir a paisagem foi enterrar grande parte do edifício para que não se ferisse muito a paisagem. O caso de estudo da Casa de Moledo influenciou também pela escolha dos materiais – o betão, a madeira, a pedra granito e o vidro. Este caso de estudo relaciona-se mais com o projeto através disso mesmo, da materialização e da implantação do edifício no terreno.

A Casa das Artes de Miranda do Corvo é talvez o caso de estudo mais influente pelo conteúdo programático do projeto. A capacidade do edifício se transformar criando espaços multifuncionais, mas principalmente pelo programa – foi um grande referência e influência para o projeto proposto e ajudou no seu desenvolvimento, também de forma a chegar à decisão daquilo que seria o melhor programa, que melhor correspondesse às necessidades do local.

A influência do projeto de Oscar Niemeyer para o parque Ibirapuera traduz-se no projeto proposto através de vários aspetos. Neste caso, a influência não advém de cada edifício por si só, mas por todos eles no seu conjunto. Niemeyer propõe uma série de edifícios culturais que se ligam entre si através de uma enorme marquise. No caso do projeto proposto existe um só edifício/volume que alberga diferentes programas artísticos, culturais e de lazer. A marquise, no caso do projeto de





Niemeyer, que conecta todos os edifícios, traduz-se numa grande praça central que conecta todos os pontos do projeto e que funciona também como ponto de encontro. O espaço exterior aos edifícios, o parque, que pode ser utilizado para eventos ao ar livre, influencia também na concepção da praça, que também suporta essa função.

Também no projeto de Oscar Niemeyer há uma praça que marca a entrada no mesmo. No caso do projeto proposto, a praça marca a entrada no edifício, fazendo parte integrante do mesmo. O projeto na sua globalidade permite à vila de Castelo de Paiva o seu desenvolvimento cultural.

Relacionando todos os casos de estudo abordados com o conceito do projeto proposto neste trabalho, há uma característica projetual que se destaca neste conjunto de obras, que é o facto de quase todas se enquadrarem num contexto ou numa paisagem rural. Para além disso, em todos os casos há uma relação vincada e evidente dos edifícios com a envolvente e com o meio em que se inserem, que se reflete no conceito do projeto aqui proposto. Mas, mais importante que isso, é necessário entender todo o pensamento arquitetónico que está por trás da concepção das obras referidas, e isso é a maior referência de estudo.

De forma conclusiva, é de entender que, na sua generalidade, todos os casos de estudo incluídos neste trabalho de projeto refletem numa grande influência para o desenvolvimento do trabalho, traduzindo a importância dos casos de estudo e das influências arquitetónicas, para a concepção de um projeto de arquitetura.



## **4. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

### **4.1 Problemáticas e Pertinência do Trabalho**

Nos tempos correntes tem-se verificado uma grande centralização artística e cultural confinada às zonas urbanas de Portugal, deixando os territórios rurais separados da atividade artística. Estas zonas com menor desenvolvimento territorial enfrentam consequências que são fruto desta centralização focada na área urbana, e que se refletem num conjunto de problemas que provocam um crescente atraso do seu desenvolvimento local. Este atraso repercute-se em outras questões importantes tais como o envelhecimento populacional local e a difícil fixação dos jovens na sua terra natal, sendo que este último também se deve às poucas oportunidades profissionais e à falta de ofertas artísticas frequentes e diversificadas, responsáveis por criar um ambiente estimulante e convidativo à sua fixação. Tendo isto em conta, é importante que cada território procure encontrar recursos e criar estratégias para o desenvolvimento do foro artístico, criativo e cultural, de forma a potenciar um maior crescimento territorial e a nível comunitário. Frequentemente, os territórios rurais possuem características artísticas e culturais que não são exploradas e, que ao serem, podem potenciar esse desenvolvimento territorial local. Castelo de Paiva é um território rural que detém em si saberes, tradições e culturas que o caracterizam. Em tempos, a população fazia a sua vida sustentada na cultura, nas artes e nos ofícios tradicionais, mas com o avanço tecnológico e com a industrialização do concelho, grande parte destes ofícios perderam a sua importância económica e, alguns deles, até ficaram em suspenso, paralisados num passado que não se desenrolou. É importante entender que é possível que estes territórios rurais se vejam mais desenvolvidos, reconhecendo o seu potencial criativo, tirando proveito de uma herança cultural que está anexa a estas práticas. Estes ofícios tradicionais fazem parte do património cultural e da memória coletiva de um povo e podem potencializar a difusão dessa herança e memória rural, através do uso destas práticas de ofícios tradicionais, mas também através da introdução de práticas artísticas contemporâneas ligadas a um processo criativo inovador.

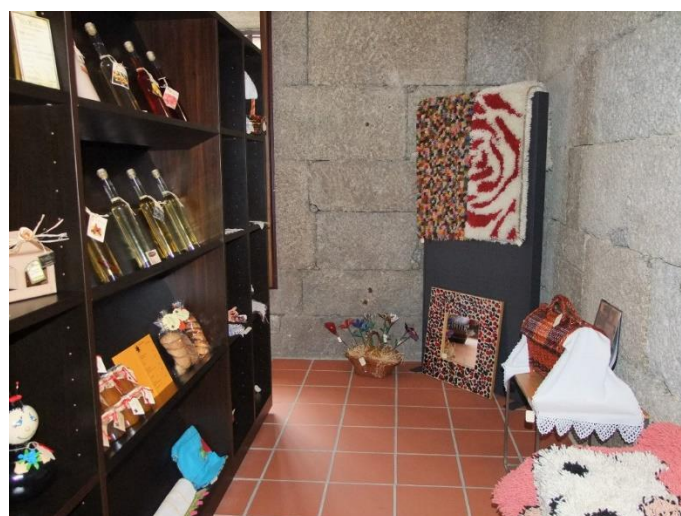
Atualmente, no concelho de Castelo de Paiva, algumas práticas artísticas tradicionais continuam a ser desempenhadas, mas são raras aquelas que mantêm a sua importância económica, sendo apenas mantidas pelos seus criadores devido ao gosto pela arte. "Entre estes ofícios tradicionais, os mais relevantes e que se vão mantendo ao longo dos anos são o do trabalho do cobre, a cestaria tradicional, a tecelagem em teares tradicionais, nomeadamente na contenção de tapeçaria e peças de linho, o fabrico de miniaturas artesanais em madeira e pedra de xisto, e ainda a



**Figura 72.** Fachada do Centro de Interpretação da Cultura Local (CICL)  
 Fonte: <https://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/centro-interpretacao-cultura-local>



**Figura 73.** CICL – Auditório  
 Fonte: <https://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/centro-interpretacao-cultura-local>



**Figura 74.** CICL – Espaço destinado à promoção de produtos locais  
 Fonte: <https://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/centro-interpretacao-cultura-local>

moagem. (...) Todos estes ofícios estavam e estão intimamente relacionados com o caráter rural da região, bem como a agricultura, tendo outrora desempenhado um papel crucial na economia local.”<sup>18</sup>

Estas artes oficinais tradicionais representam a cultura de Castelo de Paiva e são parte da herança e património do concelho. Algumas delas incluem-se na “Rota dos Ofícios Tradicionais da Terra de Payva”, um projeto desenvolvido pela câmara que pretende dar a conhecer os ofícios tradicionais da região e os seus envolvidos, com a intenção de manter viva a tradição e cultura paivenses. Ainda que este projeto dê a conhecer estes ofícios ao turismo e àqueles que visitam o concelho, é importante também que estes se introduzam na vida da população de Castelo de Paiva e possam voltar a fazer parte da economia local.

No que refere a equipamentos culturais, o concelho de Castelo de Paiva possui, no centro da vila, o Centro de Interpretação da Cultura Local – um espaço que se situa no antigo Edifício da Cadeia e que foi transformado de forma a servir como Posto de Turismo. Este espaço funciona com a intenção de servir como apoio ao turismo, ao lazer e à cultura, abrigando no seu interior uma sala para exposições e um pequeno auditório com capacidade para 50 pessoas sentadas. Para além destes espaços, há uma pequena sala que se destina à promoção dos produtos endógenos de Castelo de Paiva. Apesar de este ser um edifício de caráter cultural que surge com a intenção de expor as culturas paivenses e partilhar algumas das suas tradições, este edifício não possui capacidade suficiente para receber um grande número de pessoas, nem para acolher eventos de grandes dimensões. Desta forma, é importante para a divulgação da cultura de Castelo de Paiva, que haja um espaço de caráter artístico e cultural de maior dimensão, que permita não só explorar estas culturas, mas também repassá-las para a geração mais jovem, para que estas se possam manter e perdurar ao longo dos tempos futuros. Neste momento, não existe nenhum edifício em Castelo de Paiva que tenha essas capacidades funcionais e programáticas e que se destaque a nível de dimensão territorial.

Ainda dentro da génese cultural no panorama de Castelo de Paiva, um dos espaços deste caráter e que também foi estudado, foi o Mercado Municipal Alfredo Augusto Ribeiro, que também está localizado numa zona envolvente ao centro da Vila. Os mercados municipais são símbolos da cultura de cada território e têm um valor tradicional que os difere de todas as outras estruturas comerciais, pois funcionam como impulsionadores da economia local e contribuem para a dinamização

---

<sup>18</sup> Câmara Municipal de Castelo de Paiva, 2019. Rota dos Ofícios Tradicionais da Terra de Payva [Folheto Informativo em Livro]



**Figura 75.** Mercado Municipal Alfredo Augusto Ribeiro  
Fonte: Francisca Reis



**Figuras 76 e 77.** Mercado Municipal Alfredo Augusto Ribeiro – interior e exterior  
Fonte: Francisca Reis



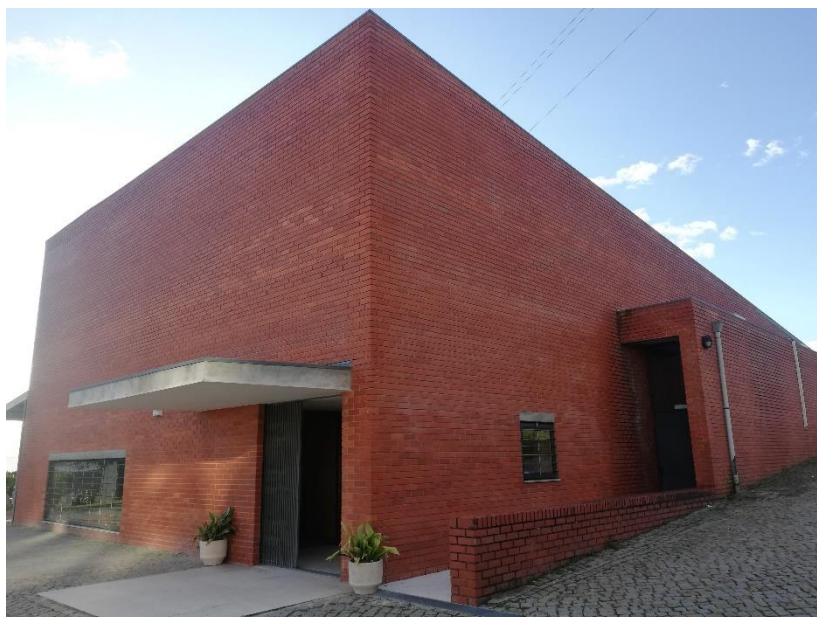
**Figura 78.** Mercado Municipal Alfredo Augusto Ribeiro  
Fonte: Francisca Reis

dos territórios em que se inserem. Mas aos poucos, com a industrialização e com a construção de novas cadeias de comércio, como os supermercados, estes mercados tradicionais vão perdendo a sua importância e vão sofrendo uma diminuição na afluência de utilizadores. Os mercados, para além de servirem como espaços de comércio e de terem um papel importante na economia local, têm também uma função social, cultural e histórica de grande valor, fazendo parte da herança cultural de um território. Estes, valorizam a venda de produtos tradicionais e hortícolas e frescos produzidos e criados pela população local. Para além disto, na sua vertente social, não servem apenas como mercados, mas sim como pontos de encontro, que reúnem laços da história da sociedade e que, por isso, precisam de ser preservados e dinamizados.

O mercado municipal de Castelo de Paiva, já existente há cerca de 40 anos, engloba no seu interior um espaço com bancas para a venda de produtos e, no exterior, algumas lojas que foram adaptadas a outras variedades comerciais. Este mercado, mesmo já tendo sido requalificado, mostra vários sinais de degradação. Para além disto, e apesar de se encontrar numa zona muito central de Castelo de Paiva, tem algumas condicionantes que fazem com que não tenha tanta afluência, como o facto de não ter espaço de estacionamento suficiente, já que não tem um espaço próprio para tal e os lugares de estacionamento de rua são escassos. A requalificação do mercado foi feita para que este servisse como um espaço que procura melhorar a vitalidade da economia local e da sociedade rural de Castelo de Paiva, preservando a genuinidade dos produtos típicos da região. Ainda que este mercado sirva alguns desses propósitos, seria vantajoso se houvesse um equipamento na vila de Castelo de Paiva que pudesse aliar todos estes princípios a um espaço com novas instalações e boas acessibilidades.

Para além dos ofícios e dos produtos tradicionais paivenses, a música também representa grande valor cultural para o concelho. Em meados do século XIX criou-se a 1.ª Filarmónica de Castelo de Paiva e no início do século XX surgem mais grupos musicais, como por exemplo a Banda dos Mineiros de Pejão, que chegou a ser considerada a melhor Banda Civil de Portugal. Para além da criação destes grupos musicais, o folclore sempre fez parte destas culturas musicais que representam as vivências culturais das gentes de Paiva. O cancionero musical está intimamente ligado às tradições de Castelo de Paiva, nomeadamente aos trabalhos do campo e às festividades populares e religiosas. Este tipo de cultura musical retém grande importância ainda nos dias de hoje, também graças às pequenas bandas musicais que, de forma amadora e gratuita, criaram escolas e grupos de ensino e deram formação para a partilha desta cultura. Em tempos mais recentes, a Educação Musical assume um papel determinante na formação de crianças e jovens e começa a dar-se





**Figura 79.** Auditório de Castelo de Paiva  
Fonte: Francisca Reis



**Figuras 80 e 81.** Interior do auditório de Castelo de Paiva  
Fonte: <https://www.allaboutportugal.pt/pt/castelo-de-paiva/cultura/auditorio-municipal-de-castelo-de-paiva>



**Figuras 82 e 83.** Interior do auditório de Castelo de Paiva  
Fonte: Francisca Reis

mais importância aos processos relacionados com a cultura e a sociedade, que resultam na proliferação de organizações artísticas e culturais, na área da música. Também Castelo de Paiva se incluiu neste movimento e em 1988 inaugurou-se a Escola de Música, hoje em dia nomeada de Academia de Música de Castelo de Paiva. Este espaço é constituído por um edifício que contém as salas para as aulas de música e por um outro edifício, que é um auditório, com capacidade para receber 200 pessoas sentadas. Este espaço possibilita a realização de eventos de maior capacidade e é provavelmente o maior equipamento cultural que o concelho possui de momento, onde se realizam a maioria dos eventos artístico-culturais, ainda que, hoje em dia, esteja mais direccionado para a realização de atividades da Academia de Música. O auditório possui algumas capacidades a nível técnico para a realização de espetáculos de pequena/média dimensão, musicais e teatros, mas ainda que possua alguma capacidade para albergar eventos deste carácter, esse espaço não será suficiente para as atividades que exigem mais espaço, tanto a nível interior como exterior. A nível de receção de artistas, por exemplo, o auditório apenas possui 4 camarins de muito pequena dimensão, sem balneários, o que torna mais difícil a realização de eventos que precisem de receber um grupo grande de participantes. Dada a importância da música, e não só, na tradição cultural de Castelo de Paiva, é também importante que haja espaços e equipamentos públicos capazes de divulgar, num panorama mais abrangente, todas estas culturas, permitindo também realizar este tipo de atividades ao ar livre, por exemplo, reunindo assim toda a comunidade num espaço de encontro único.

Após uma análise a estas problemáticas, um estudo prévio e uma reflexão crítica sobre estas questões, entende-se este tipo de equipamentos culturais de grande dimensão, que possam servir toda a população ainda que de formas diferentes, que estão em falta no concelho de Castelo de Paiva. Seria então fundamental para a cultura do concelho que existissem equipamentos desse foro, capazes de responder às problemáticas existentes no momento e que, cada um deles, pudesse servir cada uma dessas necessidades.

A pertinência deste trabalho de projeto parte da intenção de resolver estas problemáticas e lacunas a nível artístico e cultural na vila de Castelo de Paiva. Por essa razão, propõe-se um equipamento que, através da sua centralidade e da sua capacidade programática multifuncional, visa explorar estas culturas e tradições, de uma população com tantas memórias culturais absorvidas e que em certo momento ficaram suspensas. O objetivo maior do projeto proposto é poder juntar todos os ofícios, culturas e tradições num equipamento único, capaz de os difundir e os dar a conhecer, para que possam ser passados de geração em geração, e para que não fiquem esquecidos, continuando a fazer parte da história e da memória cultural de



Castelo de Paiva. Este equipamento, para além da génese cultural, tem o objetivo de servir como um espaço central de caráter social. Um equipamento artístico e cultural, que através da sua centralidade na vila e do seu programa multifuncional, vai também permitir e incitar a execução destes ofícios, permitindo a sua venda, num espaço central que vai servir toda a população de Castelo de Paiva, e também influenciar a vinda de utilizadores de fora do concelho, permitindo assim uma expansão destas correntes artísticas, dando-lhes uma nova oportunidade e possibilitando um desenvolvimento da economia local, como outrora acontecia. O proposto “Sítio das Artes e Culturas de Castelo de Paiva”, e como o nome também exprime, supõe um programa completamente expansível, com diversos espaços culturais e que, para além das funções que compreende, pode ainda ser utilizado para diversos eventos, e este é o seu maior propósito – ser um equipamento de cariz polivalente. Como já foi referido, o edifício no seu conjunto alberga vários programas artísticos e culturais, tais como um mercado, uma área de exposições, vários ateliers de artes e um auditório. Estes programas relacionam-se entre si pela sua génese cultural e porque estão todos ligados a nível programático, pois todos servem o mesmo objetivo – a expansão e divulgação das correntes artísticas e culturais.

Para além de divulgar estas correntes e tentar mantê-las na tradição, é importante também reconhecer que as artes têm um papel fulcral no desenvolvimento cognitivo, servindo como forma de comunicação e expressão. Através da arte e das formas artísticas, desenvolve-se um domínio do imaginário e da criatividade, possibilitando que esta sirva como forma de expressão – a arte é o resultado da experiência humana, sendo o seu resultado refletido na história e na cultura. Assim, a área de ateliers de artes, pressupõe um espaço com capacidade não só para executar os ofícios tradicionais, mas também para que estes possam ser passados a gerações mais novas. É importante referir que é intenção deste projeto promover o ensino e a atividade artística para os mais velhos, mas também para os jovens, cativando e influenciando os mesmos a utilizar o espaço e a descobrir novas vertentes sem terem que se deslocar para as áreas metropolitanas. Assim, é importante que estes encontrem neste equipamento um sítio onde prefiram estar, ao invés de saírem da Vila e irem para cidades maiores, mesmo para as suas atividades de lazer, teatro, concertos, cinema, etc. Todos estes programas, que só podem ser encontrados nas cidades, são propostos neste trabalho de projeto. Isto inclui também um bar, que para além do horário do equipamento, pode funcionar durante a noite, conjugar-se com uma esplanada, concertos ao ar livre, e outros eventos. Uma das grandes intenções do projeto é encontrar uma forma de fixar os jovens na sua terra natal, e que nela possam encontrar todas as condições para o desenvolvimento da sua formação cultural individual. Este equipamento procura trazer várias mais valias



para a Vila, sendo capaz de acolher grandes eventos, como concertos, peças de teatro, exposições de arte, festas tradicionais, entre outros. Para além da capacidade de albergar eventos que não se realizavam antes, este espaço serve também com o propósito de acolher eventos já realizados ao longo dos anos em Castelo de Paiva – manifestações tradicionais como a feira da agricultura, a feira do livro, ou a festa do vinho verde, por exemplo... É também objetivo fulcral do projeto proposto que se estimule uma socialização entre as diferentes faixas etárias, pretendendo uma interação entre todos os utilizadores, criando um espaço que serve de ponto de encontro entre toda a população e que proporciona espaços de estar e de lazer, capazes de juntar essas várias faixas etárias num equipamento só. Este não irá funcionar só a nível local, mas também tem a intenção de atrair mais pessoas à Vila, ajudando assim na sua promoção, sendo que esta irá ter um maior interesse cultural e artístico. Assim, Castelo de Paiva colocar-se-á num patamar mais elevado no que refere à capacidade de albergar grandes eventos, por ter um edifício multifuncional e capaz de se transformar, possibilitando assim a capacidade de servir diversas atividades culturais.

Cada um dos programas propostos no equipamento vai trazer diferentes condições e melhorias, todas elas pensadas de forma a contribuir para o desenvolvimento do concelho de Castelo de Paiva. O equipamento proposto localiza-se numa área central da vila, com bons acessos, já que se encontra na artéria principal – a entrada na Vila, sendo assim um marco de entrada. O novo mercado proposto não funcionará apenas como mercado tradicional, mas também como forma de promoção das artes e ofícios do local, possuindo lojas fixas de vendas e também um espaço amplo para a colocação de bancas móveis. Para além disto, todo o espaço do mercado pode também servir como área de exposição, trazendo maior divulgação das artes e costumes e onde os moradores da vila podem vender os seus produtos e expor os seus ofícios. Será então um mercado mais amplo e com todas as condições que os tempos de hoje assim o exigem, e o mercado tradicional, em tempos deixado no esquecimento, ganha uma nova vida, possuindo capacidades adaptativas que se propõem no novo projeto. Os ateliers de artes propostos, como já foi referido anteriormente, são criados com o objetivo de voltar a trazer para a atualidade, os ofícios tradicionais e as práticas artísticas e culturais que ao longo dos tempos foram ficando no passado. Estas “oficinas” destinam-se ao desenvolvimento destas práticas, e também ao seu ensino, impulsionando assim a sua difusão. Desta forma, evita-se que estas caiam no esquecimento, e continuem a criar valores culturais e artísticos para a sociedade. As áreas de exposição que são propostas no equipamento, vão surgindo ao longo do mesmo, funcionando como divulgadoras da cultura. O auditório, permite a realização de eventos de grande capacidade, que





outro não seriam possíveis de realizar. Surge também como forma de refletir a importância da cultura musical em Castelo de Paiva, mas também a inserção de outras práticas artísticas, como o teatro e o cinema, por exemplo.

O projeto, no seu conjunto, atua como um ponto central para a vida social e cultural na vila. O conjunto de programas, aliados a uma praça central que permite o aumento de cada um deles e a realização de atividades de grande dimensão, contribuem também para a vitalidade da vila, criando uma atração visual. Através deste movimento, da ação existente nesta praça, as pessoas são conduzidas a entrar, a descobrir o que existe para além desta, e assim, vão ser abraçadas e influenciadas por este conjunto de culturas que o equipamento transporece. Este equipamento e este espaço que o envolve são também um novo ponto de encontro entre os utilizadores, providenciando o contacto mútuo, tornando-se num ponto central de extrema importância para a ligação intergeracional. Este equipamento garante bons acessos e lugares de estacionamento, que também estavam em falta em alguns dos equipamentos culturais existentes e, desta forma, permite que mais pessoas possam visitá-lo. Este conjunto é algo que Castelo de Paiva precisa no momento, de forma a que todas as problemáticas referidas inicialmente possam ver-se resolvidas.

Para além de todos estes problemas, que são do foro cultural e artístico, existem também questões a nível da morfologia urbana da vila, que também são importantes de resolver. Neste caso, o terreno em que o equipamento se insere está situado num quarteirão cuja malha se encontra desfragmentada, criando assim um desordenamento que resulta num grande espaço desaproveitado que não dá resposta às necessidades da população sendo que, em cerca de 80% dos limites do terreno, não existem passeios. Estas questões viriam a ser resolvidas com a proposta de um projeto de um equipamento, que pretende também melhorar o desenho urbano do concelho. A pertinência do trabalho de projeto surge também com a intenção de resolver esta questão, consolidando a área envolvente à Quinta da Boavista e preenchendo um vazio urbano que aquele espaço constituía. Desta forma, também o desenho urbano da Vila ganha uma nova imagem, assim como um novo espaço público.

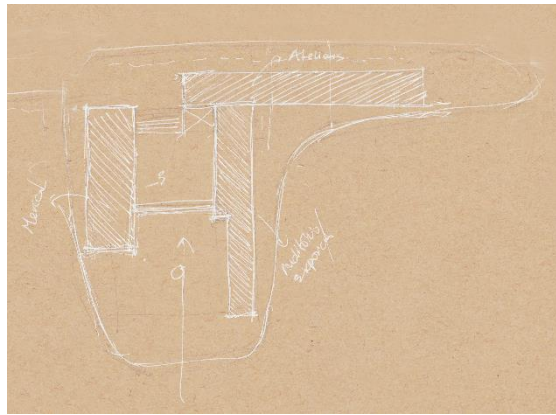


**Figuras 84, 85 e 86.** Maqueta de estudo do terreno de projeto

## 4.2 Processo Evolutivo do Projeto

A elaboração de um projeto de arquitetura passa por um exaustivo processo de trabalho e atravessa diversas etapas até que finalmente se chegue a uma solução final. Antes de se poder falar sequer de um projeto, é preciso que se passe por um processo de análise que deve ser rigoroso e aprofundado, experimentando várias fases e estudando todos os elementos que irão influenciar na composição do mesmo. Todos os momentos do processo de trabalho são importantes, permitindo chegar a conclusões que irão influenciar a sua solução final. Nenhuma etapa é percorrida em vão, tudo é feito no seu tempo, e este processo criterioso de análise implica ir ao terreno, fotografar, desenhar, recolher informações, fazer o levantamento e experimentar, e tudo isto é crucial e imprescindível para a conceção do projeto de arquitetura. Todo este percurso, este processo contínuo na busca da solução final, passa por uma série de adversidades e altera-se várias vezes ao longo do tempo. Mesmo após se encontrar um programa e uma forma para o projeto, o que é idealizado numa primeira ideia vai sofrendo alterações à medida que se vão encontrando condicionantes projetuais ao longo do percurso, sendo assim necessário ir adaptando as primeiras ideias. O caminho delineado inicialmente deu muitas voltas até chegar ao destino final, porque para além das adversidades que vão surgindo, surgem também novas ideias que vêm destacar as já tidas inicialmente e que devem ser adaptadas. Todos os elementos do lugar são influenciadores do projeto – a topografia do terreno, a sua forma e dimensão, a envolvente, os acessos, a morfologia dos seus limites – e é a partir deles que se chega a uma ideia.

Este projeto de arquitetura foi marcado por vários momentos e alterações, sempre em busca da melhor solução, sendo possível afirmar que este processo se organizou em alguns momentos mais marcantes, e cada um deles teve o seu próprio processo de desenvolvimento. Ao longo do tempo o projeto sofreu diversas alterações, mas é importante referir as principais e aquelas que mais influenciaram na elaboração do mesmo. O primeiro momento e provavelmente o que teve uma solução mais difícil, foi a procura pela forma, a conceção e a implantação da volumetria. O terreno é constituído por uma grande área em que parte está coberta pela vegetação e com uma topografia muito irregular, e isso dificultou a possibilidade de entender o mesmo inicialmente, e só depois de se ter o levantamento topográfico e da construção de uma maquete de estudo, que foi extremamente importante para entender a topografia do terreno, é que foi possível entender melhor a sua morfologia, as cotas e os desníveis. Inicialmente a topografia irregular e com grandes diferenças de cotas viu-se como um entrave, pelo que houve certa dificuldade em



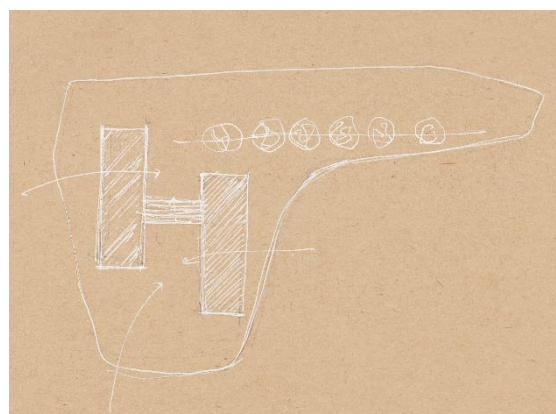
**Figura 87.** Estudo de Implantação - Esquisso



**Figura 88.** Estudo de Implantação - Maqueta



**Figura 89.** Estudo de Implantação - Maqueta



**Figura 90.** Estudo de Implantação - Esquisso

formular um projeto que pudesse vencer os desníveis do terreno e que surgisse de forma coerente e equilibrada, sem o ferir. Trabalhando com a maquete, experimentando várias hipóteses de implantação, entre riscos e tentativas toscas, procurou-se chegar a uma proposta, mas rapidamente se entendeu que a solução certa não passaria por um conjunto de edifícios separados entre si e encostados a um canto do terreno, nem por uma solução que passasse por simplesmente pousar os volumes em cima do mesmo. A solução seria então trabalhar o terreno em conjunto com o edifício, com intenção de chegar a uma proposta de implantação que se distribuisse organizada e equilibradamente pelo terreno e que surgisse em harmonia com o mesmo. Neste caso, deixou-se que o terreno influenciasse a organização formal, vendo a topografia como uma solução e não como um problema, e desta forma foi mais fácil chegar a uma primeira ideia de implantação, que serviu como base para a solução final, ainda que se tenha alterado ao longo dos tempos. Para além disso, era importante ter todos os edifícios ligados entre si, até porque a nível programático fazia muito mais sentido que assim o fosse. Então, inicialmente, esta implantação acabou por se refletir num conjunto de edifícios ortogonais que ainda passaram por algumas hipóteses até à solução final.

O desenho do terreno trouxe algumas complicações a nível da implantação, que se pretendia que ocupasse todo o espaço, de forma distribuída. No entanto, como uma parte do terreno era constituída por um braço horizontal estreito era difícil encontrar uma distribuição formal que se pudesse inserir nessa área do terreno, pelo que se encontraram muitas limitações nesse sentido. Inicialmente, experimentaram-se várias disposições para a inserção da volumetria, tentando que uma parte dela surgisse horizontalmente e colmatasse o espaço pertencente àquele 'braço' do terreno, mas essa não se revelou a melhor solução, porque o volume colocado na horizontal ficava muito perto dos seus limites, o que iria condicionar a proposta tendo em conta que não haveria assim nenhuma área disponível à volta deste volume para trabalhar o espaço exterior. A ideia do projeto sempre passou por aliar o edifício com o seu exterior e com a envolvente e esta proposta não permitia isso. Foi então necessário estudar outras opções que pudessem ser viáveis e que a nível da implantação do edifício se enquadrassem no terreno e na sua forma, respeitando os seus limites e deixando sempre espaços desafogados. A resposta a esse problema foi criar uma peça diagonal que se interligasse com os outros volumes, quebrando assim a ortogonalidade dos mesmos. Esta ideia permitiu então que, de forma organizada, se encontrasse uma proposta inicial de implantação que completasse o espaço do terreno e que ao mesmo tempo fizesse sentido no seu todo, e ainda que não fosse a solução final, seria a disposição quase correta para a volumetria.



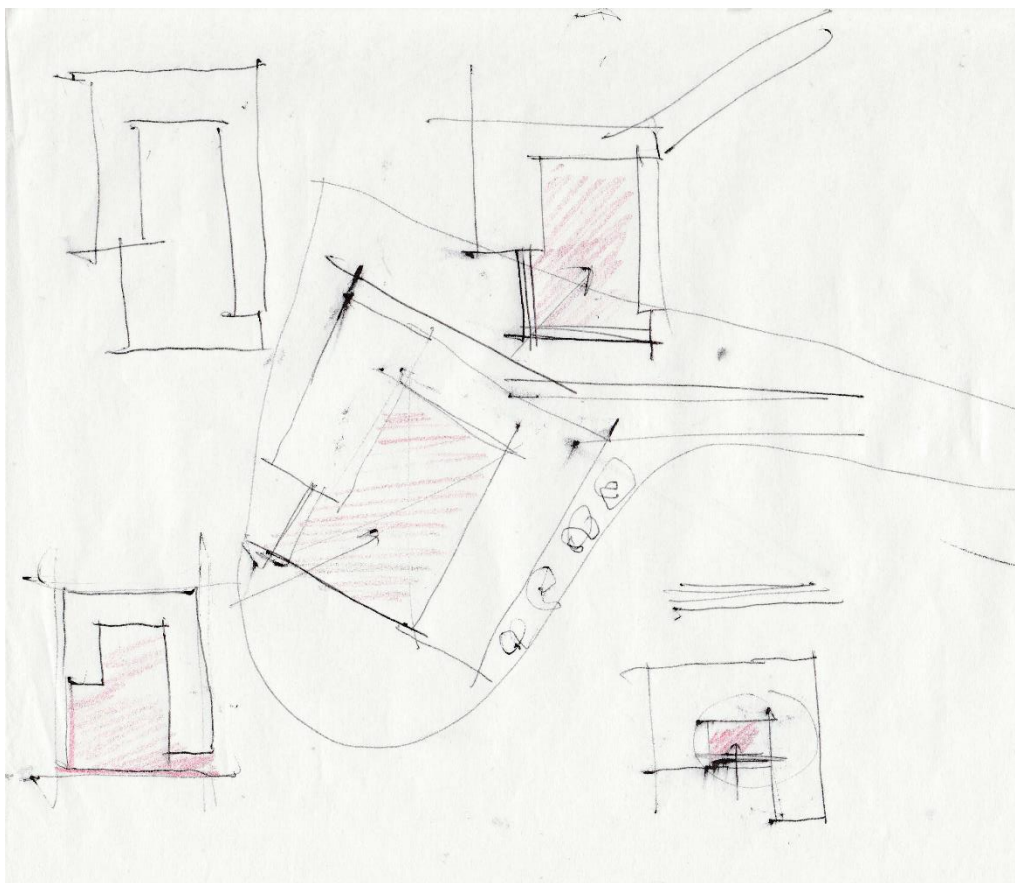


Este primeiro momento referiu apenas a busca pela forma e pela distribuição mais pertinente, através do programa proposto, que teve influência na distribuição e organização volumétrica. O programa foi a primeira coisa a ser pensada e concebida, de acordo com as necessidades e problemáticas do concelho de Castelo de Paiva e propunha que o projeto se distribuisse em três partes, que se organizavam entre um mercado, um auditório/área de exposição e uma área de ateliers artísticos. Estes três espaços definem os três principais volumes que se distribuem no terreno e que estão ligados entre si por um volume central que corresponde à entrada principal do edifício. Esta organização formal e volumétrica, como já foi referido anteriormente, demorou algum tempo a atingir, e só depois de vários estudos e desenhos é que se conseguiu alcançar esta distribuição, que foi evoluindo significativamente ao longo do processo de trabalho.

No que respeita à organização interior, os espaços principais já tinham sido previamente definidos, e o único espaço que sofreu mais alterações ao longo do desenvolvimento do projeto foi o espaço central referido anteriormente, que iria conter as escadas de acesso ao piso superior e que inicialmente havia sido pensado para receber as áreas administrativas e o espaço do bar, de forma a que este fosse também um elemento central do projeto. Mais tarde, entendeu-se que a área administrativa deveria estar numa zona mais privada, pelo que colocar estes serviços na entrada principal não se revelou a melhor opção e, por isso, decidiu-se passar toda essa área para o piso superior, deixando apenas a receção e o bengaleiro no piso inferior. Assim, toda a área central da entrada se transformou num *open space*, que serviria como um espaço multifuncional, que pudesse ser também prolongamento da sala de exposições, e por isso também teria um carácter expositivo. O bar, que tinha sido pensado para ficar nesta zona central, passou a estar localizado na área do mercado, para que fosse possível ligar o seu espaço com a zona de funcionários, mas principalmente com o espaço do mercado. A escada, já mencionada anteriormente, é um elemento muito importante no projeto, pelo que deveria ter um carácter monumental e ser um momento marcante no percurso interior do edifício. Dessa forma, optou-se por uma estrutura helicoidal que através da sua forma quebra a ortogonalidade e rigidez retilínea dos espaços interiores, tornando-se num elemento escultórico do projeto. A sua posição também passou por várias hipóteses até se encontrar o melhor sítio para a sua localização, que se entendeu que deveria estar descentrada do espaço do foyer principal, dando amplitude ao mesmo, quebrando a sua centralidade e deixando uma grande área sem obstáculos.

Assim, e de forma sintetizada, pode concluir-se que a distribuição interior, depois de ter passado por várias hipóteses de organização, se reflete em três espaços principais – mercado, auditório/sala de exposição e ateliers de artes – conectados



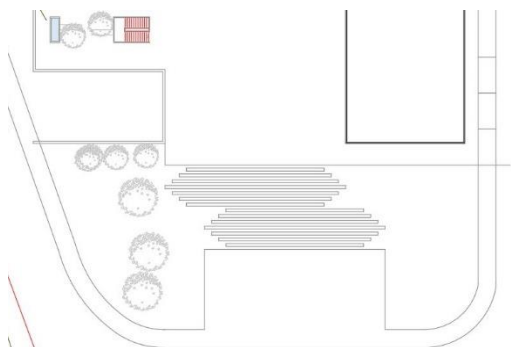
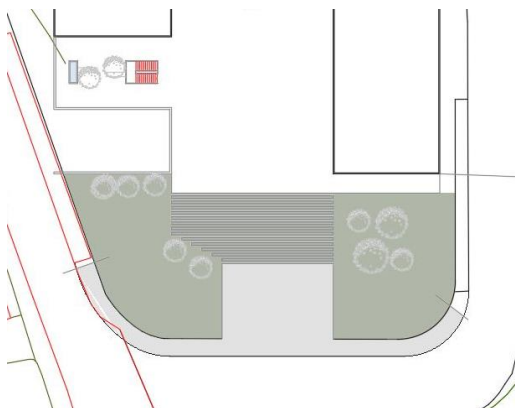
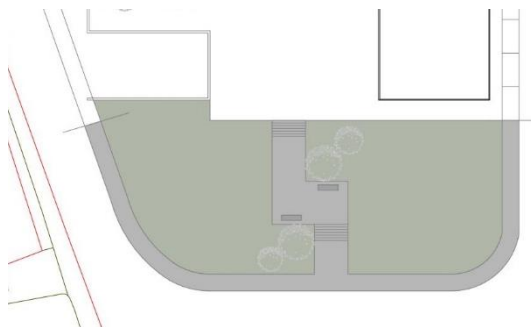


**Figura 94.** Estudo da proposta da praça - Esquissos

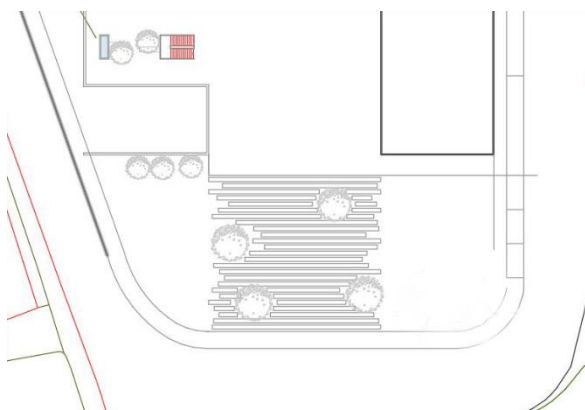
entre si por esta área central que organiza o projeto consoante as suas funções programáticas.

Feita a implantação dos volumes e uma prévia organização interior, é necessário voltar ao espaço exterior e entender melhor a sua organização. Os edifícios propostos, na sua singularidade não eram nada, estavam apenas a flutuar na topografia do terreno e, por isso, era necessário encontrar um elemento de ligação entre eles, um espaço que os conectasse exteriormente entre si, um espaço que, de acordo com o programa, era estritamente necessário e que no final se viria a tornar num dos elementos mais importantes do projeto: a praça. A ideia inicial do projeto não integrava a opção de ter uma praça, pelo menos não com estas funções, mas não foi preciso muito tempo para entender que este elemento seria indispensável na conceção do mesmo. Procurou-se então encontrar uma cota estável que fazia sentido em todos os aspetos, porque para além de se criar um patamar de ligação entre todos os edifícios, por baixo deste foi possível integrar um parque de estacionamento coberto, resolvendo assim outra parte do projeto sem ter que escavar mais o terreno. Isto porque o patamar se situava à cota 227,05 e cinco metros abaixo, à cota 222 encontrava-se a entrada do estacionamento, que se garantia através de um acesso direto pela rua que se encontra à mesma cota. A escolha da cota 227,05, como cota estável, foi pensada tendo em conta os acessos, permitindo que esta se acesse diretamente através da cota da rua pelo menos num momento, tornando assim o espaço acessível a cadeiras de rodas sem ser necessário criar rampas. A ideia de praça não teve logo uma solução definitiva, o desenho do patamar referido anteriormente teve várias hipóteses e a solução apenas se tornou mais clara aquando da implantação final dos edifícios. Ao longo do processo de trabalho, o desenho da praça foi obtendo forma, e este espaço foi ganhando o carácter cultural e social que o programa previa, tornando-se num dos pontos mais importantes do projeto, aquele que dava acesso a todas as partes do edifício e que servia como extensão desses mesmos espaços, tornando todo o projeto num conjunto único que se interligava através de relações programáticas e concetuais. Mas, criar apenas a praça não era suficiente, era necessário criar um acesso à mesma, e tendo em conta que esta se situava a uma cota mais alta que a rua, só era possível fazê-lo diretamente pela rua a sudeste, tendo sido necessário criar um acesso alternativo, que acabou por se tornar na principal ligação à praça.

Desta forma, a ideia tida para combater o desnível do terreno, passou por criar uma escadaria de acesso, que não deveria servir apenas para fazer a comunicação entre dois pontos, mas do ponto de vista do conceito do projeto, devia ser parte integrante do mesmo. Assim, a solução não passava por uma escadaria maciça de betão, e essa nunca foi a intenção, mas sim criar um percurso que, assim



**Figuras 95, 96 e 97.** Estudos da escada exterior



**Figura 98.** Escada exterior – Proposta final

como acontece com a implantação dos edifícios, surgisse de forma natural no terreno sem ferir a imagem do mesmo. Não foi de todo fácil chegar à solução final das escadas – o terreno era difícil, era preciso vencer um desnível de quase três metros de altura e ao mesmo tempo criar uma proposta que pudesse também surgir em conformidade com o desenho do passeio – assim, a escadaria devia surgir de forma ténue, integrando-se na sua topografia e com os restantes percursos com os quais a escada estabelece ligações.

Foram feitos vários desenhos daquilo que poderia ser a possível ideia de escada, procurando criar um caminho que guiasse o percurso até à praça, e sendo este um dos pontos mais importantes do projeto, a escada e o caminho percorrido nela também o deveriam ser. Dessa forma, procuraram-se soluções que, para além do percurso, pudessem dar ao utilizador um espaço de estar e de contemplação. Por isso, a escada não deveria ter apenas a função de fazer comunicar dois pontos, mas também uma função social, assim como acontece com a praça. É através de degraus de betão com apenas dez centímetros de espessura, que se inserem naturalmente no terreno como se dele nascessem, que surge a escadaria, tenuemente, sem mexer na topografia do terreno. A escada proposta pretende, através do seu desenho sinuoso, guiar o percurso até à praça e, ao mesmo tempo, através de árvores que surgem durante o caminho, proporcionar espaços de sombra, exercendo também funções de anfiteatro.

A proposta final da escada ganha importância no terreno através da sua implantação, afirma-se no projeto apesar de surgir tão tenuemente e acaba por se tornar num dos mais importantes espaços que este contém, pela sua organicidade e pela relação que estabelece com o terreno, sem interferir com a sua topografia. A escada não é apenas uma parte constituinte do projeto, é um todo, em conjunto com os restantes elementos que o compõem.

Ao longo de todo o percurso evolutivo do projeto, surgiram várias questões e problemáticas, a nível da implantação, da organização interior, dos acessos, entre outros. A solução para estas questões passou por experimentar outras, riscar, desenhar, sempre com objetivo de cumprir com a intenção inicial do projeto, tendo sempre em consideração todas as condicionantes, procurando a melhor forma de as resolver. Assim, todas as alterações feitas surgiram apenas na procura de uma solução que pudesse dar uma melhor resposta ao programa proposto e que, para além de ser funcional, fosse uma boa solução arquitetónica. Todos os momentos do processo foram importantes, todas as etapas foram essenciais, considerando sempre todo o projeto como um conjunto. Os mais pequenos detalhes têm talvez tanta importância quanto os maiores, mas aqui, de forma sintetizada, é intenção referir



que todos os momentos mencionados anteriormente foram os que mais marcaram a conceção e o desenvolvimento do projeto.

Procurou-se sempre obter um desenho equilibrado, uma implantação coerente e uma organização lógica, considerando sempre todos estes elementos como um conjunto, aliando a função com a estética, na procura de uma solução arquitetónica lógica e racional. E foi através de todo este processo sério e ponderado, passando por todas as etapas fundamentais para a formulação de um projeto de arquitetura, que foi possível projetar o equipamento proposto, idealizado através de um programa que corresponde às necessidades locais e que dá resposta às problemáticas do concelho de Castelo de Paiva. Como diria Fernando Pessoa, “o caminho faz-se caminhando”, e foi a caminhar, sem queimar etapas, seguindo os passos que a arquitetura requer, que se atingiu o resultado proposto neste trabalho de projeto.





## 4.3 PROJETO FINAL

### 4.3.1 Tema/Ideia

A ideia tida como aquilo que é o imaginado e pensado para o projeto, vai-se refletir intrinsecamente no conceito do mesmo. De facto, é a partir das ideias para o projeto que se desenvolve um conceito, ou melhor, o conceito é precisamente isso, a ideia ou o conjunto de ideias que vai ser reflexo da intenção projetual. Poder ter a oportunidade de propor um projeto que parte de uma escolha pessoal, tanto a nível da localização do mesmo como do seu conceito ou programa, é uma forma de se propor algo que de raiz, vai procurar resolver problemas específicos que motivaram também a que esse mesmo projeto fosse proposto/idealizado. Desta forma, a sua solução deve ser adaptada às condicionantes e estar fundamentada por uma ideia ou por um conjunto de ideias, que sejam pertinentes à realidade, criticando a situação preexistente. Numa primeira intenção, deve haver a sensibilidade de identificar os problemas existentes e que precisam de solução, pelo que a ideia de projeto deve surgir como resposta aos mesmos. O projeto de arquitetura deve refletir nisso mesmo, na solução não só para um problema, mas sim para um conjunto de situações problemáticas. Esse tipo de análise, que foi conscientemente feito na fase inicial do trabalho de projeto, aliado a uma reflexão crítica e a uma pesquisa intensiva, permitiu propor um tema que, conseqüentemente, se refletiu num programa capaz de resolver questões reais. Desta forma, é possível afirmar-se que a ideia para o projeto parte de todas as condicionantes e problemáticas encontradas, e que se reflete numa proposta que intenciona resolvê-las. Este tema/ideia de projeto surge então como solução para algumas questões que não se encontravam resolvidas e permite, ao mesmo tempo, introduzir um novo panorama no contexto artístico e cultural de Castelo de Paiva. Mas antes de se poder introduzir e formular um projeto de arquitetura, é importante analisar as condicionantes do lugar em que este se vai inserir, pois estas vão influenciar diretamente na conceção do mesmo. E isto também está ligado à ideia de projeto, ou melhor, o próprio lugar e a sua ligação com o projeto, são também a ideia de projeto.

O lugar é o maior impulsionador no desenvolvimento da conceção do projeto de arquitetura. Aquando da elaboração do trabalho foi necessário estudar o lugar, conhecer o seu *genius loci*, para que o projeto se integre corretamente e surja em harmonia com o lugar em que se encontra. O *genius loci*, na sua definição literal significa “espírito do lugar” e de acordo com a mitologia romana, todos os lugares eram guardados por um espírito protetor, que mantinham a sua harmonia. É assim necessário analisar o lugar, entender o seu aspeto morfológico e a sua configuração



física: a sua topografia, a altura, as curvas de nível, a forma, entre outros. Mediante este estudo, que deve ser feito através de diversos meios de análise e de uma observação cuidadosa e perceptual das condicionantes, é que é possível conceber ideias e imagens daquilo que tencionamos projetar. É essencial conhecer e sentir o lugar, estudá-lo e percebê-lo, conhecer a sua história, antes de poder desenvolver a mais pequena ideia de projeto. É importante entendê-lo, assim como à sua envolvente próxima e não próxima, sem nunca a ignorar, seja para a “deixar de parte” porque não tem nada que nos agarre a ela, seja para a envolver com o edifício, pela sua importância e pertinência no lugar. É estritamente fundamental, no papel de estudante de arquitetura, e não só, que haja a sensibilidade de entender o lugar e a preocupação de criar uma ligação entre este e o edifício construído. Criar uma relação entre o novo e o existente, evidenciar no edifício marcas do passado, conectá-lo com o lugar, integrá-lo, são atitudes cruciais no método de projetar. É essencial que se consiga criar uma relação entre o novo e o existente, para que este, no futuro, consiga a sua própria identidade e faça com que o existente passe a ser visto de uma nova forma. Esta preocupação, esta sensibilidade, faz com que o “novo”, ainda que seja desconhecido, fique completamente integrado no lugar do existente.

Assim, não se ataca o lugar, respeita-se a envolvente, tentando que o edifício surja em harmonia com o lugar – trabalha-se o edifício através da topografia natural do terreno. Este passa a fazer parte integrante do mesmo, em vez de ser simplesmente colocado nele. E isto mesmo, é o objetivo principal da proposta de intervenção, é a primeira ideia de projeto. Não ferir o lugar, deixá-lo coexistir com o edifício, criando uma ligação harmoniosa e evidente entre os dois, com a intenção de dar a entender que o edifício apesar de novo, se dissimule, parecendo que já faz parte do lugar em que se insere. Referia Fernando Távora que: “(...) a relação de um edifício com o seu sítio é de importância capital e embora normalmente, e sob o ponto de vista da dimensão, o sítio predomine sobre o edifício, a verdade é que este, embora pequeno, pode destruir totalmente aquele, quando o que seria de desejar era a obtenção de um equilíbrio harmónico entre os dois elementos em presença. (...) de um modo quase geral, quando um edifício de hoje se instala num sítio, perdem-se um e outro por ausência de relações corretas entre ambos. E se um mau edifício pode ainda ser suportável numa rua ou numa praça, na medida em que estas dominem sobre ele, um edifício mal relacionado com um sítio significa todo um extenso trecho de paisagem destruído, toda uma oportunidade perdida.”<sup>19</sup>

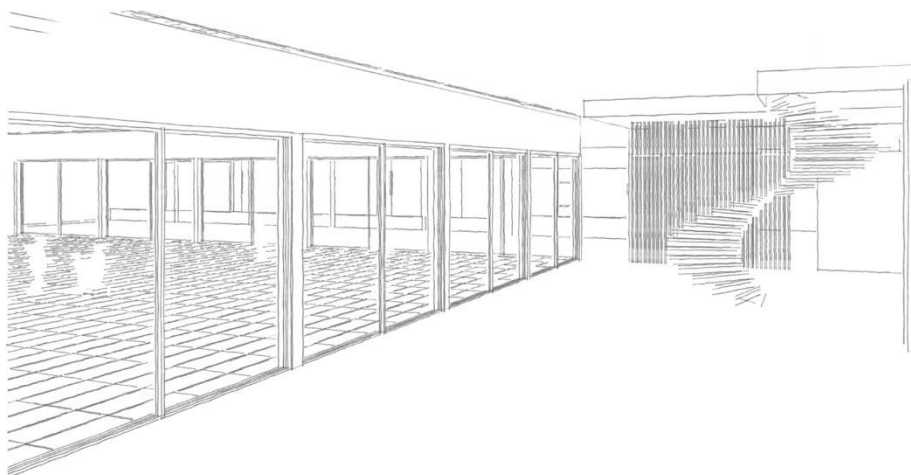
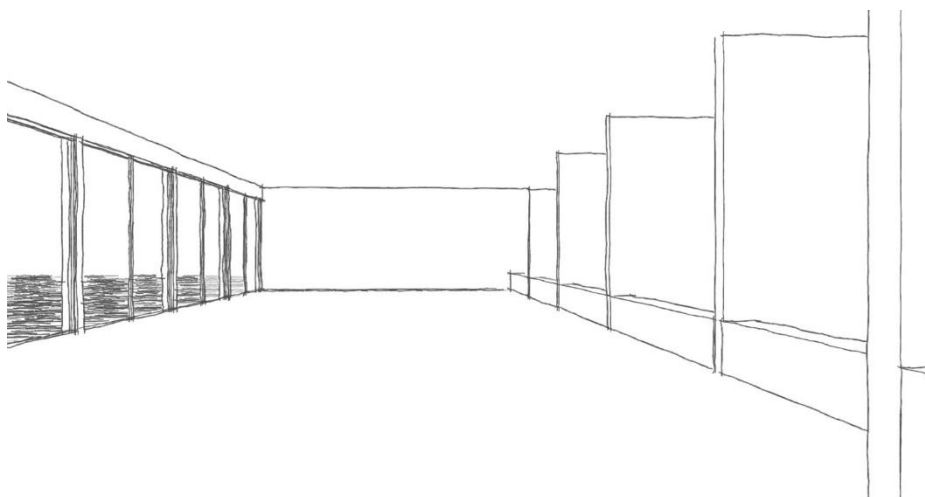
---

<sup>19</sup> TÁVORA, Fernando, 2006. Da organização do Espaço, 8.ª Edição. Porto: Faculdade de Arquitetura da Univ., p.59



Desta forma, o projeto de arquitetura deve ser pensado num “todo”, que é o terreno em que se insere, com as suas partes. Este respeito pelo terreno e pelo espaço envolvente vai refletir-se volumétrica e espacialmente na proposta de arquitetura. As formas físicas do projeto devem ser coerentes com o terreno, o que sugere uma volumetria completamente adogada às suas condicionantes e às suas cotas. A arquitetura relaciona-se com o seu meio, estabelecendo um diálogo não só com o utilizador, mas também com todo o seu espaço envolvente. Aqui, o sítio e as suas características ajudam a fazer a arquitetura, de carácter contextualista. O projeto proposto, no seu contexto geral e na sua relação com a envolvente, pressupõe então um conjunto de volumes conectados entre si, que se inserem no terreno de forma natural. O muro de pedra existente no terreno é mantido e, aquele que já fazia parte da história da vila, faz agora também parte integrante do projeto de arquitetura e da sua essência. O edifício acontece para lá deste muro e para que este espaço também não perca a sua importância, parte do edifício encontra-se enterrada e a outra parte, que sai à superfície, é desenhada de forma a acompanhar o terreno e a interligar-se com o mesmo. Deste modo, também o projeto e a sua volumetria retratam a espacialidade interior do edifício – uma volumetria que está adequada e que quer deixar ler pelo seu exterior, as suas atividades interiores. Assim, é a intenção do projeto e da volumetria criada, manter sempre relações entre o interior e o exterior, criando assim um envolvimento não só conceptual, mas também físico, entre a volumetria e o terreno que a abraça. Esta ideologia é parte estrutural do conceito do projeto e reflete-se na conceção do mesmo, sendo a partir dela que o projeto se desenvolve.

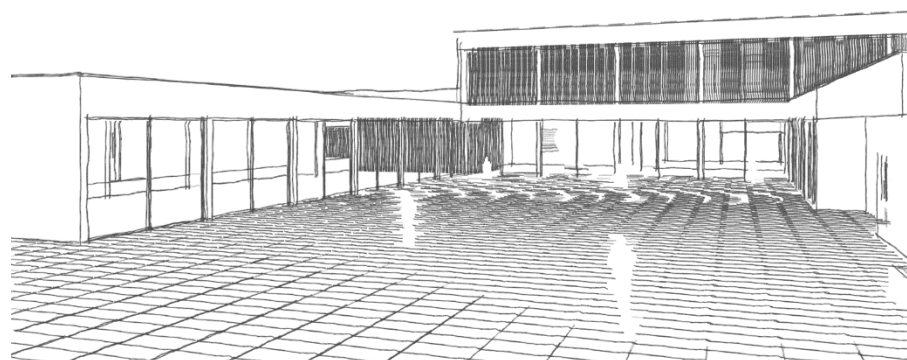
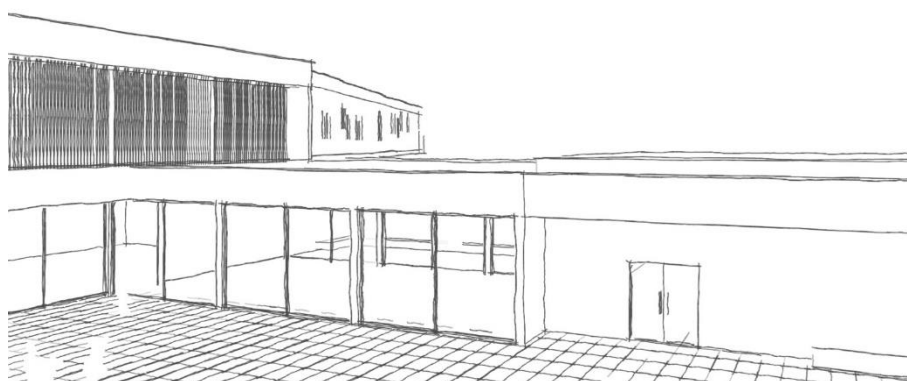
O edifício proposto para o trabalho de projeto, e tendo em conta as problemáticas anteriormente referidas, deveria surgir de forma a resolver e providenciar soluções para estas questões. Não é possível resolver todos os problemas do quotidiano, mas através da arquitetura, alguns desses problemas podem encontrar as suas soluções. Este é talvez o papel mais fundamental da arquitetura, poder solucionar problemas e melhorar a qualidade de vida das pessoas. A arquitetura existe para o ser humano, e participa na sociedade através do espaço construído, onde cria o seu vínculo com o utilizador. Partindo das várias problemáticas encontradas na Vila de Castelo de Paiva, procurou-se então encontrar soluções para as mesmas, através da arquitetura. Quando se projeta uma obra, ela fica imersa dentro de um meio físico, cultural e social – esta combinação de fatores leva à composição de um programa arquitetónico que carrega uma série de necessidades específicas. Deste forma, e após vários estudos e uma longa análise, entendeu-se que o ideal seria criar um equipamento cultural, com capacidades suficientes para ser um marco na divulgação das artes e da cultura tradicional do



**Figuras 99 e 100.** Interior – mercado e foyer/área de exposição – Perspetivas

concelho. A ideia é que o equipamento proposto, para além do seu carácter cultural, tenha também uma génese social e que, através do seu programa, possa dar resposta às problemáticas referidas. Assim, nasce a ideia de criar o “Sítio das Artes e Culturas de Castelo de Paiva”, um equipamento cultural multifuncional, capaz de servir todas as atividades culturais do concelho e criar, no seu interior e exterior, um espaço de ligação e encontro entre as várias gerações. Esta multifuncionalidade e polivalência do programa é a ideia e o conceito principal do projeto de arquitetura, e revê-se na capacidade do edifício se transformar conforme as suas necessidades programáticas, servindo várias atividades de carácter cultural.

Todos os espaços do programa têm uma capacidade adaptativa e multifuncional, que lhes permite cumprir até outro tipo de funções para além daquela que lhes é atribuída. O mercado, o bar, o auditório, a área expositiva, e os ateliers de artes são as partes mais importantes constituintes do projeto, e todos eles têm funções diferentes, mas todos eles se podem transformar e servir outras atividades, e todos eles se relacionam entre si através do seu programa cultural. Os ateliers de artes permitem produzir e ensinar as mais variadas artes e culturas, em espaços que se podem aumentar consoante as necessidades programáticas e se podem unir num espaço comum, um pátio exterior que faz a ligação do interior com a sua envolvente, sendo também um espaço de partilha de conhecimentos entre artistas. O conteúdo produzido nos ateliers de artes pode ser exposto ao longo de todo o edifício, que permite sempre esta possibilidade, ou na área de exposições permanentes, ou no mercado, onde pode também ser divulgado e vendido. O novo mercado, traz de volta as memórias do tradicional, mas também procura ser um espaço inovador, capaz de entrelaçar a tradição com o contemporâneo e onde tudo é possível de acontecer, num espaço multifuncional de grande dimensão que permite que os habitantes de Castelo de Paiva possam vender os seus produtos e dar a conhecer a cultura paivense. A área de exposição permite receber exposições de grande dimensão, e também deverá expor regularmente conteúdos tradicionais produzidos nos ateliers de artes, de forma a promover e a divulgar não só a cultura de Castelo de Paiva, mas também dar a acontecer o tipo de atividades artísticas e culturais que acontecem no interior do edifício, através de exposições que por ele se espalham, e que quase “obrigam” o utilizador a percorrê-las e conhecer melhor os trabalhos feitos num programa que este equipamento serve. Assim, dá-se a conhecer o que acontece no edifício e promove-se a multiculturalidade que este alberga. Por esta razão, o programa deste equipamento não tem apenas uma conceção cultural – é um programa cultural que tem uma génese artística e oficial, de artesanato. O auditório, através da sua capacidade e dimensão, permite a realização de grandes eventos, e devido à sua multifuncionalidade permite a realização das mais diversas atividades

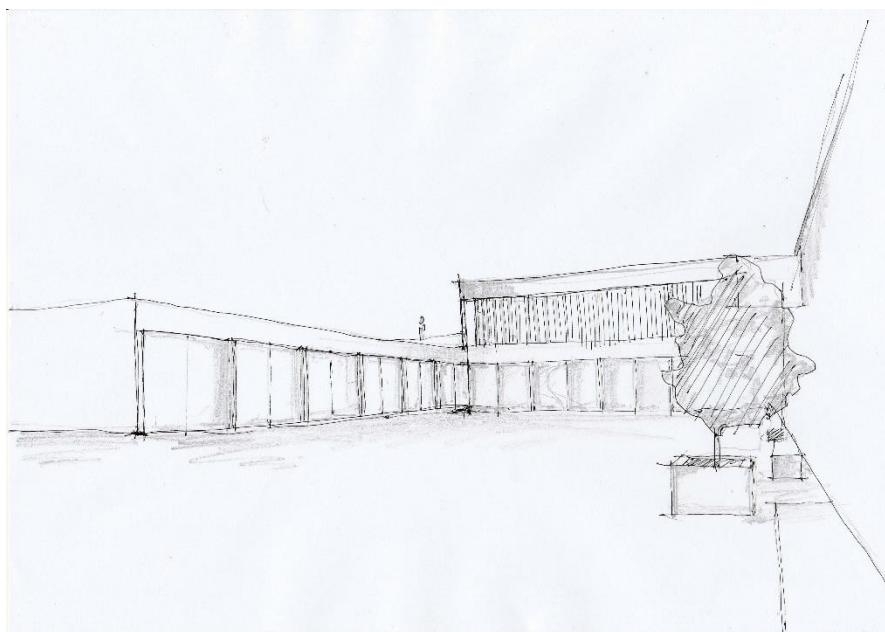
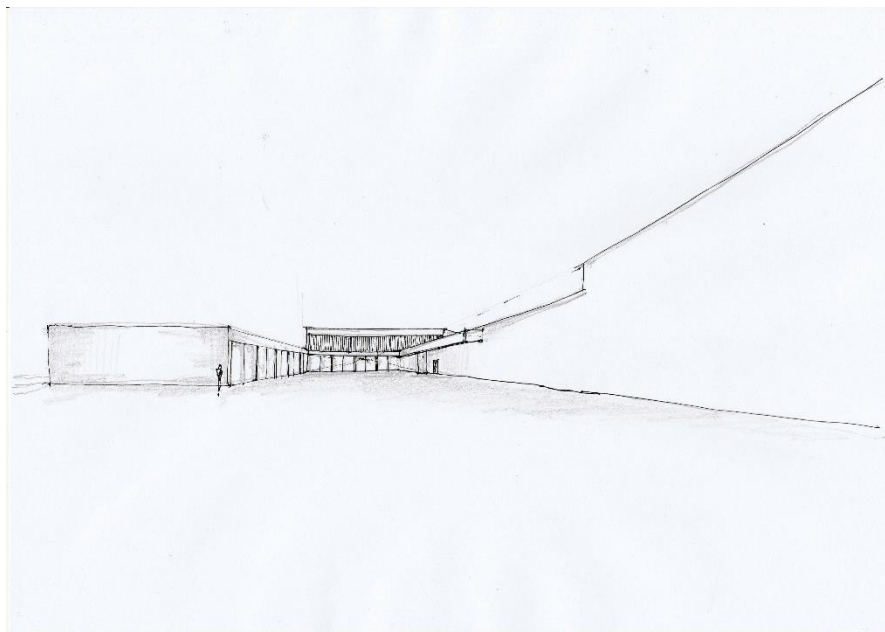


**Figuras 101 e 102.** Relação dos espaços com a praça - Perspetivas



culturais, como peças de teatro, concertos, espetáculos de artes performativas, noites de cinema, entre outros... O bar, assim como o auditório, pode funcionar de forma independente ao resto do edifício, o que permite um maior usufruto dos espaços e realizar também outro tipo de atividades. Esta capacidade de transformar o espaço em muito mais do que aquilo que o mesmo aparenta ser capaz de servir, é reconhecível ao longo do projeto. Desta forma, é possível entender que esta correlação entre todos os espaços e programas do edifício, é também parte constituinte da ideia de projeto. A fim de evitar espaços monofuncionais, a distribuição programática pretende que cada programa se estenda para o próximo, e através de paredes que se removem e abrem o espaço, criam-se vários espaços diferentes e com maior amplitude. Nos meses de verão, as salas de exposição e até o mercado, podem expandir-se e abrir-se para o exterior, podendo servir feiras tradicionais, atividades culturais, concertos, mercados ao ar livre, exposições exteriores, entre outros. Estender, anexar, adicionar, incluir, aumentar... tudo é possível. E é mesmo essa a intenção fulcral do projeto – criar espaços multifuncionais que possam servir várias propostas programáticas, e possam ser alteradas consoantes as necessidades requeridas. As fachadas que ligam o edifício ao seu exterior são completamente permeáveis, permitindo assim a abertura destes espaços para o exterior, caso seja necessário aumentar estas áreas ou até criar diferentes eventos num espaço único. Estes dois espaços – o mercado e a sala de exposição – podem até juntar-se num único ambiente exterior, que permite a abertura dos espaços referidos e é provavelmente o elemento mais importante deste projeto de arquitetura – é um espaço que é o “todo” das partes referidas anteriormente e que é o núcleo de todo o projeto: a praça.

Num primeiro contacto com o terreno, trabalhado como espaço exterior público e que tem o objetivo de servir como um pequeno parque na cidade, acedendo pela escadaria escultórica que marca o início do projeto, o que contemplamos primeiramente, é a plataforma elevada que acolhe a praça – este é o elemento que nos leva ao edifício. É através dela que podemos aceder aos vários programas que o projeto engloba. A criação deste espaço público comum, atua como um conector entre todos os elementos, e proporciona um local para a vida pública na área, trabalhando como espaço de ligação entre o equipamento e as pessoas que o visitam. Desde sempre, as praças são espaços públicos com um carácter importante na cidade, e independentemente do seu desenho ou forma, servem como ponto central para a vida social e cultural de cada território. A relação entre a área aberta da praça, os edifícios que a envolvem e o plano aberto do céu, proporciona uma experiência de interligação e de criação de vários momentos para o utilizador. As atividades realizadas na praça, contribuem para a sua vivacidade, e proporcionam uma atração



**Figuras 103 e 104.** Praça – Desenhos à mão levantada

visual. É através do movimento e das ações praticadas na praça, que as pessoas são convidadas a entrar e descobrir o que acontece para além desta – isso vai de encontro à intenção do projeto, que se prende por criar um ponto de encontro entre várias gerações, providenciando o contacto mútuo entre estas, tornando-se num elemento de ligação e socialização. Para além disto, é na praça que se realiza o momento de pausa daquilo que é o movimento das ruas, e desta forma a praça funciona também como espaço de descanso.

Do ponto de vista programático e da utilização do edifício, a praça surge como extensão entre vários pontos do projeto – por exemplo, serve como amplificação do mercado e da área de exposição, mas também como um espaço possível para a realização de outras atividades culturais da comunidade. Ao haver esta possibilidade de extensão, a praça, o mercado e a área de exposição, podem criar um espaço único que permita a realização de eventos de maior capacidade e com várias particularidades. A praça é o elemento que liga todas as partes do projeto, é o espaço que harmoniza as relações entre os espaços interiores e entre os vários programas, é um espaço cultural aberto e fechado. Como acontecia antigamente na cultura grega, com a ágora, a praça da cidade servia como mercado/espaço de comércio. A intenção do projeto, é que a praça passe a ser um elemento multifuncional que permite diversas atividades. Assim, entende-se que as praças são pontos importantes em projetos de arquitetura, sendo uma peça chave na interação entre a comunidade. Em adição, a praça para além de servir como espaço público, serve também como elemento ambiente para os edifícios que a circundam, permitindo que nestes se possa observar o movimento, a ligação entre as pessoas e sua socialização. Como referia Tadao Ando, “O espaço só ganha vida quando as pessoas entram nele. Então, o papel importante que a arquitetura pode desempenhar, e que o espaço desempenha dentro da arquitetura, é o de estimular a interação entre as pessoas (...)”<sup>20</sup> Desta forma, a praça é um dos pontos mais importantes do projeto, senão o mais importante. Através da praça e da sua posição elevada, também se faz uma relação com a envolvente próxima, trazendo de novo essa proximidade com a paisagem já referida anteriormente. Para além deste espaço, criam-se outros pontos de paragem no projeto, que fazem ligação também com a paisagem e criam uma aproximação com o terreno, como o miradouro proposto e os pátios exteriores dos ateliers. Ainda dentro deste ponto, é importante referir também que a própria materialização do edifício e os seus elementos construtivos, são parte do conceito do projeto. O betão branco exterior que compõe a volumetria na sua totalidade, através

---

<sup>20</sup> AUPING, Michael, 2002. Tadao Ando, Conversas com Michael Auping. Barcelona: Gustavo Gili, p. 31



**Figuras 105 e 106.** Interiores – corredores de acesso ao mercado e ateliers – Perspetivas



**Figura 107.** Maqueta de estudo com proposta final

da sua cofragem horizontal desanuvia o peso do edifício no terreno, fazendo com este se integre completamente no terreno e na sua morfologia topográfica, quase fazendo parecer que o edifício nasce dele, rasgando-o. A aplicação de elementos de madeira, tanto no interior como no exterior do edifício, reflete uma aproximação a envolvente, que é caracterizada pelo seu massivo arbóreo e pela sua paisagem natural, coberta de vegetação. Duas das fachadas têm um conjunto de janelas que formam uma composição *mondriana*, transparecendo para o exterior o caráter artístico do interior, criando novamente uma relação entre estes dois momentos. A pedra granito também compõe o projeto, pois é dos elementos construtivos mais utilizados na arquitetura de Castelo de Paiva, e assim faz-se também uma relação próxima com o muro já existente, também em pedra granito. O vidro, que compõe quase todas as fachadas de forma notória e em grande quantidade, é o elemento que permite a maior ligação do interior com o exterior, com a envolvente próxima e não próxima. Para além disso, permite que haja sempre uma ligação visual entre os três corpos e que todo o edifício seja física e visualmente permeável. Ainda que enraizado com a memória do lugar, o edifício tem um caráter vanguardista que remete ao tempo presente e o uso dos materiais escolhidos permite introduzir essa ligação entre o contemporâneo e o “antigo”, sem nunca fugir daquilo que constitui a verdadeira imagem do lugar.

Toda a área de terreno não construída, a área envolvente ao equipamento, foi desenhada para ser constituída por espaços verdes e por árvores, que para além de integrarem o edifício na paisagem através da sua dissimulação, proporcionam zonas de sombra e de estar. Para além destes espaços, também a escadaria de acesso à praça serve como elemento de paragem, criando uma espécie de anfiteatro que também serve como ponto de encontro e como espaço de estar. Esta escadaria que também compreende zonas de sombra, tem a função de acompanhar o acesso à praça, direcionando os utilizadores para esta. Apesar do seu caráter monumental, a escada é desenhada de forma a ficar integrada no terreno, como se já fizesse parte dele, respeitando mais uma vez o caráter do lugar. Todo o espaço exterior envolvente ao edifício e todos os seus elementos, foram pensados e concebidos de forma a dar ao projeto o caráter de espaço público e social que é idealizado no seu conceito.

Em jeito conclusivo, e ainda que muitas vezes a ideia inicial do projeto não se reflita por completo na solução final, pois ao longo do processo de desenvolvimento do mesmo surgem algumas condicionantes que impedem que assim o seja, esta ideia reflete-se totalmente na conceção final deste projeto, ainda que por vezes só se manifeste de forma ténue.



### 4.3.2 Programa Proposto

ESPAÇO	QTD.	ÁREA (m <sup>2</sup> )
Área Total do Terreno		10 187.50 m <sup>2</sup>
Área de Implantação do Edifício		4 491.691 m <sup>2</sup>
PISO 1		
Foyer/Zona de espera		60
Sala de Reuniões		18
Gabinete do Diretor		20
Instalações Sanitárias	2	3
Secretaria		12,5
Arquivo		5
Atelier de Artes Plásticas	2	40
Arrumos Artes Plásticas	2	7
Atelier de Artes Performativas	2	35
Arrumos Artes Performativas	2	10
Atelier de Manifestações Tradicionais	2	35
Arrumos Manifestações Tradicionais	2	10
Atelier de Audiovisual	2	39
Atelier de Audiovisual		19
Sala de <i>Brainstorming</i>		39
Instalação Sanitária Feminina		14
Instalação Sanitária Masculina		10
Instalação Sanitária Mobilidade Reduzida		5
Balneário Feminino		19
Balneário Masculino		19
Circulação		247

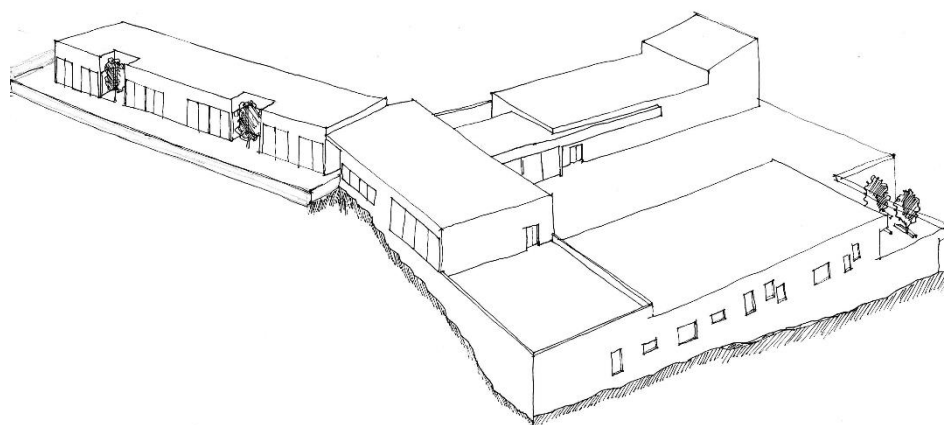
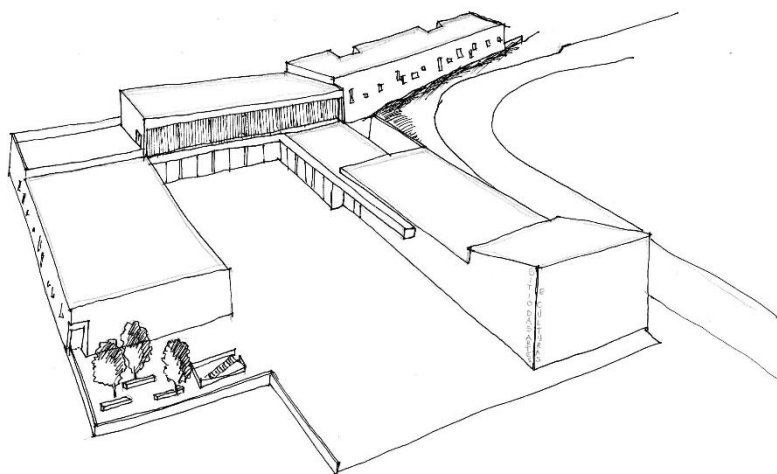




Piso 0	Pátio Exterior para Trabalhos dos Ateliers		280
	Pátio/Miradouro Exterior Público		110
	Área Total do Piso		1 112
	Foyer/Área de Exposições Temporárias		400
	Receção/Bilheteira		11
	Bengaleiro		11
	Instalação Sanitária Feminina		19
	Instalação Sanitária Masculina		19
	Instalação Sanitária Mobilidade Reduzida		5
	Sala de Funcionários		11
	Balneário Funcionários Feminino		26,5
	Balneário Funcionários Masculino		26,5
	Mercado/Área de Estar		415
	Lojas Fixas	5	30
	Bar		40
	Cozinha (Bar)		12
	Sala de Exposição Permanente/		210
	Pátio Exterior		110
	Foyer Auditório		130
	Cabine de Controlo Audiovisual		30
	Circulação		126
	Área Total do Piso		1 819
Piso -1	Auditório (255 lugares)		260
	Palco		111
	Área Técnica		38



Armazém		60
Camarins Individuais	4	13
Instalações Sanitárias Camarins Individuais	4	4
Camarim Coletivo 1		17
Balneário Camarim Coletivo 1		10
Camarim Coletivo 2		22
Balneário Camarim Coletivo 2		10
Armazém/Guarda-Roupa		25
Sala de Manutenção Elevador		4,5
Foyer Secundário		60
Arrumos de Limpeza	2	3,5
Instalação Sanitária Feminina		15
Instalação Sanitária Mob. Red. Feminina		6
Instalação Sanitária Masculina		17
Instalação Sanitária Mob. Red. Masculina		6
Bengaleiro		11
Parque Estacionamento (38 lug.) + Cargas e Descargas		1 600
Arrumos	6	10
Arrumos de Limpeza		11
Armazém Apoio Mercado		60
Zona de Lixos		8
Área Técnica/AVACS		60
Circulação		163,6
Área Total do Piso		2 911
Praça Exterior (Acessos, Zonas de Estar e Circulação)		1 700
Lugares de Estacionamento Propostos	38	
Lugares de Estacionamento Exteriores	18	



**Figuras 108 e 109.** Vista aérea – Desenhos à mão levantada

### 4.3.3 O Projeto

Um edifício na sua individualidade, sem qualquer relação com o lugar em que se insere e com os outros elementos que o compõem, é exíguo e insignificante. Um projeto de arquitetura não será pertinente se não for pensado em conjunto com outras tantas questões que o compõem e, por isso, deve relacionar-se logicamente e espacialmente com o lugar em que se insere, com o terreno, com a sua envolvente e com a sua história. A arquitetura relaciona-se com o seu meio, estabelecendo um diálogo com todo o seu espaço envolvente, influenciando e sendo influenciada por este. Como foi sendo mencionado ao longo do trabalho, a elaboração deste projeto de arquitetura proposto passou por um processo constante de investigação, análise e levantamento, desde a história e memória do lugar, à topografia do terreno e a ligação com a envolvente. É através destas características que o equipamento proposto ganha um programa e, por conseguinte, uma forma, que atua sempre em ligação com o lugar.

Na sua implantação, num terreno que abrange 10 187.50 m<sup>2</sup> de área total e é confinante com a Quinta da Boavista, o edifício insere-se no terreno de forma ponderada através da evidência de três volumes ortogonais e de um braço diagonal, que à primeira vista parecem espaços diferentes, mas que conceptualmente formam um conjunto único de espaços ligados entre si. É através da forma orgânica e abstrata do terreno que nasce também esta ideia de implantação, pensada de maneira a compor um desenho que ocupasse o terreno de forma distribuída e racional, pensando em todas as suas partes e tirando proveito de todos os pontos, enfatizando também a sua relação óbvia com o edifício. O volume proposto integra-se no terreno e, ainda que tenha uma forma ortogonal forte, enquadra-se na sua morfologia topográfica, tornando-se oculto em alguns momentos em que fica enterrado. A ideia principal da implantação proposta é que não se mexa muito na topografia natural do terreno, valorizando a horizontalidade do edifício, que surge em harmonia com o mesmo, criando relações entre o interior e o exterior, o construído e o não construído.

Exteriormente, todo o espaço foi pensado de forma a criar pontos de encontro, de partilha e de estar, espaços verdes exteriores que dão um cariz público e social ao edifício, permitindo e promovendo a convivência entre os vários habitantes. O primeiro momento em que este conceito se reflete, é na escadaria proposta que dá acesso à praça, que se evidencia pelo seu carácter monumental através de largos degraus em pedra, que acompanham o terreno, funcionando como anfiteatro e criando pontos de estar e de sombra, que cobrem quem a percorre. O desenho da escada foi pensado de forma a conduzir o utilizador à praça, jogando com a posição



**Figura 110.** Praça – Render 3D

dos degraus, encaminhando assim quem as percorre a chegar à zona central – a praça. Este é o primeiro ponto de ligação entre todo o projeto, é aqui que se proporciona o primeiro momento de contacto com o edifício, mas é também o espaço que funciona como prolongamento deste. A praça é uma área concebida para acolher a presença humana e o movimento que esta irradia, proporcionando pontos de encontro, de interligação entre utilizadores, mas também espaços de pausa. Assim, ela está equipada com zonas de estar e espaços de sombra, possibilitando momentos de descanso e pausa, mas também momentos de contemplação. Este espaço coletivo tem um carácter vital para a vila e para os seus habitantes, promovendo a interligação entre estes e funcionando como espaço social, sendo aqui que se podem realizar as mais diversas atividades culturais. É também através da praça e da sua localização centrada, que o utilizador se sente envolvido pelo corpo de edifícios que a rodeia, permitindo que haja uma visão generalizada sobre todo o projeto. É aqui que se entende a alternância volumétrica que caracteriza o edifício a partir da qual se pode ter uma ideia dos diferentes programas, funções e necessidades, evidenciados por essa diferença de alturas que faz com que o edifício exteriormente pareça dividido, mas que na verdade tem todos os espaços interiores interligados entre si. Qualquer parte do edifício pode ser acedida através da praça e é nisso que se reflete a sua centralidade, mas é partir do corpo central que se faz a ligação principal entre todas as partes do projeto.

O edifício, do ponto de vista do seu conceito, funciona como um conjunto e é assim que deve ser sempre referido, isto porque a nível programático todos os espaços funcionam em função uns dos outros, permitindo a interligação entre diversos programas, mas esses programas são proporcionados por três momentos – **o mercado, o auditório/exposição e os ateliers artísticos**. É importante também referir a praça como um quarto momento, sendo nela que se faz a extensão programática dos outros momentos, mas isto ficará para referir mais tarde. O que importa desenvolver neste ponto do trabalho, é a função da praça como elemento de ligação com o foyer principal, que funciona como ponto de partida para todos os outros pontos que o programa inclui. Este espaço central, destaca-se pela sua grande área aberta, que inclui uma escada de formato redondo, que corta toda a ortogonalidade interior e se desenvolve num pé-direito duplo que enche o espaço de luz. A escada foi pensada de forma a constituir um elemento não só de circulação, mas que também tem um carácter escultórico e a sua construção em madeira com vidro, permite observar quem a percorre, criando assim a ideia de movimento. A sua posição descentrada do foyer, permite o aproveitamento de espaço do mesmo e remete para os vários desalinhamentos que vão acontecendo ao longo do projeto. Para além da escada, também a receção e a bilheteira/bengaleiro compõem o espaço,





aparecendo no plano de fundo de quem entra no edifício, isto também acontece de forma a deixar o espaço central do foyer livre, visto que este foi concebido de forma a funcionar como espaço de exposições. Para além destes espaços, é também aqui que se localizam as principais instalações sanitárias do edifício, que servem o público.

A partir do foyer central há muitos sentidos a percorrer e sendo que este faz a distribuição de todos os espaços, é possível ir para cima, para a esquerda ou para a direita. Ao percorrer o edifício para o lado esquerdo, encontramos um dos espaços mais importantes que constituem o programa – **o mercado**. Aqui, o mercado tradicional conhecido ganha forma, ainda que organizado de forma diferente, com um conceito mais vanguardista, ele mantém um pouco da sua estrutura original. As bancas de venda aparecem distribuídas ao longo deste espaço com mais de 600m<sup>2</sup> que para além destas, dispõe ainda de cinco lojas fixas que podem ser usadas para diversos fins comerciais e que apesar de conterem já uma bancada pré-definida, podem ser adaptadas consoante o uso necessário, dando liberdade ao comerciante de as transformar conforme precisar. Toda a materialização deste espaço de 6x5 metros, foi feita de igual forma, e ainda que este possa ser transformado, as cinco lojas vão sempre manter uma estrutura equivalente. O espaço do mercado é provavelmente um dos elementos mais importantes no projeto, sendo aqui que se promove e faz a venda dos produtos e ofícios tradicionais de Castelo de Paiva, alguns deles também potencialmente produzidos nos ateliers artísticos e que são o principal motivador para a proposta deste programa cultural. Todo o espaço do mercado pode também ser utilizado para a colocação de exposições temporárias, servindo também como alargamento da sala de exposição. O mais importante acerca deste espaço é a forma como ele pode evoluir, servindo outros tipos de atividades culturais e albergando eventos de grandes dimensões, pois tem a capacidade de se abrir para a praça exterior, através de uma fachada completamente permeável. Assim, caso seja necessário aumentar à área do mercado é possível abri-lo completamente para a praça, tornando dois espaços num único e permitindo a realização de eventos no exterior como mercados ao ar livre, feira do livro, feira agrícola, entre outros eventos culturais. Esta multifuncionalidade e polivalência espelhada na forma como os espaços podem evoluir consoantes as suas necessidades, vai-se verificando ao longo do projeto, sendo um dos conceitos mais importantes do mesmo. Ainda dentro do mesmo espaço foi proposto um bar com cerca de 40m<sup>2</sup>, que inclui uma pequena cozinha para a preparação de alimentos, e que serve todo o equipamento. Este espaço, ainda que colocado dentro da área do mercado pode funcionar independentemente do mesmo, permitindo assim o seu uso fora das horas de abertura do equipamento e é através de uma parede amovível que se pode fazer a separação entre o espaço do bar e a zona do mercado, impedindo assim o acesso



**Figura 111.** Praça. À mesma cota – foyer, sala de exposição e entrada do auditório. Render 3D

quando este se encontra encerrado. O bar inclui uma pequena zona de refeições, que também pode ser trazida para o exterior, funcionando como esplanada e mais uma vez permitindo aumentar o espaço. Assim, este pode também funcionar como ponto de encontro e socialização da praça, para que seja utilizado mesmo quando o equipamento está encerrado, permitindo servir o auditório em dia de espetáculos ou concertos, por exemplo.

A distribuição das lojas fixas e do bar é feita através de um longo corredor que dispõe de um acesso privado para os funcionários do equipamento, permitindo que estes não tenham que passar por todo o edifício para irem para os seus postos de trabalho, e que tenham uma saída privada para o exterior, neste caso, para a praça. Este acesso pode também ser feito através do parque de estacionamento inferior, a partir do qual também se fazem as cargas e descargas para o armazém do mercado, que podem ser transportadas através de um elevador monta-cargas. Ainda nesta zona, numa área mais privada, estão situados os balneários dos funcionários assim como uma sala para os mesmos. No piso inferior correspondente ao estacionamento, é possível encontrar toda a área técnica de funcionamento do mercado – o armazém, arrumos de limpeza, uma sala técnica e de avacs e ainda a zona de lixos, a partir da qual se faz a recolha.

Voltando ao foyer principal que, apesar de ser denominado desta forma, tem a potencialidade de servir como extensão da **área de exposição**, que se encontra quando se percorre o edifício para a direita. Esta sala pode ser aumentada tanto para o foyer, como para a praça, mais uma vez possibilitando que o espaço se aumente e evolua, para realizar exposições ao ar livre e até fundir-se com o mercado num espaço central, permitindo a realização de atividades conjuntas. Adjacente a este espaço há ainda um pátio exterior com espaços de estar e de sombra, criando permitindo ao utilizador ter um ponto de paragem durante as exposições, e até mesmo acolher instalações no seu exterior. A área da sala é livre, permitindo todo o tipo de organização, consoante o tipo de exposição pretendida. Através de painéis amovíveis e de paredes que se removem e abrem o espaço que a sala ganha a capacidade de se prolongar e permitir que se crie a organização pretendida, consoante as necessidades programáticas. Assim, esta área expositiva tem a versatilidade de servir todo o tipo de programas expositivos e sendo o espaço que antecede o auditório, ainda funciona como foyer do mesmo, caso hajam eventos com um grande número de pessoas. A partir da sala de exposições, são três grandes portas pivotantes que dão acesso ao foyer principal do **auditório**, permitindo a abertura quase total do espaço, para que este se torne permeável e os dois espaços se juntem num só.



**Figura 112.** Sala de exposição/foyer do auditório e entrada privada do auditório. Render 3D

O espaço de entrada do auditório dispõe de uma entrada privada, para que seja possível a realização de eventos mesmo quando o equipamento está fechado, podendo ser acedido através da praça. Através desta zona, e de uma escadaria em madeira ou do elevador, faz-se o acesso ao piso inferior. Mas referindo ainda ao piso térreo, o primeiro espaço que antecede a entrada no auditório é a sala de controlo audiovisual, equipada com uma cabine de projeção que contém com duas cabines mais pequenas, para tradução por exemplo. A entrada no auditório pode ser feita a partir de duas portas superiores, que dão acesso às escadas laterais. O auditório está equipado para receber 255 pessoas sentadas e está preparado com lugares para pessoas com mobilidade reduzida, na zona superior, facilitando assim o acesso e permitindo que estes estejam perto das saídas. O auditório dispõe de um palco com uma área de cerca de 110m<sup>2</sup>, e a teia inclinada com uma altura máxima de quase 14m permite que hajam dois níveis técnicos, um superior que é feito através de uma galeria, e um inferior, para controlo de luzes e de panos. Assim permite-se a realização de performances de maior dimensão, como peças de teatro, concertos, conferências e palestras, por exemplo. É diretamente para o palco que se faz o acesso do armazém que se encontra no nível inferior, através de uma plataforma elevatória hidráulica, que permite fazer ligação direta entre ambos, facilitando assim o transporte de elementos de maior dimensão. No piso inferior, o armazém tem ligação direta com o parque de estacionamento e com a zona de cargas e descargas. Todo este pavimento inferior se encontra à mesma cota, facilitando assim o acesso e os transportes de material para o auditório. Ainda no piso inferior, é através de um corredor que acompanha o auditório lateralmente, que se faz acesso aos camarins – quatro camarins privados e dois camarins coletivos. Todos eles estão equipados com instalações sanitárias privativas e guarda roupa, e os camarins coletivos para além da instalação sanitária, possuem também uma zona de duches. Ainda neste piso, o auditório está equipado com instalações sanitárias independentes do resto do edifício e com um bengaleiro, para que desta forma o auditório possa funcionar de forma autónoma, fora dos horários dos restantes espaços. O estacionamento, que tem lugar para 38 carros, permite o acesso direto dos artistas e dos funcionários ao auditório, e está equipado com zonas de arrumos para estes, caso seja necessário.

De volta ao piso superior e de novo ao foyer central, subindo a escada circular ou através do elevador, faz-se a ligação com o último ponto que falta referir do projeto – a área administrativa e os ateliers. Nesta zona, por trás da escada abre-se uma grande janela que funciona como moldura da paisagem que atrás se apresenta. Aqui, e já na cota mais alta do projeto, foi projetada um pátio exterior, um miradouro virado a norte que permite tirar proveito da paisagem e do lugar em que o edifício se insere. Neste piso, situa-se a área administrativa, envolta numa ampla área de



**Figura 113.** Pátio exterior dos ateliers e entrada privada do diretor. Render 3D

espera, onde se encontra a secretaria, que tem a si associada um arquivo e uma instalação sanitária para funcionários. Ainda neste espaço privado, encontra-se a sala de reuniões ligada ao gabinete do diretor, que por sua parte está equipado com uma instalação sanitária privada. Esta zona pode ser acedida através da entrada principal, ou através de um acesso privado que pode ser feito pelas traseiras, passando pelo pátio que também serve os ateliers, permitindo assim que o diretor se dirija diretamente ao seu gabinete.

O momento seguinte, é o ponto rotatório do edifício, onde se encontram os **ateliers artísticos**, e outras áreas adjacentes ao mesmo, distribuídas ao longo de um corredor de grande dimensão. Estes ateliers, ainda que tenham denominações específicas devido ao seu programa, têm a capacidade de albergar qualquer tipo de atividade artística ou de qualquer outra componente cultural, mas estão “equipados” de forma a servir as características propostas. Mais uma vez, a multifuncionalidade inerente ao conceito do projeto permite que estes se desenvolvam e sejam transformados/evoluídos consoante as necessidades do utilizador. Os ateliers de Artes Plásticas, Artes Performativas e de Manifestações Tradicionais agrupam-se em três pares de espaços que podem ser evoluídos. Como existem dois ateliers de cada “arte”, estes foram colocados lado a lado, separados por uma parede móvel que pode ser retirada e desta forma, é possível transformar dois espaços num só, com o dobro da área – sendo assim possível servir todas as atividades que precisem de uma maior capacidade espacial e até atividades que não tenham a ver com o “tema” do atelier, como *workshops*, formações, cursos, entre outras. Todos estes ateliers estão equipados com arrumos, alguns individuais, alguns partilhados, para que se possam guardar materiais, permitindo assim um uso continuado ao longo do tempo. Já no quarto grupo de ateliers, que refere aos Ateliers de Audiovisual, esta possibilidade de aumentar o espaço já não existe, mas neste caso não existem duas, mas sim três salas que albergam atividades deste ou de outro tipo, tendo em conta que cada sala está construída de forma a que o seu uso não seja limitado a certas atividades. Apesar da ideia inicial ser pensada para o devido efeito – em que as salas disponíveis serviriam a parte de audiovisual, como fotografia, multimédia, vídeo, entre outras – é possível que não se façam apenas atividades deste caráter, mas também de outros tipos. A ideia principal na conceção destes ateliers, era que estes pudessem servir atividades como os ofícios tradicionais de Castelo de Paiva, de forma a mantê-los ativos na cultura do município, tendo em conta que alguns destes já se encontram “esquecidos” pela população. Assim, ao ter estas atividades nos ateliers, e em ligação com o mercado, o auditório e ainda com uma zona de exposição, é possível fazer mostras destes ofícios, manifestando a cultura há algum tempo deslemburada. Para além desta ideia, é também possível que os ateliers sejam alugados por artistas,



**Figuras 114 e 115.** Pátio exterior dos ateliers e entrada privativa. Render 3D



por um período de tempo indeterminado.

A área que engloba os ateliers está ainda equipada com uma zona de cacifos, dois balneários e instalações devidamente equipadas para pessoas com mobilidade reduzida. A nível da organização do espaço, os balneários foram colocados mais proximamente dos ateliers que albergam atividades mais “práticas”, enquanto que as instalações sanitárias e a zona de cacifos se encontram mais perto dos restantes ateliers. Não obstante, todos estes espaços foram projetados de forma a servir todos os utilizadores dos ateliers. Ainda adjacente a estes, foi proposta uma zona de *brainstorming* que inclui uma pequena biblioteca. Aqui, os utilizadores dos ateliers, podem juntar-se num processo de discussão de ideias e pensamentos, tendo em conta que na produção artística é quase indispensável a transmissão de ideias e a comunicação entre vários artistas. Desta forma, este espaço torna-se no ponto de ligação e comunicação entre os vários ateliers, permitindo assim o encontro entre usuários. O facto de este espaço estar equipado com uma pequena biblioteca/zona de leitura, motiva a criatividade e possibilita que os utilizadores terem um espaço tranquilo, que possam usar num momento de pausa ou de pesquisa para o desenvolvimento dos seus ofícios. Para além deste espaço, todos os ateliers têm acesso a um pátio exterior que permite a execução de trabalhos ao ar livre e que ao mesmo tempo possibilita uma relação visual com a paisagem envolvente. Ao mesmo tempo, como toda a fachada traseira dos ateliers é envidraçada é possível estabelecer contacto entre alguns ateliers, possibilitando assim que estes comuniquem entre si. O volume dos ateliers, assim como os outros volumes do edifício, possui um acesso privado, uma porta de vidro ao fundo do longo corredor – como o acesso é feito a uma cota inferior, de forma a não alterar a topografia natural do terreno, criaram-se umas escadas que dão acesso da cota do passeio à cotado pátio dos ateliers, que está numa cota mais abaixo que o terreno exterior, tornando este espaço mais restrito e independente.

Após referir todos os pontos importantes do equipamento individualmente, é importante falar do projeto no seu conjunto, e frisar a importância da relação entre todos os espaços. Estes, ainda que organizados em momentos diferentes, correlacionam-se através das suas relações e dos programas que partilham. Entende-se assim que tanto a nível espacial como a nível programático, todas as atividades que englobam o programa do edifício têm ligações comuns entre si, principalmente por serem todas atividades de carácter artístico/cultural, e porque ao percorrer qualquer lugar do edifício, é possível deparar-se com ligações inerentes às restantes atividades realizadas no mesmo. Por exemplo, os trabalhos/ofícios produzidos nos ateliers, podem ser expostos tanto na sala de exposição e áreas de expositivas ao longo do edifício, como no mercado, onde podem também ser vendidos nas bancas



**Figura 116.** Entrada privada de funcionários e zonas de estar exteriores. Render 3D



**Figura 117.** Escadas de acesso ao estacionamento. Render 3D

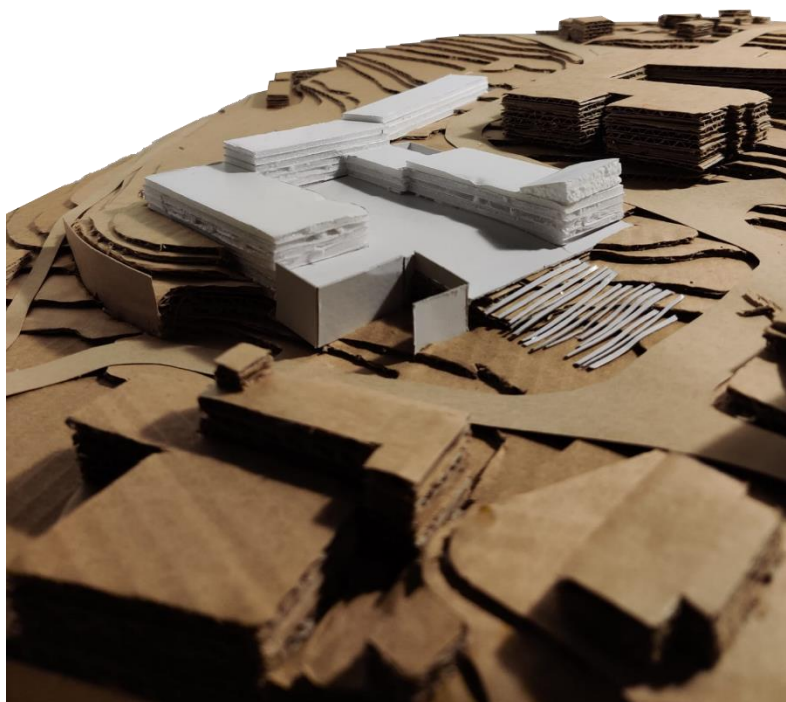
de venda que o mesmo engloba, de forma a divulgar estes ofícios. Também nas zonas de exposição ao longo de todo o edifício se dão a conhecer as atividades artísticas e culturais que acontecem na área dos ateliers artísticos. Os ensaios de Artes Performativas e o conteúdo produzido nos ateliers de Manifestações Tradicionais podem ser exibidos no auditório e desta forma, entende-se esta ligação comum entre todos os espaços, e a relação atribuída através da vertente artística e cultural. Assim, ainda que estes aconteçam em momentos separados, todos os pontos do equipamento têm uma ligação funcional e conceptual que é evidente. A continuidade entre estes espaços, é uma das características fundamentais deste projeto, como referia Fernando Távora, "O espaço é contínuo, não pode ser organizado com uma visão parcial, não aceita limitações na sua organização e do mesmo modo que forma o espaço estão intimamente ligados que uma é negativo do outro, e vice-versa, pelo que não podem separar-se, assim as formas visualmente apreendidas mantêm entre si estreitas relações – harmónicas ou desarmónicas – mas de qualquer modo evidentes."<sup>21</sup> Desta forma, o equipamento proposto revê-se num conceito de multifuncionalidade e adaptabilidade onde todos os espaços se influenciam e todos se relacionam, com o objetivo de enfatizar a cultura que detém um significado imenso para a cultura de Castelo de Paiva.

O equipamento proposto neste projeto de arquitetura, como já foi referido, encontra-se equipado com um parque de estacionamento interior, à cota da rua que possibilita o aparcamento e também os acessos de cargas e descargas para todo o equipamento, que são feitos em horários alternados com o acesso ao público. A partir daqui há uma escada que dá acesso à praça, mas também é possível sair do parque para a rua através de um percurso pedonal abrigado por uma pala. Para além do estacionamento interior foram propostos lugares de estacionamento exteriores e mantiveram-se alguns dos existentes. Ainda referente aos acessos é importante referir que todos os pontos do edifício são acessíveis para pessoas com mobilidade reduzida, seja através de elevadores ou de entradas que são feitas à cota. No exterior, foram projetados lugares de estacionamento para deficientes, a partir dos quais se pode fazer o acesso direto à praça, onde a entrada da mesma se encontra à cota do passeio, facilitando assim o acesso.

Do ponto de vista da sua organização interior, o projeto do equipamento já foi explicado, mas faltam referir algumas questões acerca da sua conceção, da volumetria no seu conjunto e da sua materialização, de forma a que possa haver uma compreensão geral do projeto e do seu todo. Exteriormente, o equipamento

---

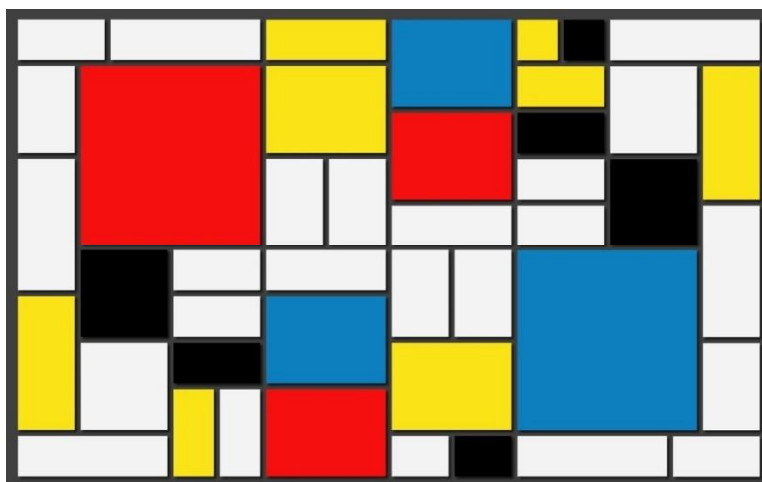
<sup>21</sup> TÁVORA, Fernando, 2006. Da organização do Espaço, 8.<sup>a</sup> Edição. Porto: Faculdade de Arquitetura da Univ., p.18



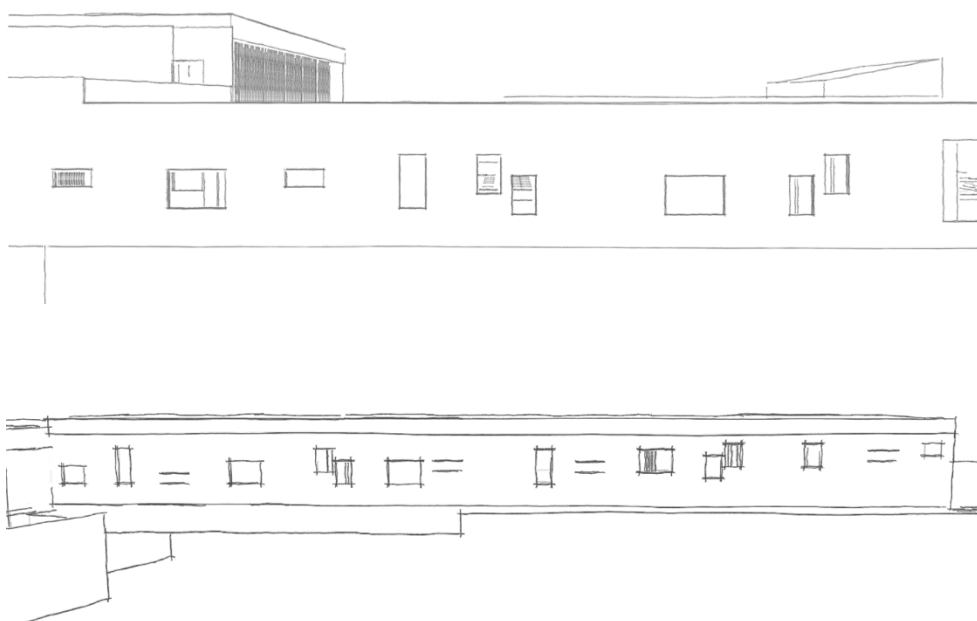
**Figuras 118 e 119.** Relação do volume com o terreno. Maqueta de estudo

apresenta-se sob a forma de um volume em “U” invertido e um braço diagonal que quebra a estaticidade do mesmo, criando um movimento de rotação. Como já foi referido anteriormente, a volumetria surge de forma a completar o terreno e seguir a sua forma, mas também de forma a dar resposta ao conteúdo programático proposto. Os volumes relacionam-se com o terreno através da sua inserção no mesmo, e de forma a não mexer muito na topografia natural do terreno, parte dos volumes encontram-se enterrados. Ainda assim, exteriormente alguns volumes são evidenciados, mas acompanham a estrutura natural do terreno. Para além de se manter a imagem do lugar, ao ficarem enterrados, os espaços interiores vão sempre manter uma temperatura amena, e ainda que projetados de forma a poder incluir instalações de ar condicionado, estas não são propostas, deixando assim o edifício à sua temperatura natural, tornando-o também mais sustentável. As fachadas envidraçadas permitem uma ventilação natural de todo o espaço deixando mais uma vez de fora a ideia da colocação de ar condicionado que se reflete num elevado consumo energético, tomando assim medidas de contenção climáticas. Para além de terem este efeito, estas foram também pensadas de forma a que haja sempre uma relação visual entre o interior e o exterior, mesmo nos volumes mais enterrados. Também interiormente, todos os espaços têm um pé-direito mínimo de 4,60 metros, criando assim espaços amplos e ventilados, e esta altura difere consoante a função do espaço, por exemplo, o foyer tem o pé-direito mais alto que a área de exposição e que o museu, permitindo assim criar uma sensação de desafogo cada vez que se volta à zona central do projeto. A maior variante de altura encontra-se no auditório, mais precisamente na zona da teia, que atinge os 15 metros de altura de forma a cumprir o desempenho necessário de acordo com as atividades realizadas no mesmo. A diferenciação de alturas entre os diversos espaços permite também marcar a diferença entre os vários programas, sendo que cada um deles tem especificações diferentes e por isso, têm alturas diferentes.

As fachadas envidraçadas repetem-se ao longo do edifício através de janelas de caixilharia minimalista com 4 metros de altura e folhas iguais, criando assim um desenho ritmado ao longo de todo o edifício. Na sua conceção, estas caixilhariadas de correr são embutidas, permitindo assim criar espaços completamente permeáveis e sem obstáculos, o que permite que áreas como o mercado e a sala de exposição se abram para a praça, tornando tudo num espaço único, o que também acontece na zona dos ateliers. A fachada do piso superior, onde se encontra a área administrativa, foi composta com painéis de ripado de madeira, permitindo assim a abertura total das janelas por trás destes, permitindo a ventilação do espaço criando também uma barreira de segurança. Para além deste efeito, esta fachada foi pensada de forma a diminuir um pouco a visibilidade para o interior, uma vez que se trata de uma zona



**Figura 120.** Piet Mondrian – Obra



**Figuras 121 e 122.** Fachadas *mondrianas* – mercado e ateliers.

mais técnica/administrativa. A aplicação da madeira na fachada contrasta com o betão branco exterior, quebrando assim a monotonia do espaço e mais uma vez trazendo a relação com espaço exterior para o edifício.

No mercado e nos ateliers, as fachadas propostas têm uma composição *mondriana* e foram pensadas conceptualmente para refletir a vertente artística que o interior alberga, mostrando mais uma vez esta relação entre o que está dentro e o que está fora, mas também foram projetadas de forma a acompanhar o declive natural do terreno. Nestes casos, e com influência das pinturas de Mondrian, as janelas foram desenhadas com base num quadro e da sua repetição, e estão colocadas de forma estratégica para também acompanharem a inclinação natural do terreno, permitindo uma constante relação visual entre o interior e o exterior, ao mesmo tempo que criam jogos de luz interiores e refletem o programa interior do edifício. Estas caixilharias de batente, permitem a ventilação natural do espaço e ao mesmo tempo, o seu ritmo abstrato contrasta com a ortogonalidade do edifício, dando a sensação de movimento ao mesmo.

Os materiais escolhidos são uma sequência de arquitetura, dando corpo e materializando a ideia, e por isso foram pensados em conjunto com o restante projeto. Exteriormente, e no que refere à sua materialização, os volumes são estruturados com paredes duplas de betão branco que fica aparente tanto no exterior como no interior das áreas principais. O mercado, interiormente tem o betão à vista, tanto na área de vendas como nas lojas fixas, criando assim uma uniformização dos espaços. Nas zonas técnicas, na área administrativa e nas instalações sanitárias e balneários, os espaços são compostos por paredes de gesso cartonado e revestidos com azulejos cerâmicos de cor branca. Na ligação entre o mercado e o foyer, a parede de betão é revestida com painéis de ripado de madeira, trazendo as características aplicadas no exterior para o interior, e fazendo ligação com a escadaria em madeira. Já no auditório os materiais escolhidos para o revestimento das paredes são em madeira e aglomerados, de forma a melhorar a qualidade acústica do mesmo. Todo o espaço é revestido desta forma e o palco também tem a sua estrutura em madeira. O pavimento do auditório é totalmente revestido a alcatifa de cor clara, por este ser um material absorvente sonoro.

Ainda a nível de pavimentos, em todas as áreas públicas do edifício foi utilizado um piso de grés porcelânico com efeito de pedra, este material é aplicado tanto no pavimento interior como no exterior. Assim, o pavimento é contínuo ao longo de todo o espaço da praça e do edifício, tornando tudo num espaço único e evidenciando essa continuidade que se mantém ao longo de todo o projeto. Nos balneários e nas instalações sanitárias optou-se por um revestimento de piso



**Figura 123.** Projeto – vista exterior. Render 3D



cerâmico, nas restantes áreas técnicas o piso é revestido com microcimento branco. No parque de estacionamento coberto, o piso é revestido com um autonivelante em resina epóxi antiderrapante.

Esta escolha de materiais foi feita de forma ponderada e de maneira a que estes, de alguma forma, se pudessem relacionar com o terreno e com a sua envolvente. A implantação de materiais mais novos, como é o caso do betão e do vidro, misturados com a madeira e com a pedra granito, criam uma relação entre o tradicional e o contemporâneo, trazendo assim para um edifício novo, memórias do passado, nunca fugindo daquilo que compõe a imagem do lugar. Todo o projeto é pensado no seu conjunto, com os espaços exteriores e na sua ligação com sempre com o objetivo de trabalhar o espaço como um todo, com as suas relações e com a sua história.



## 5. CONCLUSÃO

Trabalhar no contexto rural de um território tão rico em culturas e tradições tornou o percurso de elaboração do projeto um caminho desafiante, ainda para mais quando se trabalha sob um panorama em que o problema passa pela desvalorização das práticas artísticas e culturais que refletem as memórias coletivas de um lugar. Dessa forma, para a realização deste trabalho, foi necessário ter a sensibilidade de analisar todo o território, entender as suas problemáticas, mas principalmente, entender que através da arquitetura é possível encontrar uma forma de dar resposta às mesmas.

O território de Castelo de Paiva detém na sua herança cultural um conjunto de ofícios artísticos tradicionais, sendo que um dos problemas encontrados é que esses mesmos ofícios têm vindo a ser esquecidos ao longo do tempo e foram ficando estagnados entre gerações. Estes ofícios fazem parte da cultura e do património do concelho, tendo muita importância na sua história e, por isso, era necessário encontrar uma forma de expandir e relembrar essas artes. Para além disso, durante o processo de investigação do projeto, entendeu-se que Castelo de Paiva carecia de um equipamento artístico e cultural que pudesse albergar as mais diversas atividades artísticas e que servisse como meio de difusão para esses ofícios e manifestações tradicionais.

Por outro lado, havia também a necessidade de criar um espaço público comum aos habitantes que incentivasse a interação social e proporcionasse o encontro entre gerações. Para além dessas questões principais, juntou-se uma área morfologicamente incompleta do ponto de vista da malha urbana e, dessa forma, o projeto proposto acabou por contribuir para a resolução de problemas reais. Foi a partir da arquitetura que se criaram estratégias para dar resposta a todas as questões referidas anteriormente, que se refletiram numa proposta arquitetónica ponderada e consciente na sua intervenção.

O projeto visa contribuir para a regeneração da malha urbana de Castelo de Paiva e para a difusão artística e cultural do concelho, através de um equipamento que, juntamente com os restantes elementos do seu conjunto, contribui para a sua dinamização e coloca Castelo de Paiva num panorama mais elevado na região. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas ao longo da elaboração deste trabalho, é possível referir que o projeto apresentado surge em resposta aos problemas de forma positiva e que a sua proposta estabelece uma relação direta com os objetivos estipulados no início deste percurso.



Todo o exercício de pesquisa efetuado ao longo do trabalho constitui uma fonte de informação precisa acerca do concelho e o resultado final reflete-se num projeto de escala considerável, que se relaciona com a identidade do lugar e que reflete todo o trabalho de pesquisa e análise efetuado. É essencial frisar, mais uma vez, a importância entre o espaço público e os equipamentos culturais, principalmente quando trabalhados em zonas rurais, em que ambos devem contribuir para a valorização das artes e das culturas tradicionais, através da sua divulgação. Nunca é demais (re)afirmar a importância do papel da arquitetura e da sua capacidade de resolver problemas concretos, através da conceção de espaços qualificados, eficientes e funcionais.

Trabalhando com questões reais, sob um panorama existente, este projeto dá resposta a esses mesmos problemas e é possível concluir que a sua realização poderia, sem qualquer dúvida, contribuir para o desenvolvimento cultural e socioeconómico do concelho de Castelo de Paiva. Não obstante, encontrar outras soluções e meios de divulgação que permitam enaltecer a cultura e as tradições do concelho – através da realização de programas e atividades culturais para os mais novos, dando a conhecer estes ofícios e para que estes possam novamente percorrer gerações – seria uma medida importante para o desenvolvimento do concelho.



## **6. BIBLIOGRAFIA/REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### **Referências Bibliográficas:**

AUPING, Michael. 2002. Tadao Ando, Conversas com Michael Auping. Barcelona: Gustavo Gili, p. 31

DA ROCHA, Paulo Mendes. Revista Bravo, maio 2006. In: SCHARLACH, Cecília. Oscar Niemeyer – A marquise e o projeto original do Parque Ibirapuera. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

GLORYBOX, Lda (coord.), MORUJÃO, Maria do Rosário., FERNANDES, Paulo Almeida (textos). 2013. Guia Juvenil. Lousada: Rota do Românico, p.95

GONÇALVES, C.M.F. (2014) Modelação e validação da suscetibilidade à ocorrência de desabamentos no concelho de Castelo de Paiva. Tese de Mestrado em Sistemas de Informação Geográfica e Ordenamento do Território. FLUP, Porto. p. 13

MONTEREY, Guido de. 1997. Castelo de Paiva, Terras ao Léu. Porto: Babel, p.216

PINHO, Margarida Rosa Moreira de. 1991. Elementos para a História de Castelo de Paiva. Castelo de Paiva: ADEP, p.7

SILVA, E., ROCHA, M., LOUREIRO, O. & MONTEIRO, C. 1996. Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Paiva. Porto: Universidade Portucalense, p.14

TÁVORA, Fernando, 2006. Da organização do Espaço, 8.ª Edição. Porto: Faculdade de Arquitetura da Univ., p.59

Câmara Municipal de Castelo de Paiva, 2019. Rota dos Ofícios Tradicionais da Terra de Payva [Folheto Informativo em Livro]

Programa Estratégico de Reabilitação Urbana, Área de Reabilitação Urbana da Vila de Sobrado. 2017. Câmara Municipal de Castelo de Paiva, p.20

### **Bibliografia:**

CHING, Francis D.K. 2002. Arquitectura Forma, Espacio y Orden, 13.ª Edição. México: Gustavo Gili

FRAMPTON, Kenneth. 1963. Historia Crítica de la Arquitectura Moderna, 6.ª Edição. Barcelona: Gustavo Gili

GIEDION, Siegmund. 1980. Space, Time and Architecture. Cambridge: Harvard University Press





- LYNCH, Kevin. 1980. A imagem da cidade. Lisboa: Edições 70
- MONTANER, Josep Maria. 2000. Introducción a la Arquitectura. Conceptos Fundamentales. Barcelona: Edições UPC
- MONTANER, Josep Maria. 1993. Después del Movimiento Moderno. Arquitectura de la segunda mitad del Siglo XX. Barcelona: Gustavo Gili
- NORBERG-SCHULZ, Christian. 1965. Intentions in Architecture. Cambridge: MIT Press
- NORBERG-SCHULZ, Christian. 1980. Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture. Nova York: Rizzoli
- SIZA, Álvaro. 2012. Imaginar a Evidência. Lisboa: Edições 70
- ZUMTHOR, Peter. 2005. Paisagens Completadas, Pensar a Arquitetura, Barcelona: Gustavo Gili
- ZEVI, Bruno. 1918. Saber ver a arquitetura, 5.ª Edição. São Paulo: Martins Fontes

### **Sites consultados:**

- <https://www.archdaily.com.br/br>
- <https://www.ccdr-n.pt/>
- <http://censos.ine.pt>
- <https://www.cm-castelo-paiva.pt/>
- <http://www.dgterritorio.gov.pt/>
- <http://www.fat.pt/projecto/casa-das-artes/>
- <http://gisaweb.cm-porto.pt/>
- <http://montanhasmagicas.pt/pt/onde-ir/municipio-municipio/castelo-de-paiva/>
- <http://norteonline.ccdr-n.pt/>
- <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/>
- <https://www.portugalsos.com/index.php/portugal/aveiro/item/19352-historia-de-castelo-de-paiva>
- <http://www.rotadoromanico.com/en/>
- <http://www.worldcat.org/>